



Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul

Universidade Federal de Santa Catarina • 4 a 7 de maio de 2009

Caderno de Resumos e Programação

Colóquio Internacional
Gênero, Feminismos e Ditaduras
no Cone Sul

Caderno de Programação

Universidade Federal de Santa Catarina
4 a 7 de maio de 2009

Índice

Apresentação.....	5
Comissão Organizadora.....	7
Comissão Científica.....	8
Realização e Patrocínio.....	9
Programação.....	11
Trabalhos Seleccionados.....	13
Resumos.....	27

Apresentação

O Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul reúne pesquisador@s, professor@s e estudantes de seis países do Cone Sul: Argentina, Chile, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai. O evento é organizado, na Universidade Federal de Santa Catarina, pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) e pelo Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH) da UFSC.

A iniciativa para a realização deste Colóquio surgiu devido a um projeto de pesquisa que temos desenvolvido desde março de 2006. O projeto vem focalizando os movimentos de mulheres e feministas que, num movimento de expansão, atingiram, através das notícias, dos livros, da circulação de pessoas, diferentes países e em diversas épocas. Esse processo teve início nos Estados Unidos em meados dos anos sessenta, na Europa começou ainda no final dos anos sessenta e no Brasil e na América Latina em período posterior: no início dos anos setenta. O que temos observado é que, diferentemente dos Estados Unidos e de vários países da Europa, a América Latina e em especial o países do Cone Sul viveram nesses mesmos anos ditaduras militares que dificultavam a circulação de informação, impediam qualquer manifestação e possuíam um caráter altamente conservador. Aqui, muitas das pessoas que se identificaram com o feminismo e fizeram parte de movimentos sociais tiveram passagem por militância, armada ou não, em grupos de resistência às ditaduras.

Através deste evento, entre os dias 4 e 7 de maio de 2009, pretendemos constituir uma rede de pesquisador@s envolvid@s com pesquisa e recuperação da história recente no Cone Sul sobre a temática gênero, feminismos e ditaduras, produzindo, na troca e exposição dos trabalhos, um momento de debate e de produção original de conhecimentos sobre a temática.

Temos ainda como objetivos específicos: a) contribuir para a troca de experiências de pesquisa; b) proporcionar a possibilidade de elaboração de projetos conjuntos; c) fomentar futuros intercâmbios entre as várias universidades permitindo que se concretizem convênios de trocas de docentes e estudantes; d) estimular a participação de estudantes de graduação e pós-graduação nas discussões sobre a história recente dos países do Cone Sul; e) produzir conhecimento interdisciplinares que possam resultar em material bibliográfico a ser publicado

em livros e periódicos.

As conferências, as mesas redondas e os grupos de trabalho compreendem os seguintes temas: a) panorama da história das ditaduras sob uma perspectiva de gênero; b) feminismos em tempos de ditadura; c) o gênero da esquerda em tempos de ditadura; d) gênero e memória; e) gênero e práticas repressivas; f) gênero e exílio; g) trajetórias de mulheres na luta contra as ditaduras no Cone Sul. Além das palestras e mesas redondas, contamos com 138 comunicações de pesquisa que serão apresentados nos diversos grupos de trabalho.

Após o evento, pretendemos publicar os textos completos em anais eletrônicos e ainda uma seleção deles será transformada em coletâneas e dossiês de revistas acadêmicas.

Agradecemos o patrocínio da CAPES, da FAPESC, do PPGICH e do PPGH. Além deles, a tod@s s estudantes e professor@s do LEGH que se empenharam vivamente na organização deste Colóquio.

Joana Maria Pedro

Cristina Scheibe Wolff

Coordenadoras do Colóquio Internacional

Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul

Comissão Organizadora

Coordenação Geral:

Profa. Dra. Joana Maria Pedro

Profa. Dra. Cristina Scheibe Wolff

Comissão Coordenadora:

Adriano Luna de Oliveira Caetano

Ana Maria Veiga

Andrei Martin San Pablo Kotchergenko

Claudete Beise Ulrich

Deusa Maria de Sousa

Felipe Bruno Martins Fernandes

Gabriel Felipe Jacomel

Gabriela Miranda Marques

Isabel Cristina Hentz

Isabella Souza

Ivonete Pereira

Joana Vieira Borges

Juliana Bez Kroeger

Larissa Viegas de Mello Freitas

Lorena Zomer

Lidia Maria Vianna Possas

Lilian Back

Luciana Klanovicz

Maria Cristina de Oliveira Athayde

María Laura Osta Vázquez

Mariana Joffily

Mário Martins

Nailze Pereira de Azevêdo Pazin

Priscila Carboneri de Sena

Rosemeri Moreira

Sergio Luis Schlatter Junior

Soraia Carolina de Mello

Comissão Científica

Ana Lize Brancher/UFSC

Cláudio Pereira Elmir/UNISINOS

Cristina Scheibe Wolff/UFSC

Dora Barrancos/(UBA/Argentina)

Graciela Sapriza/(UR/Uruguai)

Ivonete Pereira/UNIOESTE

Joana Maria Pedro/UFSC

Lidia Maria Vianna Possas/UNESP

Mariana Joffily/UFSC

Roselane Neckel/UFSC

Realização

Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH)

Universidade Federal de Santa Catarina

Patrocínio

CAPES

FAPESC

Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH)
da Universidade Federal de Santa Catarina

Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal de
Santa Catarina

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação (PRPG/UFSC)

Secretaria Especial de Políticas para Mulheres

Programação

■ 4 de maio de 2009

19h: Conferência de Abertura

Panorama da história das ditaduras sob uma perspectiva de gênero.

Conferencista convidada: Elizabeth Jelin (IDES/ Argentina)

■ 5 de maio de 2009

9h – Mesa Redonda I:

Feminismos em tempos de ditadura.

Joana Maria Pedro (UFSC/ Brasil)

Line Bareiro (CEDEM/Paraguai)

Ana Alice Costa (UFBA/Brasil)

14h: Grupos de Trabalho

19h – Mesa Redonda 2:

O Gênero da Esquerda em tempos de Ditadura

Cristina Scheibe Wolff (UFSC/ Brasil)

Margarita Iglesias (UNC/ Chile)

Andréa Andújar (UBA/ Argentina)

■ 6 de maio de 2009

9h - Mesa Redonda 3:

Gênero e Memória

Graciela Sapriza (UR/ Uruguai)

Margareth Rago (Unicamp/Brasil)

14h – Grupos de Trabalho

19h - Mesa Redonda 4:
Gênero e Práticas Repressivas
Alfredo Boccia Paz (Paraguai)
Olívia Joffily (Brasil)
Samantha Quadrat (UFF/ Brasil)

■ 7 de maio de 2009

9h - Mesa Redonda 5:
Gênero e Exílio
Cláudio Pereira Elmir (Unisinos/Brasil)
Rachel Soihet (UFF/Brasil)
Albertina de Oliveira Costa (Fundação Carlos Chagas)

14h: Grupos de Trabalho

19h: Mesa de Encerramento:
Trajetórias de Mulheres na Luta contra as Ditaduras no Cone Sul
Alejandra Ciriza (Argentina)
Miriam Suarez (Bolívia)
Maria Amélia de Almeida Teles (Brasil)

Trabalhos selecionados

■ 5 de maio de 2009

Grupo de Trabalho 3 – Educação

Coordenação: Janine Gomes da Silva e Rachel Soihet

Local: Mini-auditório do CFH

1. Eleanor Gomes da Silva Palhano

Desigualdades educativas na formação da Mulher

2. Joice Oliveira Pacheco

Educação como espaço idealizado de emancipação das mulheres: leitura de duas brasileiras e algumas problematizações

3. Josenilda Pinto Mesquita e Joel Teodório Domingos da Silva

Feminilização do magistério: as escolas normais para senhoras na Bahia do séculoXIX

4. María Laura Osta Vázquez

La reforma educativa de José Pedro Varela y el papel otorgado a las mujeres, durante el periodo de la dictadura de Lorenzo Latorre (1876-1879)

5. Nailze Pereira de Azevedo Pazin

Esporte para Todos/Deporto para Todos. Ditadura e propaganda esportiva no Brasil e Argentina (1976-1985)

6. Ruy de Deus e Mello Neto

Gênero, políticas públicas e inserção social: uma análise da participação feminina no PROUNI

Grupo de Trabalho 4 – Estado Novo

Coordenação: Margareth Rago

Local: Auditório da Reitoria

1. Carlos Alexandre Barros Trubiliano e Carlos Martins Junior

A Violeta em tempos de Marcha (1937-1945)

2. Adriana Ferreira Santos

Mulheres Vigidas: estrangeiras da Europa Oriental e o DEOPS/SP (1930-1945)

3. Aline Camargo Torres, Beatriz Moreira Monteiro, Carolina de Oliveira, Leonardo Augusto da Silva Fontes e Rodrigo Cavaliere Mourelle
A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e o governo de Getúlio Vargas na década de 1930: estratégias e paradoxos do movimento feminista no Brasil

4. Hugo Augusto Vasconcelos Medeiros
Mulheres e o reino das letras: imprensa e gênero no Recife dos anos 1930

5. Renata Aparecida Paupitz Dranka
Memórias que se cruzam

6. Taciana Brasil dos Santos
O ambiente religioso e a construção da identidade feminina: a implantação da Igreja Batista em Minas Gerais, 1916-1930

7. Vera Regina Martins Collaço
Se qualificar como agente modernizadora da cena brasileira – Dulcina de Moraes e o Estado Novo

8. Eunice Sueli Nodari e Samira Peruchi Moretto
A dor do esquecimento: o Estado Novo no oeste de Santa Catarina

Grupo de Trabalho 6 – Feminismos em Tempo de Ditadura

Coordenação: Line Bareiro e Ana Alice Costa

Local: Auditório do CED

1. Alice Mitika Koshiyama
Feminismo, memória e história: a questão da comunicação impressa

2. Gisele Maria da Silva
Mulheres operárias: uma história comparada entre Brasil e Argentina através de periódicos

3. Maria Cristina de Oliveira Athayde
O “ideário” feminista nas páginas de Nós Mulheres, Mulherio e Persona nos anos de 1974 a 1986

4. Raquel de Souza Moreira Portilho
Do “universo feminino” ao feminismo: uma análise de 1968 nas páginas de Claudia

5. Mariana Jafet Cestari

Elementos para a análise da constituição do discurso feminista brasileiro na década de 1970

6. Marinês Ribeiro dos Santos

Novos significados para velhas práticas: a apropriação do discurso feminista pela publicidade brasileira nos anos 1970

7. Nair Sutil

Uma musa tropical: fronteiras do corpo e da palavra em Leila Diniz

Grupo de Trabalho 7 – Gênero e Práticas Repressivas

Coordenação: Mariana Joffily e Samantha Viz Quadrat

Local: Sala 10 Depto. História

1. Isadora Caixeta e Maria Lúcia Vannuchi

Direito à Memória e à Verdade: uma leitura de gênero

2. Mariana Joffily

Os Nunca más do Brasil e da Argentina sob uma perspectiva de gênero

3. Maria Amélia de Almeida Teles

Mulheres na Resistência

4. Luiz Fernando Figueiredo Ramos

Terror de Estado e Violência Política: A Emancipação Feminina em Tempos de Repressão

5. Rosa (Marisa) Ruiz Churrua

Invisibilidad de género y represión política en Uruguay: el caso de las once rehenas

6. Rafael Sanseviero

Los cuerpos prisioneros y la insubordinación del botín de guerra

7. Camila Diane Silva

Elas além das celas: algumas memórias...

8. Marlene de Fáveri e Mirian Elisa da Silva Aguiar Wagner

Cotidiano da prisão: as mulheres na Novembrada

Grupo de Trabalho 9 – Movimentos Sociais e Trabalho

Coordenação: Lidia Maria Vianna Possas

Local: Sala Hassis CCE

1. Ediméri Stadler Vasco

A cultura do trabalho a partir do universo feminino: Mulheres trabalhadoras na Curitiba de 1890 a 1920: o uso do documento para problematizar o ensino da história

2. Fernanda Mara Borba

Mulheres religiosas nos espaços populares de Joinville: novos caminhos de resistência, solidariedade e transformação

3. Jeruza Jesus do Rosário

Atividade pesqueira feminina: memórias e saberes na Baía do Iguape/Bahia

4. Maria Elisa Horn Iwaya

“Mas que tudo colono era assim”: histórias sobre trabalho e tradições na região rural de Joinville

5. Nara Cavalcante Serpa

A inserção e a discriminação da mulher no mercado de trabalho: questão de gênero

6. Roselí Alves dos Santos, Cecília Maria Ghedini, Elvis Rabuske Hendges, Nadia Scariot, Luiza Maria da Silva Rodrigues, Daniella Celuppi e Janete Regina Fabro
A organização política das mulheres agricultoras no Sudoeste do Paraná

7. Vanda Maria Campos Salmeron Dantas

As mulheres marisqueiras: vida e trabalho nas comunidades ribeirinhas

8. Verônica Lima da Fonseca Almeida

As mulheres viúvas e um destino traçado sobre pressão e pobreza em São João D’Aliança-GO

9. Zaira Anislen Ferreira Moutinho

Rituais e memórias da Guerra do Contestado e a atual militância política feminina no planalto norte catarinense. Uma relação de reforço positivo?

Grupo de Trabalho 10 – O Gênero da Esquerda em Tempos de Ditadura

Coordenação: Andrea Andújar e Margarita Iglesias

Local: Auditório do CFH

1. Helaine Pereira de Souza e Jônatas Vinicius Souza dos Santos

Apoiar ou resistir: atuações femininas ao longo da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985)

2. Marcos Montysuma

A questão ambiental na constituição das ações da esquerda armada

3. Maria Cláudia Badan Ribeiro

A Luta das mulheres no contexto da ditadura civil-militar

4. Renato Celestino Guedes e Edilene Lagedo Teixeira

A moda feminina na década de 70: o exemplo de Zuzu Angel

5. Regina Bittencourt Souto

Outros gestos para as mesmas lutas: mulheres e a resistência à Ditadura Militar em Florianópolis

6. Agustina Cepeda

“La Liberación Homosexual exige una organización para el placer”- El Frente de Liberación Homosexual en Argentina - (1971-1976)

7. Regiane Regis Momm

Imprensa Alternativa: na Contramão da Ditadura

■ 6 de maio de 2009

Grupo de Trabalho 3 – Educação

Coordenação: Janine Gomes da Silva e Rachel Soihet

Local: Mini-auditório do CFH

1. Sandra Vidal Nogueira Dirléia Fanfa Sarmento

Olhares em perspectiva sobre a Educação Básica na Rede La Salle: reconstruindo a história do currículo na visão de mulheres educadoras

2. Cinára Dalla Costa Velásquez

Sentidos e Significados da Docência : Histórias de Vida de Professoras Rurais

3. Eleni Lechinski

Mulheres em processo de alfabetização na educação de Jovens e Adultos em Joinville: narrativas e memórias

4. Janine Gomes da Silva

Narrativas femininas: diferentes interpretações sobre o patrimônio cultural de Joinville

5. Jaqueline Ap. M. Zarbato Schmitt

Memórias de outros tempos: Narrativas de professores(as) e sua atuação profissional nos anos 1970

6. Vanderlei Machado

Uma história por contar: a resistência feminina ao regime militar brasileiro nos livros didáticos

Grupo de Trabalho 5 – Exílio

Coordenação: Cláudio Pereira Elmir

Local: Sala Hassis CCE

1. Amanda Pérez Montanez

Vozes do exílio e suas manifestações “em cualquier lugar” obra de Marta Traba

2. Canela Constanza Gavrila

Devenir feminista

3. Denise Walter Xavier e Tatiana Trindade

“Liberdade para Flávia” - O cárcere Uruguai através de suas cartas

4. Fábio Francisco Feltrin de Souza

Mariquita Sánchez: a vida no entre-lugar

5. Jimena Silva Segovia

Memórias de exílio. 1983-1998

6. Maira Luisa Gonçalves de Abreu

O Feminismo do Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris

7. Priscila Carboneri de Sena e Isabel Cristina Hentz

Ditaduras e exílio: uma história da identificação com o feminismo

8. Rafaela Xavier Barbosa do Amaral

Narrativa em tempo de repressão: uma análise sociológica da subjetividade resistente

9. Renata Xavier Barbosa do Amaral
O exílio no cotidiano socialista

Grupo de Trabalho 6 – Feminismos em Tempo de Ditadura

Coordenação: Line Bareiro e Ana Alice Costa

Local: Auditório do CED

1. Claudia Regina Nichnig

Ditadura militar e a segunda onda do movimento feminista no Brasil: alterações no direito das mulheres

2. Veronica Giordano

El Año Internacional de la Mujer (1975) y la dictadura (1976-1983)

3. Joana Vieira Borges

Leitoras e leituras feministas no Brasil, Argentina e Uruguai (1960-1985)

4. Ana Maria Veiga

Rede feminista em tempos de ditadura: uma história possível?

5. Karina Janz Woitowicz e Joana Maria Pedro

O movimento feminista durante a ditadura militar no Brasil e no Chile: Conjugando as lutas pela democracia política com o direito ao corpo

6. Maise Caroline Zucco

Viagens e permanências do feminismo

Grupo de Trabalho 7 – Gênero e Práticas Repressivas

Coordenação: Mariana Joffily e Samantha Viz Quadrat

Local: Sala 10 Depto. História

1. Mateus Gamba Torres

As mulheres da Operação Barriga Verde: entre processos e convenções (1975)

2. Rosemeri Moreira

Do outro lado: mulher policial nos anos 70 e a prática repressiva

3. Andréa Mazurok Schactae

As comemorações de Tiradentes: “lugares de memória” e identidade na Polícia Militar do Paraná

4. Albertina de Oliveira Costa
Memórias do cárcere de uma feminista ex post

5. Clarissa Brasil
As atrizes da peça Roda Viva de 1968 e sua condição de gênero frente aos ataques do Comando de Caça aos Comunistas

6. Dina Susana Mazariegos García
El último eslabón de la violencia contra las mujeres en Guatemala: - El Femicidio -

7. Carlos Eduardo Henning
Points e babados: estudo sobre o estabelecimento de um território de sociabilidades homoeróticas no centro histórico de Florianópolis, SC, entre as décadas de 1970 e 1980

8. Cristiana de Azevedo Tramonte
A Umbanda na ditadura militar em Santa Catarina: as estratégias das “senhoras-do-santo”

Grupo de Trabalho 8 – Gênero, Memória e Ditadura

Coordenação: Graciela Sapriza

Local: Auditório da Reitoria

1. Lidia Maria Vianna Possas
Reverendo as representações: gênero, viuvez e memória

2. Deusa Maria de Sousa
Ter, desaparecer, perder... Sentimentos e sentidos dos familiares de desaparecidos políticos do Araguaia

3. Ivonete Pereira
Filhas e filhos de militantes: gênero e geração nas narrativas sobre a ditadura no Cone Sul (1964-1989)

4. Luciana Coutinho Sodrê Necco
Silenciosos, mas não silenciados: a memória da atuação paterna junto ao movimento das Madres de Plaza de Mayo durante a última ditadura militar na Argentina (1976-1983)

5. Catalina Trebisacce
Olvidos en las memorias de los años 70

6. Maria do Socorro de Sousa Araújo
Comunicando o (in)comunicável no tempo dos militarismos

7. Ana Carolina Sade Pereira da Silva
Memória feminina: a FNFi e a ditadura militar brasileira

8. Paola Aquino, Sheila Stolz, Rita de Cássia Grecco dos Santos, Gabriela Kyrillos e Larissa Almeida
Rememoração da história: um olhar feminino sobre a Ditadura Militar

Grupo de Trabalho 10 – O Gênero da Esquerda em Tempos de Ditadura

Coordenação: Andrea Andújar e Margarita Iglesias
Local: Auditório do CFH

1. Susel Oliveira da Rosa
“Subterrâneos da liberdade”: mulheres, militância e clandestinidade

2. Sergio Luis Schlatter Junior
Militantes em ditadura: gênero, subjetividade e participação política

3. André Souza Martinello
É homem ou é mulher? Nipo-brasileiras e outras contra ditadura. Gênero, etnicidade e memória da luta armada no Brasil

4. Andrei Martin San Pablo Kotchergenko
A Participação das Mulheres na Luta Armada no Cone Sul

5. Gabrielle Pellucio e Elaine Filgueiras Fachine
A participação de mulheres revolucionárias na Ditadura Militar: Contestação à ordem estabelecida

6. Larissa Viegas de Mello Freitas
Movimentos Sociais e Resistências no Meio Rural: Histórias Comparadas e Relações de Gênero entre Movimentos do Brasil e Paraguai no Período de Ditaduras Militares no Cone Sul (1964-1989)

7. Lilian Back
Afeto, vida pessoal e militância política nas organizações de esquerda armada do Brasil e Argentina – décadas de 60 e 70

8. Vanessa Lieberknecht

“Eles nos pariram”: análise da construção da figura mãe/avó Lilia Celiberti pela Revista VEJA no caso que ficou conhecido como “Sequestro dos Uruguaios” (1978 a 1980)

■ 7 de maio de 2009

Grupo de Trabalho I - Arte

Coordenação: Ana Lize Brancher

Local: Sala 10 Depto. História

1. Adriana Maria de Abreu Barbosa

Reescrevendo memórias de gênero para além do cânone

2. Marcela Neves de Medeiros

“Não temos prós nem contras, nem sagrados nem profanos”: as representações do(s) feminino(s) nas narrativas do humor político do Pif Paf

3. Maria Cristina Müller da Silva

A obra poética de Lilá Ripoll

4. Raul José Matos de Arruda Filho

Ignorando a paisagem: considerações sobre Maria Teresa Cornejo, personagem do romance “Ciências Morais”, de Martin Kohan

5. Rosa María Blanca Cedillo

As arpilleras: arte plástica de resistência

6. Salete Nair Carletto Cousseau

O embate entre a essência e a aparência nas crônicas de Lara de Lemos

7. Tânia Regina Oliveira Ramos

A literatura: este feminino narrativo e libertador

8. Carina Scheibe

Um primeiro encontro com as personagens femininas na obra de Augusto Roa Bastos

9. Vivian de Camargo Coronato

Neide Maria Rosa: uma mulher, três nomes próprios e várias facetas

10. Ana Brancher

Escritoras e resistência às ditaduras militares no Cone Sul (1960-1990)

Grupo de Trabalho 2 – Corpo

Coordenação: Roselane Neckel

Local: Sala 334/CFH

1. Ana Paula Müller de Andrade

Superando práticas asilares: gênero e saúde mental

2. Raquel Trindade Andrade

Abnegadas mães: breve reflexão sobre mulheres que acompanham filhos internados em unidade hospitalar

3. Carmen Susana Tornquist e Carolina Shimomura Spinelli

Um jeito comunista de dar à luz: o parto sem dor nos anos 60 na América do Sul

4. Luciana Rosar Fornazari Klanovicz

Erotismo e pornografia nos periódicos feministas: um estudo comparativo nos países do Cone Sul

5. Caroline Freiberger Caron

A influência da moda na ditadura da beleza feminina

6. Mara Rúbia Sant'Anna

Mulheres de papel: padrões de beleza na publicidade de cosméticos

7. Sabrina Uzêda da Cruz

Corpos em evidência: imagens de mulheres nas propagandas de cerveja

8. Kátia Aline da Costa

Memória das Jovens Assentadas e suas Experiências no Espaço Rural

Grupo de Trabalho 6 – Feminismos em Tempo de Ditadura

Coordenação: Line Bareiro e Ana Alice Costa

Local: Auditório do CED

1. Claudete Beise Ulrich

Mulheres e homens luteranos: leituras feministas e identificações com o feminismo em tempos de ditadura militar no Brasil (1964-1989)

2. Gabriela Miranda Marques

Movimento Feminista e Igreja Católica: Uma análise comparativa com periódicos do Brasil e Argentina

3. Amanda André de Mendonça, Priscilla Blini Machado dos Santos e Sheila Oliveira de Castro

Mulheres e a Constituição brasileira de 1988 - Constituinte Para Valer tem que ter Direitos de Mulher

4. Gabriel Felipe Jacomel

O ativismo feminista em cena: apontamentos sobre as práticas teatrais sul-americanas em períodos ditatoriais

5. Penha Mara Fernandes Nader

A sutileza da discriminação de gênero na denominação de logradouros públicos de Vitória-ES. 1970-2000

6. Soraia Carolina de Mello

Argentina, Bolívia, Brasil, Chile e Uruguai: feminismos e emprego doméstico na primeira metade dos anos 1980

Grupo de Trabalho 8 – Gênero, Memória e Ditadura

Coordenação: Graciela Sapriza

Local: Auditório da Reitoria

1. Danielle Tega

Mulheres em cena: considerações sobre feminismo, gênero e tortura a partir do filme Que bom te ver viva

2. Alcilene Cavalcante de Oliveira

Em foco: filme, gênero e memória em Maria Luisa Bemberg – cineasta argentina

3. Clarice Bianchezzi

Memória e Narrativa: por uma identidade religiosa-militante

4. Cristiane de Castro Ramos Abud

“Em nome de Deus”: a produção da identidade feminina católica no período de ditadura militar em Florianópolis/SC

5. Juliana Bez Kroeger

Rose Nogueira e Gladys Diaz: Mulheres jornalistas no Brasil e no Chile em tempos de

Ditadura (anos 60 e 70)

6. Ana Rita Fonteles Duarte

Jogos de gênero e subjetividade nas memórias sobre o Movimento Feminino pela Anistia no Ceará

7. Maritana Drescher da Cruz

Mulheres militantes de esquerda no Paraná 1964-1985

8. Mariluci Cardoso de Vargas

Relatos de orgulho e solidariedade: a memória tecida pelas mulheres da luta pela anistia no RS

9. Ronaldo Zatta

Tenente Camargo: um herói do Estado Militarizado

Grupo de Trabalho II – Prostituição

Coordenação: Ivonete Pereira

Local: Sala Hassis CCE

1. Adriana Fraga Vieira

“Retirar as ervas daninhas para não comprometer o jardim” – Discurso Jornalístico e repressão policial contra as prostitutas em Criciúma/SC (1955-1980)

2. Alessandro José de Oliveira

Putá é a mãe, aqui só tem profissional

3. Aurenéa Maria de Oliveira

Globalização, Multiculturalismo e Pluralismo: o nível de intolerância da população de Serra Talhada em torno da prostituição e da exploração sexual infanto-juvenil feminina

4. Claudia Patricia Molina

Trata de Mujeres y Derechos Humanos en Argentina

5. Gisele Gaspar Ferreira

A disciplinarização dos corpos e dos espaços: Meretrizes pontagrossenses, entre Imaginários e Representações. (1930/1940)

6. Rafael Araújo Saldanha

“Casas de Massagem”, “Clube das mulheres” e “Instinto selvagem”: A Mídia de 1992 na transformação de Gênero e Memória

7. Solange da Silva Pinto

Vigilância e proteção: a formação das redes pedagógicas a partir de processos-crime de sedução na cidade de Ponta Grossa (1968-1971)

Grupo de Trabalho 12 – Violência Doméstica

Coordenação: Olívia Rangel Joffily

Local: Mini-auditório do CFH

1. Hilda Alejandra Gavilanes Jimenez

Violência de gênero: permanência e ruptura de una orden represiva patriarcal

2. Hugo Leonardo de Souza e Latif Antônia Cassab

Violência psicológica à mulher: marcas ocultas da dor

3. Latif Antônia Cassab, Jaqueline Aparecida Fraid e Camila Mizuno

Nas teias da violência doméstica. O rompimento de mulheres com a violência doméstica

4. Elda Alvarenga

A representação social da mulher e o fenômeno da violência doméstica no ES: a educação como elemento desta construção

5. Silvia Sasaki

Faveladas: repressão e feminilidade nos morros brasileiros

6. Tais Barcellos de Pellegrini

Estudo etnográfico da situação de atendimento ao autor que comete violência contra a mulher

7. Valnêda Cássia Santos Carneiro

O II Plano Nacional de Combate à Violência contra a mulher e sua efetividade no contexto jurídico-social do Município de Salvador/BA

Resumos

Por autor@, em ordem alfabética

Adriana Ferreira Santos

GT: Estado Novo

Título: *Mulheres Vigiadas: estrangeiras da Europa Oriental e o DEOPS/SP (1930-1945)*

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar um olhar sobre as atividades políticas das mulheres da Europa Oriental radicadas no Estado de São Paulo e a repressão empreendida pela polícia política durante a era Vargas (1930-1945), utilizando como fonte os documentos do DEOPS/SP (Departamento Estadual de Ordem Política e Social), sob guarda do Arquivo do Estado de São Paulo.

Enquanto braço repressor do estado, o DEOPS (1924-1983) agiu em duas frentes principais: vigilância e repressão. Isso explica a variada documentação disponível nos prontuários nominais que compõem o acervo. Através de relatórios de investigação, ofícios, manuscritos, fotografias, jornais, panfletos, etc, podemos reconstituir o universo de repressão que caracterizou o país durante o regime Vargasista, de cunho autoritário, nacionalista e xenóforo. Por outro lado, nos aproximamos da história das pessoas comuns, suas trajetórias e suas lutas políticas. Dessa forma, podemos traçar o perfil dessas mulheres, avaliando suas organizações, sua participação nos movimentos políticos e na sociedade brasileira.

Sob constante vigilância, recaía sobre essas estrangeiras o estigma do comunismo por serem originárias de países da Europa Oriental, nações consideradas “revolucionárias por tradição”. Acrescenta-se o fato de que muitas eram judias, reforçando assim o discurso anti-semita reproduzido pela polícia, que não raramente relacionava as atividades políticas e sociais destas à imoralidade e à prostituição. Dentre essas mulheres “subversivas”, algumas foram penalizadas com ato de expulsão, medida profilática que visava retirar do país estrangeiros considerados “nocivos à ordem e aos interesses do país”. Vítimas de um projeto político que buscava homogeneizar a sociedade brasileira, polonesas, russas, lituanas, romenas e tantas outras nos levam a refletir sobre o passado de intolerância e repressão que marcaram a história do Brasil.

Palavras-chave: Imigração; Intolerância; Mulher

Adriana Fraga Vieira

GT: Prostituição

Título: *“Retirar as ervas daninhas para não comprometer o jardim” – Discurso Jornalístico e repressão policial contra as prostitutas em Criciúma/SC (1955-1980)*

Resumo: De acordo com as crônicas do jornal Tribuna Criciumense, em meados da década de 1950, a prostituição que se desenvolvia em Criciúma tornava-se uma face espúria do progresso advindo da mineração. Para os cronistas, Criciúma já não era mais a aldeia sulcada de carros de bois puxando carvão, mas uma cidade de “respeitável relevo”. O progresso explicitado na mineração batia as portas da cidade, e junto com ele, o crescimento populacional desordenado. Para a cidade do carvão afluíam homens e mulheres procedentes das mais variadas cidades do sul, muitos dos quais, eram

discursivamente construídos pelos cronistas como figuras “indesejáveis” que afrontavam nas ruas, esquinas e locais públicos a moralidade das famílias cristãs.

As campanhas moralizantes que a imprensa liderava contra a presença das prostitutas nas áreas centrais refletiam diretamente no modo como a polícia as tratava. Ou seja, a cada crônica de protesto, a cada nota de indignação, a cada reportagem de denúncia, a polícia modificava suas práticas habituais de controle sobre a prostituição. Caracterizando-se por uma postura aparentemente contraditória, ora sendo permissiva e tolerante, ora sendo repressiva e punitiva.

Palavras-chave: Prostitutas; discurso jornalístico; práticas repressivas

Adriana Maria de Abreu Barbosa

GT:Arte

Título: *Reescrivendo memórias de gênero para além do cânone*

Resumo: Por entender o cânone literário como espaço no qual forças político-ideológicas registram e valoram uma memória estética a serviço de um determinado modo de ver o mundo, este trabalho discorda de Bloom (1995) para quem “ler a serviço de uma ideologia é não ler de modo algum (p.36).”

Apoiada na crítica feminista (QUEIROZ, 1997), a proposta de revisão na historiografia literária brasileira aponta, na estética de grande parte da literatura escrita por autoras brasileiras, uma inspiração na consciência de gênero. E, portanto, sinaliza o papel da literatura como espaço de representações de identidades de gênero, mas também de resistência e renovação social. Desse modo, entende-se que é impossível e indesejável ler sem ideologia.

A leitura feminista é uma forma de interpretação que procura responder como seria a história se vista através dos olhos das mulheres. Estudar a literatura de autoria feminina contemporânea, sob a perspectiva de novas metodologias e padrões estéticos, é dar a essa literatura a oportunidade de um novo juízo e valoração, não exatamente para incluí-la em um cânone, porém para reconhecer nesses textos uma memória do que foram, do que são e do que podem vir a ser os papéis sociais de gênero.

Em trabalhos recentes (BARBOSA, 2001) verifico que autoras revelam experiências e visões femininas sobre o que pensam sobre si mesmas e sobre o tratamento que o mundo tem lhes dado. São temas recorrentes nessas obras: a inserção no mundo público e a reinvenção do espaço do privado. Neste trabalho investigo textos de Lya Luft e Maitê Proença. Essas autoras escrevem e ocupam espaços literários e midiáticos, o que é significativo para o trabalho, já que a cultura de massa retoma o poder das narrativas como forma de autoconhecimento e apropriação da realidade (MORIN, 2002) É no espelho imagético dos discursos contemporâneos (midiáticos e ficcionais) que o sujeito engendra sua própria face.

Palavras-chave: Cânone literário; identidades de gênero; Crítica Feminista

Agustina Cepeda

GT: O Gênero da Esquerda em Tempos de Ditadura

Título: *“La Liberación Homosexual exige una organización para el placer”- El Frente de Liberación Homosexual en Argentina - (1971-1976)*

Resumo: La historiografía en clave de género ha comenzado a reescribir desde la última

década la historia de las izquierdas en Latinoamérica. Mientras que en las primeras tramas de esa historia política en los años del terrorismo de Estado los ejes de análisis y las claves de lectura estaban centralmente anclados en la reconstrucción de los debates sobre la lucha armada y la constitución de las identidades militantes; en los últimos años la historiografía feminista y los estudios de género han polemizado sobre el lugar de las mujeres en la militancia de las izquierdas y han puesto de relieve las contradicciones de los discursos de éstas últimas sobre la revolución, la moralidad, la sexualidad y la familia.

El Frente de Liberación Homosexual (F.L.H) fue una agrupación política que nació en los inicios de la década del 70´ en Argentina (hasta 1976) con el objetivo de representar las voces de los militantes de izquierda que se identificaban tanto con la revolución socialista como con la revolución sexual. Crítico de la ideología familiarista, el FLH proclamaba a través de las páginas de su publicación “Somos” y del periódico “Homosexuales” la igualdad entre el hombre y la mujer, la supresión del matrimonio y la liberación de la sexualidad.

Conectado con otros movimientos políticos homosexuales de Latinoamérica y del mundo, a favor de las demandas del feminismo local y crítico de la moral conservadora de algunos espacios políticos de la izquierda, el F.L.H transformó en consignas políticas la educación sexual, el aborto libre, la libertad sexual y la represión contra la homosexualidad. Nuestra propuesta es analizar estas consignas sobre la sexualidad y la familia del F.L.H en relación a los discursos de otras facciones políticas de la izquierda en Argentina y del propio feminismo en esos mismos años.

Palavras-chave: Frente de Liberación Homosexual; Argentina; consignas políticas

Albertina de Oliveira Costa

GT: Gênero e Práticas Repressivas

Título: *Memórias do cárcere de uma feminista ex post*

Resumo: As denúncias de tortura no Brasil relativas ao período 1970-1980 tendem a enfatizar os abusos de cunho sexual que vitimaram as mulheres. A partir da leitura de relatos de prisão e de observação participante o texto busca refinar a reflexão sobre relações de gênero, repressão e encarceramento.

Palavras-chave: Práticas repressivas; Mulheres encarceradas; Gênero

Arcilene Cavalcante de Oliveira

GT: Gênero, Memória e Ditadura

Título: *Em foco: filme, gênero e memória em Maria Luisa Bemberg – cineasta argentina*

Resumo: História da América Latina contemporânea. Embora cada país dessa região guarde sua especificidade histórica, todos os países trazem marcas históricas semelhantes: terem sido colônias; terem desencadeado processos de independência política; terem permanecido subjugados economicamente pelo capital externo britânico e, mais recentemente, estadunidense (PRADO et al, 2007). Acrescente-se, ainda, que em todos esses países verifica-se a dominação de gênero, decorrente da permanência do patriarcado e de uma forte influência do catolicismo na vida política e cultural latino-americana. Filmes também são veículos de transmissão de idéias, pois estabelecem diálogo com o tempo-presente em que são produzidos. Maria Luisa Bemberg (1922-

1995), cineasta argentina, realizou filmes em seu país, desde o período ditatorial, abordando entre outras temáticas, questões relativas às mulheres.

A proposta da comunicação consiste em trazer certos elementos do filme *Camila* – um dos filmes de Bemberg, de maior sucesso de bilheteria na Argentina, na década de 1980, estreado em circuito comercial, em 1984, logo após o fim da ditadura daquele país. Procurar-se-á esquadrihar certo diálogo que a cineasta estabeleceu, no filme em questão, com aspectos da ditadura e do processo de democratização argentina.

Palavras-chave: América Latina; Gênero; cinema

Alessandro José de Oliveira

GT: Prostituição

Título: *Putá é a mãe, aqui só tem profissional*

Resumo: Este trabalho tem por objetivo central ser um registro das experiências realizadas pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Unicamp (ITCP/Unicamp), no trabalho com mulheres vítimas de exclusão social e em situação de vulnerabilidade social. A equipe de cinco alunos monitores que trabalharam nessa atividade de extensão universitária com parceria da equipe da Secretária de Saúde da Prefeitura Municipal de Campinas teve como principal objetivo subsidiar um grupo de mulheres profissionais do sexo na criação de uma associação que representasse a categoria na cidade de Campinas. Também descreve como se deu os jogos de interesses no contexto das atividades e permite entrever a complexidade que envolve a organização política da categoria bem como apresentar a percepção que as políticas públicas têm da prostituição e da sexualidade das mulheres.

Palavras-chave: profissionais do sexo; mulheres em situação de vulnerabilidade social; políticas públicas

Alice Mitika Koshiyama

GT: Feminismos em Tempo de Ditadura

Título: *Feminismo, memória e história: a questão da comunicação impressa*

Resumo: As pesquisas sobre mulheres militantes que atuaram através dos meios impressos – revistas, jornais, livros na história do Brasil do século XX comprovam a importância do trabalho cotidiano para a permanência de uma prática feminista de vida.

Tanto a ação das feministas do porte de Cármen da Silva em publicações alternativas e da grande imprensa com a revista *Cláudia* como a militância de grupos de feministas quase em guetos como os relatados pelas militantes que viviam no exílio (Danda Prado, Helena Hirata) foram importantes para que mulheres pudessem viver de forma menos opressiva na ditadura política e nas relações opressiva de gênero. O conhecimento dos textos e das ações de militantes do feminismo, muitas vezes agindo sozinhas (como Ercília Nogueira Cobra nos anos vinte do século passado) apenas reafirmam essa perspectiva de uma luta sem fim, em diferentes contextos históricos das mulheres feministas. Porque partimos do pressuposto que o feminismo é a ideologia da transformação das relações de gênero para uma relação de seres humanos em liberdade e autonomia nas sociedades. A presença de temas permanentes como o da violência e da opressão contra mulheres e crianças cometidas por outros seres da espécie humana comprova

a necessidade de legitimar os valores dos direitos da pessoa humana (explicitamente negados em ditaduras) como práticas vigentes na vida cotidiana no estado democrático de direito. Como fazer isso? A memória e a história das mulheres podem nos inspirar, conforme mostramos em nosso trabalho.

Palavras-chave: história; comunicação; memória

Aline Camargo Torres

Co-autor@s: Beatriz Moreira Monteiro, Carolina de Oliveira, Leonardo Augusto da Silva Fontes, Rodrigo Cavaliere Mourelle e Sergio Miranda de Lima

GT: Estado Novo

Título: *A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e o governo de Getúlio Vargas na década de 1930: estratégias e paradoxos do movimento feminista no Brasil*

Resumo: A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), entidade criada no início dos anos 1920 por Bertha Lutz, tinha como principais bandeiras a promoção do trabalho feminino – enfatizando sua regulamentação e humanização –, o estímulo à instrução das mulheres e a ampliação de seus direitos civis e políticos.

Apartidária, reformista e composta por mulheres das classes média e alta, a FBPF teve atuação marcante durante os anos 1930. Ainda que enfrentando um ambiente sócio-político muitas vezes refratário às suas aspirações, a Federação foi responsável por conquistas importantes, tais como o voto feminino no Brasil.

A partir da análise dos documentos que compõem o acervo da entidade, custodiado pelo Arquivo Nacional, o trabalho busca apresentar um panorama das estratégias políticas adotadas pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, de seus paradoxos e limitações, especialmente em relação àquele período do governo Vargas no Brasil. Espera-se, assim, contribuir com a recuperação da memória e da história das mulheres e do movimento feminista no país.

Palavras-chave: Federação Brasileira pelo Progresso Feminino; feminismo; Getúlio Vargas

Amanda André de Mendonça

Co-autor@s: Priscilla Blini Machado dos Santos e Sheila Oliveira de Castro

GT: Feminismos em Tempo de Ditadura

Título: *“Mulheres e a Constituição brasileira de 1988 - Constituinte Para Valer tem que ter Direitos de Mulher”*

Resumo: A elaboração da Constituinte de 1988 foi marcada pela grande atuação dos movimentos sociais. O trabalho em questão enfatiza a participação do movimento de mulheres e de feministas com destaque nos cenários nacional e internacional, e o trabalho das 26 deputadas que fizeram parte da Assembléia Constituinte, a chamada “bancada do batom”. A atuação destas mulheres corroborou para a proposição de leis e emendas populares que visavam a equidade entre os gêneros, como a paridade salarial entre mulheres e homens, direitos trabalhistas, sexuais e reprodutivos das mulheres. A chamada Constituição Cidadã foi o primeiro documento elaborado e aprovado pelo poder público que assegura a igualdade de direitos entre mulheres e homens.

Nesse sentido, temos como objetivo produzir uma reflexão acerca dos avanços e desdobramentos no campo das políticas sociais e dos direitos das mulheres, contribuindo assim, no debate acadêmico sobre a questão.

O trabalho que ora se apresenta busca, numa linha temporal, apontar os diferentes momentos de construção e afirmação dos direitos das mulheres. Optamos pelo estudo em torno do tema acima referido, dada a relevância para a discussão, no meio acadêmico, das mudanças ocorridas na sociedade brasileira, no que diz respeito às relações de gênero, sem desconsiderar aí, o interesse profissional das autoras.

Para realização desta pesquisa, lançamos mão de alguns procedimentos metodológicos que possibilitaram uma análise do tema. Nesse sentido, recorremos a estudos já efetuados, que fundamentaram nosso trabalho, bem como a fontes de material hemerográfico, como forma de aproximação da realidade estudada, proporcionando um resgate histórico do período mencionado. Além destes procedimentos, também nos referenciamos em informações contidas em documentos eletrônicos. Por fim, pretendemos complementar o estudo através de entrevistas a serem realizadas com as protagonistas deste processo, entre elas algumas deputadas e lideranças do movimento de mulheres.

Palavras-chave: Feminismo; participação política; relações de poder

Amanda Pérez Montanez

GT: Exílio

Título: *Vozes do exílio e suas manifestações “em cualquier lugar”*, obra de Marta Traba

Resumo: A análise das manifestações do exílio na literatura latino-americana do Cone Sul no período das ditaduras é uma temática que produz múltiplas reflexões e questionamentos sobre a condição humana em tempos de exclusão e terror. Nesse amplo universo, o artigo centra o estudo em torno da obra de Marta Traba, uma das más importantes autoras críticas de América Latina. Seu romance póstumo “En Cualquier Lugar” (1984) é uma obra acerca do exílio, escrita a partir da consciência da exclusão e da diáspora. O assunto central é a reflexão sobre a vida de um grupo de argentinos exilados numa estação sem nome, num lugar desconhecido do norte da Europa, mostrando os traumas e as marcas que a vivência diaspórica deixa nas pessoas que são forçadas a viver fora de lugar. O objetivo é analisar qual é a posição da autora em relação ao exílio e à ditadura, como vê e narra essa experiência em sua obra. Em última instância, como Marta Traba vive, percebe, interroga e analisa sua própria experiência diaspórica. Quais estratégias de resistência emprega para superar os obstáculos e armadilhas do exílio.

Palavras-chave: Literatura; Exílio; Marta Traba

Ana Brancher

Título: *Escritoras e resistência às ditaduras militares no Cone Sul (1960-1990)*

Resumo: A partir de pistas que indicam certo deslocamento profissional entre escritores e escritoras, o artigo examina a dupla condição vivenciada pelas mulheres: a de escritora num campo de trabalho preponderantemente masculino e os conflitos e problemas de vigiadas e censuradas pelas ditaduras. O estudo analisa a trajetória e a obra de seis escritoras do cone sul que sofreram reveses em decorrência das ditaduras militares, tomando como recorte seus romances escritos e publicados na época destes governos, e considerando o silêncio e a repressão impostos e às vezes auto impostos num momento em que era proibido falar, escrever, publicar livremente. Quando possível, o artigo pontua diferentes olhares destas escritoras sobre a questão do feminismo (que justamente se consolida como tal naquele período) ou do ser mulher, e como as ditaduras interferiram

nas suas obras.

Palavras-chave: escritoras; ditadura militar; Cone Sul

Ana Carolina Sade Pereira da Silva

GT: Gênero, Memória e Ditadura

Título: *Memória feminina: a FNFi e a ditadura militar brasileira*

Resumo: Este trabalho pretende abordar o papel do gênero feminino e a sua importância na luta e resistência, ressaltando essa importância no âmbito da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi). Estuda categorias como militância, identidade e memória, a fim de justificar as disputas pelo poder entre o Estado e as organizações de esquerda, enfatizando as organizações estudantis. Analisa o período da ditadura militar e suas contribuições e conseqüências para a história do movimento estudantil. Resgata a história da Faculdade Nacional de Filosofia bem como analisa a importância dessa instituição para o amadurecimento do movimento estudantil brasileiro. Destaca a importância das mulheres na Faculdade Nacional de Filosofia bem como sua contribuição para o movimento estudantil. Propõe uma reatualização da memória da ditadura brasileira, tendo como foco a memória feminina do período. Contribui, desta forma, para a compreensão do processo de formação e modificação institucional tendo como cerne da questão das relações de poder entre o Estado e as mulheres.

Palavras-chave: Ditadura militar – Brasil; Movimento estudantil – Brasil; Mulheres e a ditadura

Ana Maria Veiga

GT: Feminismos em Tempo de Ditadura

Título: *Rede feminista em tempos de ditadura: uma história possível?*

Resumo: Com este trabalho pretendo mapear alguns pontos que sinalizam a possível constituição de uma rede de informação e de solidariedade nos solos de Brasil e Argentina nos anos pós-1968, período marcado pelas ditaduras militares e momento em que o feminismo começava a emergir nestes países sob a influência do movimento feminista mundial (ocidental), mas também sob a especificidade do domínio das organizações políticas de esquerda levantadas contra os regimes da direita que governava a maior parte da região hoje denominada Cone Sul. Para isso a investigação foi realizada em jornais feministas argentinos e brasileiros, além do internacional *Nosotras*, publicado por exiladas latino-americanas em Paris, e também em entrevistas com algumas brasileiras e argentinas que podem ser consideradas pontos de intersecção no interior dessa rede, se é que de fato ela existiu. Apesar das temporalidades diversas encontradas ao se traçar uma história comparada entre Brasil e Argentina, é interessante pensar como as informações circulavam em âmbito nacional e transnacional e como as feministas de cada país traçaram estratégias para divulgar idéias e alcançar mulheres com objetivos semelhantes em espaços geopolíticos diversos.

Palavras-chave: Feminismo; Rede; Ditadura

Ana Paula Müller de Andrade

GT: Corpo

Título: *Superando práticas asilares: gênero e saúde mental*

Resumo: O campo da saúde mental e da reforma dos modos de cuidar em saúde mental, especificamente aqui, o processo da reforma psiquiátrica brasileira, tem se mostrado um terreno profícuo para a construção de entendimentos acerca dos processos que atravessam tanto a prática cotidiana da assistência e a militância política como a produção teórica necessária para a superação de práticas asilares/repressoras, que tendem a reforçar o estigma e o preconceito para com a loucura e o louco- este último entendido como o personagem social produzido com o encargo simbólico de corporificar a loucura. No Brasil, as transformações das práticas e conceitos da saúde mental foram visibilizados intensamente com o Movimento da Reforma Psiquiátrica Brasileira, que ao final dos anos 70, passou a questionar os saberes e práticas psiquiátricos e o espaço do hospital psiquiátrico como local de tratamento. Em 2001 o país aprovou a Lei 10216 que estabelece direitos para os portadores de transtornos mentais e redireciona a assistência psiquiátrica no país, indicando a criação de uma rede de serviços que substitua o hospital psiquiátrico. No entanto, em nossa sociedade a cultura hospitalocêntrica e as relações históricas de poder ainda são um entrave para as transformações no campo da assistência psiquiátrica. Tanto as mulheres como os demais, se constituem subjetivamente sob esta cultura e parecem criar identidades que impedem um olhar mais ampliado sobre o sofrimento psíquico. Considerando o gênero como um modo de constituição de subjetividade, buscamos refletir sobre a complexidade da experiência do sofrimento psíquico, que tem aparecido com frequência na experiência feminina percebida, sobretudo, pela busca por atendimento para o alívio do sofrimento pelas mulheres nas unidades de saúde. Estamos tratando da experiência de mulheres acometidas pelo sofrimento psíquico que, por não terem sido asiladas em função de suas diferenças e/ou sofrimentos, podem produzir novos significados para sua experiência com a loucura. Assim, o objetivo deste trabalho é trazer algumas reflexões acerca da interface entre saúde mental e gênero, no contexto da reforma psiquiátrica brasileira e dos estudos sobre os regimes contemporâneos de subjetivação e da importância dos mesmos para a superação do modelo de cuidado em saúde mental centrado no hospital psiquiátrico. Palavras-chave: saúde mental; gênero; reforma psiquiátrica

Ana Rita Fonteles Duarte

GT: Gênero, Memória e Ditadura

Título: *Jogos de gênero e subjetividade nas memórias sobre o Movimento Feminino pela Anistia no Ceará*

Resumo: O trabalho discute a utilização de jogos ou performances de gênero por integrantes do Movimento Feminino pela Anistia (MFPA), no Ceará, de diferentes identificações políticas, a partir de suas narrativas, procurando identificar as representações sobre esse tipo de intervenção no espaço público, num momento de conflito e repressão, em que as mulheres se constituem como interlocutoras primeiras junto ao regime ditatorial implantado no Brasil entre os anos de 1964 e 1985. Procura-se, ainda, compreender a construção das memórias sobre esses episódios a partir das transformações subjetivas, relacionadas ao gênero, narradas pelas ex-militantes e atribuídas à experiência no Movimento que restringia a participação de homens em seus quadros. O trabalho é parte da discussão realizada em tese de doutorado defendida no início de março no Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, sob a orientação

da professora Joana Maria Pedro.

Palavras-chave: Gênero; memórias; subjetividade

André Souza Martinello

GT: O Gênero da Esquerda em Tempos de Ditadura

Título: *É homem ou é mulher? Nipo-brasileiras e outras contra ditadura. Gênero, etnicidade e memória da luta armada no Brasil*

Resumo: A primeira seção da pesquisa apresenta ações de mulheres no combate à ditadura, que ocorreram de diferentes formas, por vários grupos e maneiras de inserção na política oposicionista ao regime, mesmo que elas fossem retratadas na época, – como ainda em memórias e textos mais atuais – como dependentes dos maridos ou personagens indispensáveis para homens conseguirem liberar-se de determinadas funções, deixadas para elas. A tendência em descrever mulheres no segundo plano da História apresenta-se junto das plataformas realizadas por mulheres e para as mulheres, muitas vezes mais independentes do que se costuma pensar, ao entrar em contatos com fontes do período, percebe-se que muitas delas atuaram em busca de direitos e de maior emancipação e tiveram papel no confronto direto à ditadura, sendo algumas políticas cassadas pelo AI/5. O segundo momento do texto apresenta situações das descendentes de japoneses, mulheres que na luta armada contra a ditadura brasileira viveram preconceitos muito maiores por serem: “japonesas”, mulheres e guerrilheiras. Associada à idéia de identidade ambivalente, mostra-se como essas mulheres receberem tratamentos desiguais, não reconhecidas como brasileiras, ora acessaram facilidades e privilégios por serem “melhores brasileiras: japonesas” e ora viveram muito mais preconceitos, por carregarem em seus corpos e rostos a ascendência e estigma nipônico. A etnicidade é relacionada a esse momento do texto com objetivo de compreender estereótipos e cotidianos vivenciados por mulheres descendentes de migrantes japoneses que se engajaram na luta armada nas décadas de 1960 e 70.

Palavras-chave: guerrilheiras; nipo-descendentes; mulheres contra ditadura

Andréa Mazurok Schactae

GT: Gênero e Práticas Repressivas

Título: *As comemorações de Tiradentes: “lugares de memória” e identidade na Polícia Militar do Paraná*

Resumo: As comemorações em homenagem a Tiradentes são construtoras de uma memória e de uma identidade de gênero da Polícia Militar do Paraná. A análise das Ordens do Dia, lidas nesses eventos entre 1977 e 1983, possibilitam um estudo dos “lugares de memória”, como coloca Pierre Nora, onde a memória institucional ganha significados em relação ao presente. Esses “lugares de memória” possibilitam observar que a memória institucional é re-construída em relação a necessidades do presente, entre as quais o Regime Militar e o projeto da Escola Superior de Guerra, pois é preciso considerar que entre 1969 e 1983 as polícias militares dos Estados foram comandadas por coronéis do Exército Brasileiro, o que facilitou a incorporação de ideais do Regime nos quartéis das polícias militares. Os textos comemorativos, além de exaltarem a bravura e a honra do herói Tiradentes, cujas qualidades são identificadoras do ideal de masculinidade que representam a instituição, apresentam a idéia de que os militares são os “salvadores da

Pátria”, seguidores dos desígnios do herói, que é um exemplo de homem. Mesmo tendo um Pelotão de Polícia Feminina desde 1977, a memória e a identidade institucional, identificadas nessas homenagens ao Patrono das Polícias Militares do Brasil, apresentam a Polícia Militar como um espaço destinado a homens como Tiradentes.

Palavras-chave: memória e identidade; comemorações e gênero; polícia militar e masculinidade

Andrei Martin San Pablo Kotchergerko

GT: O Gênero da Esquerda em Tempos de Ditadura

Título: *A Participação das Mulheres na Luta Armada no Cone Sul*

Resumo: O artigo, *A Participação das Mulheres na Luta Armada no Cone Sul*, pretende realizar uma análise sobre a participação da mulher nos grupos de esquerda armada, pertencentes ao Brasil e ao Chile, verificando a maneira pela qual essa participação feminina era vista e considerada pelos companheiros guerrilheiros atuantes nas mesmas organizações. Pretende enfocar também o sentimento dessas militantes em relação às dificuldades enfrentadas, devido à intensa discriminação que sofriam, em suas trajetórias quanto guerrilheiras. Para analisar o proposto dessa temática, será utilizada uma comparação entre os conteúdos produzidos pelas organizações de esquerda armada desses países, principalmente da ALN, Ação Libertadora Nacional, do Brasil e do MIR, Movimiento de Izquierda Revolucionária, do Chile, tais como manuais, memórias, relatos autobiografados e bibliografia referente ao assunto. Para complementar e apoiar essas análises serão usadas entrevistas realizadas com algumas mulheres que pertenceram ou colaboraram com as organizações já mencionadas.

Palavras-chave: Gênero; Luta Armada; Ditaduras Militares do Cone Sul

Aurenéia Maria de Oliveira

GT: Prostituição

Título: *Globalização, Multiculturalismo e Pluralismo: o nível de intolerância da população de Serra Talhada em torno da prostituição e da exploração sexual infanto-juvenil feminina*

Resumo: Este artigo tem como objetivo identificar o nível de intolerância existente entre a população de Serra Talhada acerca da prostituição e da exploração sexual infanto-juvenil feminina. Assim, partindo da admissão de um cenário social global, multicultural e plural que pede tolerância, respeito às diferenças e inclusão social, nosso objetivo é o de analisar o índice de intolerância existente por parte dos residentes da cidade para com as profissionais do sexo, entendendo a intolerância como uma prática repressiva que estimula e promove a marginalidade deste segmento social. Neste sentido, é também de nosso interesse primeiro, avaliar as políticas públicas de enfrentamento a essa problemática, políticas atuantes tanto no Brasil como neste município que busquem se contrapor a esse quadro de preconceito e violência que frequentemente envolve essas profissionais. Segundo, refletir sobre possíveis estratégias adotadas com o fim de resignificar e ressocializar dentro da sociedade serra-talhadense a prostituta e a criança e adolescente abusada e explorada sexualmente.

Palavras-chave: Exploração sexual infanto-juvenil; prostituição; intolerância

Camila Diane Silva

GT: Gênero e Práticas Repressivas

Título: *Elas além das celas: algumas memórias...*

Resumo: Pensar a mulher inserida no sistema carcerário implica compreender que a estrutura deste não está pronta para atender o contingente feminino e as suas necessidades. Na cidade de Joinville – Santa Catarina –, esta realidade não se diferencia, pois, o Presídio Regional de Joinville inicialmente tinha a finalidade de atender homens em condição de cárcere e devido à premência, um espaço foi concedido para a improvisação de uma Ala Feminina. Esta, nos últimos dez anos sofreu um crescimento desordenado e atualmente encontra-se super lotada, com o número aproximado de cem mulheres. Segregar e condicionar estas mulheres em um espaço longe dos olhos e do cotidiano da cidade, tendo em vista que o presídio fica longe da região central, instaura a ordem, trazendo a impressão de que crimes, celas e elas são palavras desassociadas.

Durante o desenvolvimento da pesquisa pôde-se constatar que a maioria dos crimes cometidos por estas mulheres estão ligados ao ato coadjuvante no auxílio ao tráfico de drogas e conseqüentemente, o estabelecimento destas na condição do comando, como forma de manutenção da renda – seja para o sustento do lar ou vício em drogas – destacando os índices de reincidências presentes em muitos dos casos.

Tendo em vista o crescimento desordenado da população carcerária feminina e os altos índices de reincidência, percebeu-se a ausência de um trabalho ressocializante por parte da instituição – cárcere, bem como políticas públicas voltadas para mulheres condicionadas e egressas do sistema carcerário.

Palavras-chave: Gênero; Memória; Sistema Carcerário

Canela Constanza Gavrila

GT: Exílio

Título: *Devenir feminista*

Resumo: Realizar un estudio acerca del feminismo en tiempos de dictadura guarda la complejidad de abocarse a un periodo de prohibiciones y censuras de las practicas políticas que se oponían al régimen. El rastreo de las historias de feminismos y feministas en Argentina durante el periodo que abarca 1966 a 1973, un periodo de democracia de tres años que se interrumpe por el Proceso de Reorganización Nacional hasta 1983, resulta complejo y difícil de situar en una fecha fija. Quizás el recorrido procesual que realizan las militantes sirva para comenzar a pensar de que manera empieza el feminismo a ser una necesidad política.

Propongo realizar el análisis particular de una historia de vida, de quien fue una de las formadoras del pensamiento feminista en Argentina. A través de la historia de vida de Nina Brugo, veremos la llegada al feminismo de una militante social, a partir de la actitud consciente –aprehendida durante largo tiempo- de que la lucha por la transformación social incluye el cuestionamiento y la acción contra la opresión patriarcal. Partiré del relato de su actividad militante y rastrearé en su trayectoria las huellas que ella imprimió al feminismo y aquéllas con las que el feminismo la marcó personalmente. Luego, enfocaré cómo a su vuelta al país tras la distancia del exilio, Nina plasmó sus inquietudes en distintas organizaciones de mujeres, tratando de desmontar por qué surge la necesidad de tomar reivindicaciones propias de las mujeres.

Palavras-chave: Militancia Política; exílio; feminismo

Carina Scheibe

GT:Arte

Título: *Um primeiro encontro com as personagens femininas na obra de Augusto Roa Bastos*
Resumo: Trata este trabalho de um relato de experiências práticas que consistiram em dois exercícios cênicos, resultantes da leitura dos contos *La Rebelion*, escrito em 1960 e depois de outros inseridos na coletânea: *El Baldío* (ROA BASTOS, s/d.) pertencentes à obra do romancista, contista, poeta da prosa, dramaturgo, roteirista, o artista Augusto Roa Bastos. Roa Bastos é um autor paraguaio que possui um trabalho centrado na oralidade, na cultura guarani e em acontecimentos históricos sociais que permeiam toda a América Latina. Sua obra e sua vida são marcadas também pela oposição constante às ditaduras que seu país vivenciou e pelo exílio de quarenta anos a que foi submetido por Stroessner. Através da leitura dos contos, reunidos no livro “*El Baldío*” nos deparamos com um universo riquíssimo de personagens. Entre eles destacam-se personagens femininas, personagens providas do universo mítico e do plano real, vozes cheias de vida, de força, de garra, de amor e paixão, vozes que sonham, que tem o pé no chão, vozes da terra que contemplam com olhar firme a morte, vozes que ecoam mesmo invisíveis, mesmo sem saber se de fato existem. Neste relato, teço comentários sobre a transposição de linguagens (do conto à cena), o espaço entre teatro e performance, e os universos pelos quais as personagens de Roa Bastos transitam: plano real e plano ficcional. Para esta transposição, escolhi as personagens femininas, por sua força e também por identificação. Através desse processo, pude perceber que, de certa forma, a linguagem cênica perpassa o conjunto da obra do escritor paraguaio. As imagens, a quantidade de estímulos que ele propõe ao leitor instigando os sentidos, e por outro lado o tratamento dramático conferido as personagens, fazem com que a linguagem teatral já esteja ali, latente, esperando para aparecer, tomar corpo.
Palavras-chave: Conto; Cena; Vozes Femininas; Ficção; Realidade.

Carlos Alexandre Barros Trubiliano

Co-autor: Carlos Martins Junior

GT: Estado Novo

Título: *A Violeta em tempos de Marcha (1937-1945)*

Resumo: A ditadura do Estado Novo (1937-1945), representou significativas mudanças para o Mato Grosso. O programa *Marcha para Oeste*, renovou não só as perspectivas de desenvolvimento para o Estado, mas, ao mesmo tempo, abriu a possibilidade da chegada de novos agentes sociais. Levando-se em consideração essa configuração e que, sobretudo na primeira metade do século XX, a imprensa se apresentava como espaço privilegiado no qual as elites dominantes travavam seus embates, expressavam pontos de vistas políticos e emitiam seus projetos de desenvolvimento econômico e ordenamento da sociedade, este trabalho centrou no estudo sobre a revista feminina mato-grossense *A Violeta* entre 1937-1945, observando especificamente a maneira como a imprensa representava as mulheres, por que e de que maneira eram reproduzidas tais representações e qual o lugar social da produção das mesmas.

Palavras-chave: Imprensa; Mulher; Identidade

Carlos Eduardo Henning

GT: Gênero e Práticas Repressivas

Título: *Points e babados: estudo sobre o estabelecimento de um território de sociabilidades homoeróticas no centro histórico de Florianópolis, SC, entre as décadas de 1970 e 1980*

Resumo: Este trabalho visa analisar o estabelecimento de um território de sociabilidades homoeróticas circunscrito ao centro histórico de Florianópolis, SC, enfocando, para tanto, o período histórico entre o início da década de 1970 e o final da década de 1980. Aborda a influência, para este estabelecimento, do tradicional “carnaval de rua gay do Roma” na região da Avenida Hercílio Luz, centro da cidade. Sendo assim, faz um levantamento, no período analisado, da área de maior concentração de bares e boates “GLS” (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), assim como das dinâmicas de apropriação social do espaço pelos sujeitos pesquisados.

Neste paper, o centro da análise envolve os “bares pioneiros”, ou seja, os primeiros bares entre as décadas de 1970 e 1980 socialmente conhecidos como espaços propícios para sociabilidades homoeróticas, assim como o contexto de resistência social e política provinda dos sujeitos pesquisados (que atualmente poderiam ser intitulados, pelo movimento social homônimo, de LGBTTTT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) frente às práticas repressivas, sociais e principalmente estatais, considerando o contexto de ditadura militar à época vigente.

Palavras-chave: Homoerotismo; Gênero; Práticas Repressivas

Carmen Susana Tornquist

Co-autor@: Carolina Shimomura Spinelli

GT: Corpo

Título: *Um jeito comunista de dar à luz: o parto sem dor nos anos 60 na América do Sul*

Resumo: No final dos anos 50, na Europa, surgiram algumas correntes obstétricas que procuraram distinguir-se dos métodos convencionais de vivenciar a gravidez e o parto, entre eles, o método Dr. Lamaze, ou “Parto sem Dor”. Inspirado na escola de fisiologia pavloviana na URSS, em seu momento de glória, o *Accouchement sans douleur* (ASD) tinha como principal crítica o conhecido vaticínio bíblico, símbolo da noção de *mater dolorosa*, tão cara ao catolicismo: “entre dores parirás teus filhos, e deverás obediência ao teu marido” (Genesis, VI:3) o que foi alvo rápido da simpatia e da adesão de vários setores da sociedade do pós-guerra, naquele contexto de Guerra Fria. Bastante vinculado ao sindicalismo e ao comunismo francês, e tendo sido alvo de políticas públicas fugazes, porém, famosas, o Parto sem Dor (PSD) provocou fortes reações dos setores católicos e os hegemônicos no campo biomédico, o que contribuiu para uma superpolitização do método, chamado de “modo soviético de dar à luz” pela imprensa conservadora. Algum tempo depois, paradoxalmente, o parto sem dor foi abençoado pelo Papa Pio XII durante a realização de um congresso de obstetras em Roma. Já naquela década, mas sobretudo nos anos 60, o PSD foi alvo do interesse de alguns obstetras e de muitas mulheres e famílias na América Latina: palestras, traduções e adaptações dos livros sobre o Método foram feitas, e o próprio Lamaze esteve no Brasil, ainda nos anos cinquenta. Esta pesquisa, de cunho qualitativo e exploratório, buscou compreender como foi traduzido e interpretado o “Parto sem dor” na Argentina, no Uruguai e no Brasil, durante os anos 60 e 70, tendo como fontes entrevistas com

profissionais de saúde que atuaram naquele período, bem como mulheres que aderiram ao método quando grávidas, além da análise dos livros e publicações da época acerca do tema. Pode-se dizer que apesar de várias nuances e adaptações, também aqui o PSD foi associado aos setores progressistas e de esquerda, representando um dos motivos pelos quais, malgrado as grandes semelhanças que mantém com as vanguardas obstétricas posteriores (parto natural, Leboyer, de cócoras), acabou sendo relegado a um desprestigiado lugar entre aqueles/as que, até hoje, buscam modelos de atenção obstétrica considerada como mais adequada aos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, como o Parto Humanizado.

Palavras-chave: Vanguardas obstétricas; memória; América do Sul

Caroline Freiburger Caron

GT: Corpo

Título: *A influência da moda na ditadura da beleza feminina*

Resumo: O artigo trata da relação que a mulher contemporânea tem com o seu corpo, sua forma de integração e apresentação, pautada pela projeção da mídia e moda, que juntas, formaram a chamada “ditadura da beleza”. O corpo é o que pode ser interpretado como veículo de acesso e de integração do sujeito com o mundo.

É ele que personifica e torna a presença de si com o mundo e que estabelece uma significação com o outro. O olhar para dentro de si observa a imagem que o corpo forma aos olhos do mundo e da sociedade. Cabe então questionar, pensar e desobstruir o olhar saturado pela reprodução de imagens. Mesmo com o movimento feminista, a mídia dirigida às mulheres ainda constrói mensagens de: “feche a boca, faça uma plástica e vá malhar”, reforçando ainda mais o papel de ser bela socialmente. Ou jogam com as inseguranças e incertezas humanas, projetando ideais impossíveis de juventude e beleza (que serão conquistados graças à indústria cosmética, estética e da moda). A auto-imagem é uma construção de base emocional. O modo como a pessoa se percebendo emocionalmente pode distorcer a imagem corporal. E o fato de que muitas mulheres atualmente estão insatisfeitas com os seus corpos é uma demonstração de que a estratégia da indústria da beleza funcionou.

Palavras-chave: Corpo; mídia; imagem

Catalina Trebisacce

GT: Gênero, Memória e Ditadura

Título: *Olvidos en las memorias de los años 70*

Resumo: Este trabajo busca participar de las reflexiones que por estos tiempos felizmente se inician respecto del género en relación con la memoria y el olvido.

Puntualmente estará abocado a pensar esta relación en los estudios de memoria sobre el particular contexto de los años 70, marcados por la alta politización y militarización de buena parte de la sociedad.

En los últimos diez años, los estudios de memoria en Argentina han vivido notables transformaciones efecto de reflexiones y críticas que les exigieron un nuevo tratamiento de la materia. Experimentaron las sacudidas que significaron las miradas de las nuevas generaciones. Los/as hijos/as de aquella década trajeron nuevas preguntas -muchas de ellas irreverentes- para aquel pasado y abrieron las puertas para comenzar a bucear por

las profundidades de las subjetividades de los militantes de aquellos años. Sin embargo, todavía, entre esta nueva y profusa producción académica de los estudios de memoria, permanece como terreno poco transitado los estudios que se preguntan por las hoy llamadas problemáticas de género que habitaron de muy distintas maneras las subjetividades de los/as militantes de partidos y de las mujeres de grupos feministas (fuertemente ignoradas pero existentes) del período referido.

Que los '70 no contaron sólo con héroes o con víctimas es parte de un entendimiento del pasado que hoy admite pocos cuestionamientos. Pero que aquellos sujetos complejos, cargados de esperanzas y movidos por la convicción de la urgencia de la transformación social, estuvieran también preocupados por sus relaciones intergenéricas, es aún una cuenta pendiente. Este escrito será entonces una reflexión sobre las razones del olvido, en los estudios de memoria, de la existencia de preocupaciones en torno a problemáticas de género que estuvieron presentes en grupos militantes de izquierda, al tiempo que se analizará el olvido -la negación- de la existencia misma de los grupos feministas de entonces.

Palavras-chave: memória; militância; gênero

Cinára Dalla Costa Velasquez

GT: Educação

Título: *Sentidos e Significados da Docência : Histórias de Vida de Professoras Rurais*

Resumo: Este estudo insere-se na linha de Pesquisa Práticas Escolares e Políticas Públicas, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Com o desenvolvimento deste trabalho busca-se a análise de Sentidos e Significados da Docência : Histórias de Vida de professoras rurais, em Escolas Municipais de Santa Maria - RS, com o objetivo de investigar como mulheres professoras rurais, que exerceram e exercem a docência em escolas rurais, atribuem sentidos e significados às suas vivências, à profissão docente, à escola e aos alunos (as). Especificamente, buscar-se-á identificar, como através de suas memórias emergem permanências/alteridades em cada tempo e espaço, na construção de identidades de gênero e como se constituem na docência rural; contextualização histórica da educação rural na sociedade brasileira ao longo dos anos; a análise das políticas públicas educacionais no contexto da educação rural. A delimitação deste espaço e tempo representa um locus e um ethos de vivências singulares, onde mulheres professoras rurais, constroem-se em processos atravessados pelos discursos culturais, sociais e históricos. Para a efetivação deste estudo procurar-se-á tecer uma trama teórica envolvendo as categorias de memória e gênero. Para tanto será realizada uma Pesquisa Qualitativa, com metodologia de História Oral – modalidade de História de Vida, através de entrevistas semi-estruturadas com três professoras, representando características de suas gerações. Podendo-se cruzar significações entre gerações, confirmando ou não alterações ou permanências de sentidos e significados atribuídos para cada tempo e espaço de suas vivências docentes na educação rural.

Palavras-chave: Memória; Gênero; Professoras Rurais

Clarice Bianchezzi

GT: Gênero, Memória e Ditadura

Título: *Memória e Narrativa: por uma identidade religiosa-militante*

Resumo: O presente artigo é parte da dissertação de mestrado que teve como objeto de estudo a atuação de um grupo de freiras, que a partir de 1975, passou a desenvolver projetos educacionais nas áreas empobrecidas de Florianópolis (SC). Nesse breve ensaio buscamos discutir, nos valendo da memória/narrativa a nos concedida, as relações de poder e gênero as quais essas freiras enfrentaram na busca empreendida para resignificar sua opção religiosa, optando por uma identidade coletiva religiosa-militante, em pleno governo militar, assumida sob um novo nome religioso grupal. A discussão se utiliza dos princípios de poder defendidos por Foucault, adentrando o universo religioso católico estruturado sob o domínio masculino, que foi questionado por essas mulheres. Ao mencionar a atuação religiosa-militante em Florianópolis de fins dos anos 1970, aludimos a militância social assumida por integrantes da Igreja Católica, algo que já vinha acontecendo em várias partes do Brasil e que na capital catarinense destacamos a presença, atuação e opção de um grupo de mulheres consagradas por votos religiosos. Palavras-chave: militância social; identidade coletiva; freiras

Clarissa Brasil

GT: Gênero e Práticas Repressivas

Título: *As atrizes da peça Roda Viva de 1968 e sua condição de gênero frente aos ataques do Comando de Caça aos Comunistas*

Resumo: Este trabalho é sobre a violência exercida sobre as atrizes da peça Roda Viva em 1968, pelo Comando de Caça aos Comunistas, CCC. Trata-se de dois episódios diferentes, um ocorrido no mês de julho, no teatro Ruth Escobar, em São Paulo, e outro ocorrido em outubro, em Porto Alegre. Os episódios referem-se a duas ações do Comando de Caça aos Comunistas, uma organização para-militar que atuou no Brasil entre os anos 1968 e 1970, desaparecendo por um período, e retornando ao cenário de ações violentas em 1978 até 1982. As ações desta organização com a peça Roda Viva foram divulgadas na imprensa, classificando o grupo como grande, organizado, rápido, e de atuação nacional. Em São Paulo, as atrizes atacadas foram Marília Pêra e Valkíria Mamberti e Eudócia Cunha. Os agentes do grupo invadiram os camarins, rasgaram a roupa das atrizes, deixando-as nuas. Apertavam seus seios e gritavam “isso que é revolução”. Eudócia Cunha dissera que estava grávida, então os homens começaram a bater com cassetete em sua barriga. Em Porto Alegre, a atriz foi Elizabeth Gasper, que substituíra Marília Pêra no elenco. Depois do espetáculo, ela e um músico da peça foram seqüestrados para um local distante de Porto Alegre, e obrigados a realizar uma cena de Roda Viva, uma polêmica situação em que fica subentendido um erotismo entre a Virgem Maria e Jesus Cristo. Aqui, os agentes da organização fizeram um discurso moralista, questionando o músico como ele deixava sua mulher trabalhar naquilo. Nos dois episódios, todos os atores do elenco sofreram violências físicas e psicológicas diversas. Porém, as direcionadas às atrizes tiveram claramente sua diferença de gênero utilizada com peculiaridade pelo CCC. Os seios, a barriga gestante, e a submissão ao homem são evidências de que a condição feminina foi aproveitada e fragilizada pelos agentes do CCC, reafirmando, sob circunstâncias de poder, as defasadas diferenças entre os gêneros.

Palavras-chave: Repressão; Atrizes; Comando de Caça aos Comunistas

Claudete Beise Ulrich

GT: Feminismos em Tempo de Ditadura

Título: *Mulheres e homens luteranos: leituras feministas e identificações com o feminismo em tempos de ditadura militar no Brasil (1964-1989)*

Resumo: A presente comunicação é parte dos resultados do projeto de pesquisa de pós-doutorado, realizada no período de dezembro de 2007 a novembro de 2008 na Universidade Federal de Santa Catarina, com apoio do CNPq, sob a supervisão da Prof.^a Dr.^a Joana Maria Pedro. O tema do projeto de pesquisa tratou sobre o “Movimento de mulheres e feminismos em tempos de ditadura militar (1964-1989) e a relação com a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)”.

No percurso metodológico, gênero foi utilizado como categoria de análise histórica. Uma das principais fontes utilizadas na pesquisa, além da bibliográfica, foi a fonte oral. Foram realizadas 30 entrevistas com homens e mulheres da Igreja de Confissão Luterana. Uma das perguntas da entrevista versava sobre as leituras feministas realizadas e que influenciaram na identificação com o feminismo. Segundo Jean Marie Goulemot, “ler é constituir e não reconstituir um sentido.”

Percebeu-se na análise das entrevistas diferenças nas leituras realizadas pelas mulheres e pelos homens luteranos, constituindo e questionando o gênero. Realizar determinadas leituras foi uma estratégia e teve como objetivo produzir sentido, especialmente para as mulheres, proporcionando e justificando a entrada das mulheres em espaços antes ditos masculinos; por exemplo, na faculdade de teologia e no ministério pastoral, mas também o direito a dizer a sua palavra, ao prazer, afirmando o slogan da segunda onda do feminismo “o corpo me pertence”.

Palavras-chave: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil; leituras feministas; identificações com feminismo

Claudia Patricia Molina

GT: Prostituição

Título: *“Trata de Mujeres y Derechos Humanos en Argentina”*

Resumo: El presente trabajo hace parte de tema de investigación de tesis para la Maestría en Historia y Memoria la cual versa sobre la trata de mujeres en Argentina entre 2002 y 2008. El tema aparece como una problemática individual y azarosa para comenzar a establecerse las características estructurales. El objetivo de este trabajo es analizar el proceso de transformación de los discursos respecto a este tema en el espacio de la prensa escrita. Para ello se tomará el periódico Página 12 y La Nación, ambos de tirada nacional y con un perfil ideológico bien distinto cada uno.

Entiendo que la Trata y la Prostitución son dos problemas que deben estudiarse interrelacionados ya que parto de la idea de que ambos son expresiones de explotación sexual y comercial de las mujeres y encajan en sociedades con una estructura social y simbólica que producen y reproducen la violencia hacia “las mujeres”.

Las organizaciones defensoras de los derechos humanos en la Argentina se constituyeron sobre la base de los lazos de parentesco con los desaparecidos (Jelin, 1995), como es el caso de la militancia de Las Madres de Plaza de Mayo que se origina en la demanda de la aparición de sus hijos detenidos y también es el caso de las denunciantes por las desapariciones de mujeres y niñas víctimas de las redes de trata. En este camino se ha

ido configurando la figura del desaparecido de la última dictadura en tanto víctimas paradigmáticas por lo que cada vez que hablamos de derechos humanos hacemos referencia a esta figura. Esto a la vez implicaría un silenciamiento de otras víctimas oscureciendo sus voces, memorias, sus testimonios en el conjunto del espacio público. El análisis de este tema como un problema de derechos humanos se relaciona con un proceso de apropiación y ampliación del concepto de derechos humanos que, en la vuelta a la democracia, parecía restringido exclusivamente a la desaparición forzada de personas durante la última dictadura.

Palavras-chave: Trata de mulheres; memoria; Direitos humanos

Claudia Regina Nichnig

GT: Feminismos em Tempo de Ditadura

Título: *Ditadura militar e a segunda onda do movimento feminista no Brasil: alterações no direito das mulheres*

Resumo: Buscando aproximar a História e o Direito, a partir das discussões que tratam da categoria de análise gênero, pretendemos contestar, historicizar e problematizar os embates e os debates que antecederam as mudanças legislações, especificamente as que tratam dos direitos das mulheres. Analisando o que reivindicavam estas mulheres nas décadas de 1970 e 1980, para observar como foi dado voz a estas demandas. Assim, a partir da aproximação das análises feministas e/ou de gênero ao direito, discutiremos as intersecções existentes entre as práticas e os discursos dos movimentos feministas/gênero e as mudanças legislativas no período em questão.

Observar a historicidade da legislação, desconstruindo as definições que apontam as leis como algo que é dado, como pronto e acabado: é a partir deste olhar que pretendemos neste estudo apresentar as relações entre as mudanças nas leis referentes às mulheres e a constituição dos debates e anseios que caracterizaram e definiram as lutas feministas durante a Segunda Onda do movimento no Brasil.

Palavras-chave: Gênero e Direitos das Mulheres; Feminismos; Movimentos Feministas; Reivindicações

Cristiana de Azevedo Tramonte

GT: Gênero e Práticas Repressivas

Título: *A Umbanda na ditadura militar em Santa Catarina: as estratégias das “senhoras-do-santo”*

Resumo: O período ditatorial militar no Brasil tem como consequência a ruptura violenta nos processos participativos da sociedade civil, o que explica o desaparecimento total nos meios de comunicação das já escassas informações sobre expressões culturais populares, entre elas, as religiões afro-brasileiras. Desaparece do cenário público a figura do “povo brasileiro” - leia-se principalmente classes populares – e suas práticas culturais. A religião afro-brasileira, que já vivia o desafio da superação da invisibilidade, será novamente remetida ao anonimato, junto com outras expressões populares, cuja valorização coletiva foi interpretada como “subversão”.

Em Santa Catarina, liderando ações de resistência e construção de estratégias de expansão religiosa, estão as mulheres, “yalorixás”, “senhoras-do-santo”, em sua maioria negras e pobres. O predomínio quase absoluto de mulheres entre os praticantes caracteriza um

fenômeno de liderança e hegemonia: entre o “povo-de-santo” a hierarquia de gênero está invertida, vale dizer, os grupos geralmente excluídos na sociedade envolvente – mulheres heterossexuais e homossexuais masculinos – estão no topo da pirâmide, no que diz respeito à autoridade e legitimidade religiosas.

Considerando que a exclusão da mulher agrava-se conforme sua condição étnica e de classe, destaca-se a importância do espaço religioso afro-brasileiro para a condição social da mulher, especialmente aquela pertencente a grupos afro-brasileiros e de classes populares que, desta forma, assumem a liderança de uma densa rede urbana que articula valores da tradição - papéis historicamente reservados a estas – e da modernidade – a liderança em espaços que congregam a amplitude social de gênero e classe. Analisam-se as ações de resistência deste grupo no período da ditadura militar brasileira e suas estratégias de articulação política e social e de expansão cultural e religiosa.

Palavras-chave: religião afro-brasileira; Grande Florianópolis; liberdade de culto

Cristiane de Castro Ramos Abud

GT: Gênero, Memória e Ditadura

Título: *“Em nome de Deus”*: a produção da identidade feminina católica no período de ditadura militar em Florianópolis/SC

Resumo: Este texto pretende tecer relações entre os discursos e memórias de um grupo de mulheres que se autodenominam católicas, quanto às suas práticas religiosas no período da ditadura militar em Florianópolis-SC, percebendo o papel da Igreja Católica no processo de regulamentação de condutas, valores e enunciados para forjar a identidade do/a cidadão/ã católico/a neste período.

Palavras-chave: Igreja; poder; mulher

Danielle Tega

GT: Gênero, Memória e Ditadura

Título: *Mulheres em cena: considerações sobre feminismo, gênero e tortura a partir do filme Que bom te ver viva*

Resumo: Em fevereiro de 2009, o editorial do jornal Folha de São Paulo usou o termo “ditabranda” para caracterizar de forma amena o repressivo regime político brasileiro instaurado a partir do golpe civil-militar de 1964, e que perdurou até 1985. Esse despautério demonstra a necessidade de se recuperar e estudar o período em questão, no qual um processo de modernização autoritária foi posto em prática, cerceando as liberdades democráticas e aprofundando a disparidade entre as classes sociais.

Nesse contexto, está em pauta o debate memória x esquecimento, que, embora seja uma discussão essencial para o país como um todo, tem um peso peculiar para a recente história das mulheres e das relações de gênero. Para discutir essas considerações, procuro fazer um estudo do filme *Que bom te ver viva*, dirigido por Lúcia Murat, que apresenta depoimentos de oito mulheres que participaram da resistência à ditadura militar, e que foram presas e torturadas pelos órgãos de repressão daquele regime. Entrelaçando documentário e ficção, a cineasta põe em cena temas traumáticos, que intercalam as vivências individuais e a experiência coletiva das entrevistadas.

Inscrito num período marcado por fortes implicações, o filme foi produzido em 1988 (ano da nova Constituição Brasileira) e lançado em 1989 (emblemático ano da queda do

muro de Berlim). Passados vinte anos de seu lançamento, penso que o filme *Que bom te ver viva* merece nova atenção, pois apresenta elementos significativos para uma tentativa de interpretação sócio-histórica que leve em consideração a participação feminina na militância política. Nesse sentido, busco uma reflexão que envolva forma e conteúdo para se pensar as relações do filme com a sociedade na qual se insere. Embora essa alternativa abra um grande número de possibilidades devido aos diversos assuntos que o filme aborda, procuro deter-me, neste trabalho, nas questões referentes ao feminismo, às relações de gênero e à tortura.

Palavras-chave: ditadura; memória; gênero

Denise Walter Xavier

Co-autor@: Tatiana Trindade

GT: Exílio

Título: *“Liberdade para Flávia” - O cárcere Uruguaí através de suas cartas*

Resumo: Flávia Schilling -nascida no município de Santa Cruz do Sul (RS) , exilada no Uruguaí com sua família, filha de ex-assessor de Leonel Brizola, presa pelo governo uruguaio em 1972 por militância no grupo político Tupamaros - foi autora de diversas cartas destinadas aos seus familiares, elucidando o cotidiano dos cárceres uruguaiois, exprimindo suas emoções, medos, incertezas e perspectivas sobre o seu futuro em um país estrangeiro. As cartas de Flávia foram compiladas em dois livros: “Querida Família” publicado no período da sua prisão, em 1978 , fazendo parte da campanha pela sua libertação e posteriormente em “Querida Liberdade” , publicado em 1981 já com Flávia em liberdade.

O presente trabalho visa resgatar, a partir destas cartas e de reportagens e documentos encontrados no Acervo do Movimento Feminino Pela Anistia do Rio Grande do Sul (MFPA-RS), um pouco da sua história, o contexto das ditaduras civis-militares na América Latina, a campanha nacional a favor de sua libertação, a campanha pela Anistia e sua percepção acerca do cotidiano carcerário, sua relação com outras detentas e suas perspectivas sobre o seu futuro e o futuro político de seu país.

Pretendemos assim, auxiliar a preencher essa grande lacuna presente na história brasileira- a do período militar- e principalmente na historiografia contemporânea do Rio Grande do Sul, ainda bastante carente de estudos acerca dos movimentos de contestação e das trajetórias de seus participantes.

Palavras-chave: Cartas; Prisão; Exílio

Deusa Maria de Sousa

GT: Gênero, Memória e Ditadura

Título: *Ter, desaparecer, perder... Sentimentos e sentidos dos familiares de desaparecidos políticos do Araguaia*

Resumo: Durante muitos anos, a maior parte das informações que os familiares de desaparecidos no Araguaia obtiveram a respeito dos seus parentes foram apenas rumores desencontrados. Após a Anistia, em 1979, muitos dos exilados e presos políticos retornaram ao país e, por conseguinte, retornaram à legalidade. Muitos, porém, nunca reapareceram, principalmente a maioria daqueles que participaram da chamada Guerrilha do Araguaia, restando aos familiares a incerteza quanto aos seus destinos.

Essa comunicação pretende analisar através de fontes orais, e de outras fontes, e sob a perspectiva de gênero, geração os diferentes sentimentos e sentidos que acometem os familiares dos desaparecidos no Araguaia, convivendo com a realidade de “ter” um familiar desaparecido.

Palavras-chave: Sentimentos; perda; familiares de desaparecidos do Araguaia

Dina Susana Mazariegos García

GT: Gênero e Práticas Repressivas

Título: *El último eslabón de la violencia contra las mujeres en Guatemala: - El Femicidio -*

Resumo: Es hasta finales del siglo XX después de la barbarie cometida contra las mujeres de Bosnia y Ruanda que la comunidad internacional empieza a condenar drásticamente el uso de la violencia sexual contra las mujeres como un arma de guerra. (Ispanel-Urbina 2006). Sin embargo este genocidio contra las mujeres, tiene antecedente varios siglos atrás en diferentes países del mundo, entre otros Guatemala; donde de manera sucesiva se han impuesto dictaduras militares, sumamente crueles cuyo elemento fundamental ha sido la Violencia.

Motivada por mantener viva la memoria y como un esfuerzo para apoyar las diferentes iniciativas, que se han hecho por recuperar la historia de las miles de mujeres desaparecidas, torturadas y asesinadas durante las diferentes dictaduras del Estado Guatemalteco, este trabajo pretendo hacer una genealogía sobre el despojo, exclusión, tortura y muerte de incontables mujeres guatemaltecas, así también visibilizar las acciones y procesos de resistencia que de manera individual y colectiva las mujeres en Guatemala hemos desarrollado como trincheras de lucha contra la represión y la violencia.

Se hará un enfoque especial en los largos períodos de dictadura formales o mediáticas que se han constituido en los capítulos más oscuros y vergonzosos de la historia del país. Mismos que se han caracterizado por ser profundamente clasistas, racistas y androcéntricos, por lo que han constituido en los cuerpos y vida de las mujeres un botín de guerra, llegando en menos de medio siglo, del genocidio durante más de tres décadas que duro la guerra en el siglo pasado, hasta el femicidio en la primera década del siglo XXI.

Palavras-chave: Genocidio-femicidio; Dictaduras formales o mediáticas

Ediméri Stadler Vasco

GT: Movimentos Sociais e Trabalho

Título: *A cultura do trabalho a partir do universo feminino: Mulheres trabalhadoras na Curitiba de 1890 a 1920: o uso do documento para problematizar o ensino da história*

Resumo: Para o desenvolvimento desse curso partirei das análises feitas por uma historiografia arejada e inovadora, fruto de um processo de ousadia e de novos rumos buscados por alguns historiadores, tais como: Walter Benjamin, Raymond Williams, Christopher Hill, Eric Hobsbawn e E. P. Thompson. Todos estes autores são fundamentais na produção de trabalhos focados numa história social das classes urbanas mais pobres. Para eles, a preocupação fundamental e objeto de seus estudos são os homens que se relacionam com outros homens, dentro de uma dinâmica das relações sociais. Com relação ao tema proposto, a linha de trabalho de E. P. Thompson, constitui-se na linha condutora de análise da classe trabalhadora de Curitiba. A genialidade do autor consiste

em uma análise crítica do ortodoxismo e mecanicismo do marxismo tradicional. Ao desenvolver um trabalho que comprova que o que identifica os indivíduos como classe são suas experiências comuns, os interesses entre si contra os interesses dos outros homens, colocando em xeque a noção de que a classe trabalhadora só se configura a partir da posição revolucionária ocupada diante dos meios de produção. É a partir desse rumo dado pelo autor que pretendo analisar o estudo de gênero. Nesse sentido, a produção historiográfica tem apontado para o fato de que no século XIX, as mulheres ficaram excluídas de uma efetiva participação na sociedade.

Ainda, o próprio advento do capitalismo coloca em xeque essa submissão lançando-as num mercado de trabalho e supostamente numa sociedade que ao mesmo tempo as incluía pela necessidade e dever, mas as excluía de todo e qualquer direito civil, social e de poder. Portanto, a discussão aqui posta é a de analisar a mulher, pensando nos papéis que elas ocuparam frente aos entraves de uma sociedade, embora capitalista e liberal, ainda herdeira de um ranço patriarcal construído pela sociedade colonial e imperial. Para tanto, a partir de uma experiência de pesquisa positiva já efetivada é que proponho a utilização de fontes criminais para o estudo de gênero. São diversos processos que contém relatos de mulheres envolvidas como réu ou vítima em crimes. Eles nos oferecem descrições detalhadas de envolvimento e relações estabelecidas entre elas e os demais agentes sociais da sociedade curitibana entre os anos de 1890 a 1920. Esses detalhes nos auxiliam a compreender minimamente as mulheres enquanto trabalhadoras que desenvolveram uma consciência própria e autônoma de sua condição ao longo da história.

Palavras-chave: História; trabalho; gênero

Elda Alvarenga

GT: Violência Doméstica

Título: *A representação social da mulher e o fenômeno da violência doméstica no ES: a educação como elemento desta construção*

Resumo: Os altos índices de violência doméstica ainda presentes na sociedade brasileira e em especial no Espírito Santo e a grande influência que os processos educativos exercem na construção da representação social das mulheres e esta para a produção/manutenção da violência doméstica são os elementos que embasam esse trabalho. É importante considerar a grande influência que os processos educativos têm na formação do ser humano. Educar é uma tarefa ímpar na desconstrução das ideologias dominantes e das representações sociais construídas ao longo da história. Construções que mascaram a dominação burguesa, mas também as relações desiguais de gênero, questão que transcende a categoria classe uma vez que mulheres de todas as classes sociais são oprimidas. Felizmente tem crescido, nos últimos anos, o debate sobre as relações sociais de gênero. Apesar das resistências que o movimento feminista tem encontrado ao longo da sua história, observa-se que, a cada dia, esse debate tem-se difundido nos diversos setores da sociedade, entre eles, o da educação. Vemos que, pouco a pouco, a análise das relações sociais de gênero ganha espaço no campo educacional.

Ao concebermos a escola como instrumento privilegiado de produção e reprodução do conhecimento sistematizado, não podemos deixar de vê-la, também, como um espaço e tempo bastante significativo para a superação dos dogmas e limites, historicamente

construídos, que relegam à mulher um lugar inferiorizado na sociedade. Acreditamos que esses valores contribuem de diversas maneiras para a reprodução da discriminação sexista. Apesar de a educação, e especialmente a escolarização, aparecer como um importante (e disputado) instrumento de apoio à ideologia dominante, é possível perceber, ao longo dos anos, a existência de movimentos e/ou atitudes de resistência presentes nos cotidianos escolares. Essa resistência tem contribuído para “desmistificar” valores e concepções discriminatórias e autoritárias, como, por exemplo, a opressão sexista.

Palavras-chave: Gênero; opressão; educação

Eleanor Gomes da Silva Palhano

GT: Educação

Título: *Desigualdades educativas na formação da Mulher*

Resumo: Este estudo, voltado para analisar o processo de educação no campo do gênero, é resultante de uma pesquisa empírica, desenvolvida no Estado do Pará, a qual visa compreender como as desigualdades educativas vêm se constituindo como elementos fundantes do processo educacional no contexto escolar. O estudo procura examinar e, principalmente, observar como as (os) professoras (es) desenvolvem reflexões sobre suas práticas escolares e os modelos de feminilidades e masculinidades que lhe possibilitam identificar, a partir da reflexão pelas (os) próprias (os) professoras (es) sobre a sua identidade como mulheres e homens. Ao mesmo tempo, refletir sobre a identidade docente e como estes elementos interfere nas formas de sociabilidade entre as crianças e jovens e das culturas infantis e juvenis que também permeiam a vivência escolar. Nesse caso específico, o estudo busca analisar como as matrizes curriculares criam novos desdobramentos, e como os mesmos interferem na construção das desigualdades educativas na formação da Mulher. Parte - se do princípio que a educação para a igualdade entre homens e mulheres pressupõe a construção da cidadania, isto é, a democracia de gênero, como um dos componentes essenciais para uma sociedade em transformação. A pesquisa procura, principalmente, investigar as práticas pedagógicas docentes que levem em conta o gênero no cotidiano escolar.

O trabalho busca questionar o sistema de ensino atual no tocante à sua capacidade como agente transformador ou perpetuador das desigualdades de gênero, provocadas pelas desigualdades educativas presentes na sociedade paraense. Evidencia a sua influência nos percursos profissionais dos (as) jovens estudantes com repercussões no emprego e na formação profissional. As representações estereotipadas dos homens e de mulheres na sociedade é obstáculo à escolha de uma profissão, bem como a entrada no mercado de trabalho. Desta forma, pode-se sinalizar que uma pedagogia oculta de gênero contribui para reforçar conteúdos e práticas androcêntricas, as quais podem ser consideradas como práticas sociais repressivas.

Palavras-chave: desigualdades educativas; gênero; democracia

Eleni Lechinski

GT: Educação

Título: *Mulheres em processo de alfabetização na educação de Jovens e Adultos em Joinville: narrativas e memórias*

Resumo: O trabalho discute a contribuição da EJA no processo de construção e reconstrução de valores identitários dos sujeitos, bem como, tece reflexões acerca das mudanças que a alfabetização oportuniza na vida dos indivíduos, particularmente, no caso de mulheres que, depois de adultas, iniciam o conhecimento da leitura e da escrita e, a partir dessa realidade registram suas histórias. A pesquisa foi realizada com um grupo de mulheres adultas em processo de alfabetização. Analisam-se os motivos que as impossibilitaram de estudarem, quando mais jovens, bem como, seu posicionamento social a partir da escolarização. As fontes orais foram coletadas com 4 (quatro) educandas da EJA em Joinville/SC. As entrevistas foram gravadas e transcritas, observando-se a metodologia da história oral. Além das entrevistas, buscou-se na literatura discussões referente às relações de gênero nas políticas educacionais da EJA. O trabalho possibilitou perceber que, a EJA desempenha um papel importantíssimo frente à construção da cidadania, principalmente para sujeitos que de alguma forma quando mais tiveram o acesso a escolarização negado e, hoje, após o domínio da leitura e da escrita registram suas histórias com maior dignidade.

Palavras-chave: Mulher; Alfabetização; Inserção Social

Eunice Sueli Nodari

Co-autor@: Samira Peruchi Moretto

GT: Estado Novo

Título: *A dor do esquecimento: o Estado Novo no oeste de Santa Catarina*

Resumo: A criação de uma memória pública nacional na Era Vargas no Oeste de Santa Catarina coincidiu com o período de colonização da região por imigrantes e migrantes de origem teuta e itálica, em sua maioria. O tipo de atitudes e ações efetivas tomadas pelas autoridades, estaduais e federais, não foram de forma alguma mais brandas do que no resto do Estado, o processo foi, isto sim mais moroso devido à própria localização geográfica e à distância com a capital. Este tema até o momento da nossa pesquisa foi pouco estudado em relação à região, especialmente no que tange as mulheres. O que resgatamos através da metodologia da história oral são algumas histórias de vida de mulheres, desse período, quando constatamos que as pessoas estão querendo falar sobre o tema, apesar de não saberem o que significou historicamente aquele processo. Por enquanto, permanecem somente nas lembranças e nas marcas do tempo, como relata uma das entrevistadas: “Meu Deus este tempo era difícil, se as pessoas hoje soubessem... como isto aconteceu...” e complementa que as pessoas em seus próprios lares “não falavam nada, ficavam quietos. Onde nós morávamos na cidade a estrada passava que nem aqui, nós tínhamos que ficar quietos...” A constituição de uma memória nacional sobre grupos humanos de diferentes configurações étnicas só foi possível através da violência sobre a memória, e assim para muitas mulheres a sobrevivência significou esquecerem de suas músicas, da sua língua mãe, de gestos e mesmo de amores.

Palavras-chave: Memória pública; Estado Novo; mulheres de origem alemã

Fábio Francisco Feltrin de Souza

GT: Exílio

Título: *Mariquita Sánchez: a vida no entre-lugar*

Resumo: Mariquita Sanchez encontrou seu desterro na escrita, na atividade intelectual,

cultural e política. Encontrou a grandeza em sua própria vida. Seu diário e principalmente suas cartas constroem uma mulher forte, ilustrada e, melancolicamente, dramatizam sua condição duplamente exilada: fora da Argentina por contada oposição ao general Juan Manoel de Rosas e fora dos padrões socialmente aceitos para mulher. Interlocutora dos jovens revolucionários da geração de 1837, ganhou respeito e admiração, principalmente de amigos mais próximos como Gutiérrez e Echeverría. Mariquita Sanchez construiu uma auto-imagem e refletiu sobre a condição feminina. Na verdade, sobre a condição de mulher ilustrada num mundo dominado por homens. Experimentou a exterioridade; viveu na fronteira; transitou nos limiares da existência.

Palavras-chave: Mariquita Sánchez; exílio; entre-lugar

Fernanda Mara Borba

GT: Movimentos Sociais e Trabalho

Título: *Mulheres religiosas nos espaços populares de Joinville: novos caminhos de resistência, solidariedade e transformação*

Resumo: Ao problematizar questões sobre a vida religiosa feminina em Joinville, verificou-se que, a partir das necessidades da população, muitas religiosas, fora dos conventos e inseridas na comunidade, uniram-se para assumir práticas e ações sociais direcionadas aos mais necessitados. As alterações sofridas pela Igreja na década de 1960 modificaram a vida destas mulheres, que passaram a buscar profissionalização, formação e ampliação do campo de atuação, marcando uma nova fase: a inserção das religiosas nos “meios populares”. Impôs-se uma consciência de que, em uma sociedade injusta e desigual, necessitava-se essa presença nos movimentos sociais ou organismos civis em função da inclusão social e da superação das violências, articulada em pastorais nas comunidades eclesiais e paróquias ou dioceses. Principalmente a partir da década de 1970, período de efervescência dos movimentos sociais libertários, parte da Igreja Católica afirmou que o contexto necessitava passar por novas transformações, verificando-se diversos setores da instituição integrados ao movimento civil de resistência à àquele momento. Assim, muitas comunidades religiosas femininas inseridas nas periferias das metrópoles e áreas rurais isoladas, passaram também a enfrentar condições precárias em nome da libertação dos pobres, recriando a experiência da inserção como compromisso de transformação da sociedade. Em Joinville, os “espaços populares” desenvolvem um trabalho significativo e a presença das religiosas representa uma mudança nas suas práticas e experiências. Pensando sobre estas mulheres e as transformações ocorridas na suas vidas, atentando-se à perspectiva da categoria de gênero na análise histórica, pretende-se problematizar, com o aporte da metodologia da História Oral, memórias e narrativas de religiosas em diferentes espaços e períodos, vivenciadas em Joinville, positivamente olhares sobre estas experiências e contribuindo com os estudos de gênero na religião.

Palavras-chave: Gênero; Religião; Espaços Populares

Gabriel Felipe Jacomel

GT: Feminismos em Tempo de Ditadura

Título: *O ativismo feminista em cena: apontamentos sobre as práticas teatrais sul-americanas em períodos ditatoriais*

Resumo: Períodos de recrudescimento da ação estatal, como ocorrido nas ditaduras

militares sul-americanas aqui focalizadas, acabam por transformar drasticamente os mecanismos de produção de obras forjadas nas mais diferentes mídias que configuram as complexas teias da comunicação no rizomático jogo social. Sendo a prática teatral um desses abrangentes veículos midiáticos, é instigante notar as diferentes disputas e estratégias estabelecidas pelos variados atores desse cenário no qual tanto as atividades censórias quanto as manifestações de desgosto em relação ao status quo se faziam presentes. Em meio às restrições impostas pelo aparato estatal, constituíram-se diversas produções teatrais de viés feminista a visar uma participação política lúdica e criativa no combate aos limites traçados pelos Estados em questão, bem como pelas disputas de gênero que matizavam os países aqui problematizados - Chile e Brasil.
Palavras-chave: Teatro; feminismo; ditaduras militares

Gabriela Miranda Marques

GT: Feminismos em Tempo de Ditadura

Título: *Movimento Feminista e Igreja Católica: Uma análise comparativa com periódicos do Brasil e Argentina*

Resumo: Este trabalho busca enfocar as relações entre movimentos feministas e Igreja católica a partir de uma análise comparativa com periódicos feministas do Brasil e Argentina. Busquei, não obstante, perceber como os periódicos analisados foram publicados e por quem, como percebiam a Igreja e suas tendências e como a sua narrativa demonstrava isso, sem perder de vista a realidade vivenciada com as ditaduras militares e a forma como estas influenciavam em seus discursos. Lembro que toda a análise aqui, não perde de vista o momento histórico analisado, que será fator crucial na lógica dos movimentos e de suas publicações. Dado que foi o período de criação da Teologia da Libertação e também de emergência dos feminismos na América Latina. Além das fontes periódicas, que são o objeto da pesquisa, outras fontes foram utilizadas, como as fontes orais, bem como bibliografia referente ao tema, assim, respeitando a metodologia, pretendo realizar uma pesquisa histórica contundente. Tendo-se como pressuposto que os feminismos são múltiplos assim como a Igreja tem muitas facetas, o panorama desta relação tende a ser multifacetada.

Palavras-chave: Feminismos; Igreja; Ditaduras Militares; Periódicos

Gabrielle Pellucio

Co-autor@: Elaine Filgueiras Fachine

GT: O Gênero da Esquerda em Tempos de Ditadura

Título: *A participação de mulheres revolucionárias na Ditadura Militar: Contestação à ordem estabelecida*

Resumo: A ditadura militar instaurada no Brasil em 1964 e que se prolongou até 1985, contou com a participação na militância política de mulheres que durante todo esse período compartilharam e viveram a mesma conjuntura política que os homens, unidos por um ideal comum, que era a derrubada do regime militar, bem como revolucionar os costumes, as tradições e as relações sociais vigentes. A utilização de gênero como categoria de análise, possibilita relacionar as subjetividades socialmente construídas entre a representação da masculinidade e feminilidade em meio ao caldo cultural de uma sociedade em efervescência política de grande magnitude histórica, na qual as mulheres

já demonstravam, através de suas ações, o desejo de uma sociedade mais igualitária. A militância política das mulheres nesse conturbado período histórico, representou uma ruptura na tradição e costumes impostos às mulheres, tornando-se num importante instrumento de emancipação feminina. Ressalta-se a importância da categoria gênero neste trabalho de pesquisa, na medida em que gênero é um dos componentes de construção da representação social do masculino e do feminino, num período em que o ideário do homem revolucionário perpassava pelas características de força, virilidade e coragem para lutar contra as forças opressoras, atributos estes relacionados à condição de macho, diferentemente do que se tinha esquadrinhado como características apreciáveis pela sociedade para a mulher, como sendo tímida, delicada, sensível e agregada ao espaço doméstico. A participação dessas mulheres foi decisiva para o rompimento de códigos tradicionais de conduta, que possibilitou traçar novos contornos na trajetória histórica e identidade social das mulheres na sociedade.

Palavras-chave: Gênero; ditadura militar; Feminismo

Gisele Gaspar Ferreira

GT: Prostituição

Título: *A disciplinarização dos corpos e dos espaços: Meretrizes pontagrossenses, entre Imaginários e Representações. (1930/1940)*

Resumo: Realizamos aqui breves asserções acerca das práticas do meretrício na cidade de Ponta Grossa, refutamos dualidades entre bem e mal, normal e patológico, buscamos na realidade, encontrar na subjetividade, no imaginário e nas emoções, a face oculta da prostituição, e mais, saber qual era o papel social que a prostituta desempenhava na sociedade princesina nas décadas de 1930 e 1940. Para isso analisamos os discursos policial, jurídico e médico na pretensão de compreender como se dava o imaginário social nessas décadas, essa análise nos permitiu entender como esses discursos normatizavam os comportamentos, estabeleciam normas de vigilâncias e definiam o ordenamento dos corpos em seus espaços. As representações desses discursos nos remetem à novas formas de pensar essas práticas. Fazendo uso de processos-crime, oriundos da I Vara Criminal de Ponta Grossa, vislumbramos os conflitos no interior dos bordéis, e mais, utilizando artigos do Jornal Diário dos Campos buscamos compreender como se dava o ordenamento do espaço urbano social, analisamos de quais formas a prostituição era vista, pensada e promulgada na cidade. Avaliamos as medidas que foram adotadas pelas autoridades pontagrossenses para a criação de uma zona do meretrício na cidade a partir da década de 1940, uma vez que, o ato de confinar não deixava de ser uma atitude disciplinar. Entretanto, essa era uma estratégia que não se dava em um espaço fechado, mas tinha como escopo um grau de enclausuramento dos corpos em um espaço que estava sob constante vigilância e normatização. Esse trabalho emprega os conceitos de Gênero, memória, representação social e imaginário.

Palavras-chave: Relações de Gênero; Prostituição; Análise de Discursos

Gisele Maria da Silva

GT: Feminismos em Tempo de Ditadura

Título: *Mulheres operárias: uma historia comparada entre Brasil e Argentina através de periódicos*

Resumo: A entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho a partir da década de 1950 deveu-se em grande parte, ao desenvolvimento industrial e a intensificação da decomposição das tarefas desempenhadas nas fábricas. Estas mudanças possibilitaram a criação de setores de trabalho mais rotineiros e menos qualificados, ocupados preferencialmente por mulheres por serem consideradas mão-de-obra mais barata. Muitas empresas utilizavam a suposta falta de especialização como justificativa para a diferença salarial que havia entre homens e mulheres. Neste mesmo período a historiografia que envolve Brasil e Argentina mostra os regimes militares que se instalaram em ambos os países procuraram impor uma política de organização e dominação da classe trabalhadora em favor do governo e da burguesia, fechando os canais democráticos de acesso ao governo e coibindo qualquer manifestação civil por seus direitos. Muitos grupos organizados passaram a reagir contra as arbitrariedades cometidas pelo regime, entre eles as mulheres desempenharam um importante papel organizando-se em diferentes frentes políticas, articulando-se com diversos setores da sociedade no intuito de fortalecer suas lutas e reivindicações. Considerando este contexto de lutas e transformações sociais, busco desenvolver neste artigo uma análise entre as organizações feministas e de mulheres que, na década de 1970 participaram da edição dos periódicos *Brasil Mulher* e *Nós Mulheres no Brasil*, *Persona* e *El descamisado* na Argentina, verificando de que maneira seus discursos articularam ou não aproximações, mobilizações e ações junto às mulheres operárias. Ao relacionar estes periódicos com outras fontes sobre o movimento de mulheres trabalhadoras, procuro observar também quais práticas discursivas e ações foram comuns ou diferentes entre os periódicos, e ainda as que foram peculiares à formação e a proposta de trabalho de cada organização.

Palavras-chave: periódicos; operárias; mulheres; feminismo

Helaine Pereira de Souza

Co-autor: Jônatas Vinicius Souza dos Santos,

GT: O Gênero da Esquerda em Tempos de Ditadura

Título: *Apoiar ou resistir: atuações femininas ao longo da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985)*

Resumo: A Ditadura militar no Brasil teve início com o golpe de 1964, quando os militares tomam o poder e instauram um regime baseado na opressão, no autoritarismo e na provação de liberdades individuais e coletivas. Durante esse período a atuação feminina foi bastante diversa, e seria impossível falar de “mulher”, e sim elevar a uma categoria mais abrangente, “mulheres”. A América Latina vive nos anos de 1970 a segunda onda de feminismo, influenciada pelo movimento internacional que caminhava com a modernização, e, portanto buscava espaços no mercado de trabalho, no sistema educacional, além de novos comportamentos afetivos e sexuais. O Governo Militar exalta a família institucionalizada e o pátrio poder, reservando as mulheres os espaços públicos e provados. Muitas foram as que apoiaram o golpe e o regime. Mulheres burguesas e de classes média foram usadas como massa de manobra. Outras buscavam os espaços públicos e passavam a dialogar com outros movimentos de resistência e libertação. O Movimento feminista foi massacrado. A tortura violava o corpo, que historicamente a mulher foi ensinada a preservar. As relações mãe e filho, também eram utilizadas de forma a silenciar. As feministas, vindas de movimento estudantis, de igrejas, romperam

com a esquerda, mais mantiveram o vínculo ideológico, formando assim uma diversidade de grupos de mulheres com visões e hábitos diferenciados.

Palavras-chave: Ditadura Militar; História Política e social do Brasil; Movimentos Feministas

Hilda Alejandra Gavilanes Jimenez

GT: Violência Doméstica

Título: *Violência de gênero: permanência e ruptura de uma ordem repressiva patriarcal*

Resumo: Este trabajo tiene como objetivo realizar un análisis del fenómeno de la violencia conyugal y específicamente de las variables estructurales e representacionales que incidem en la permanencia y ruptura de las relaciones de violencia conugal. Por un lado, pretendemos analizar como en el campo de la conyugalidad, el mantenimiento de prácticas y representaciones advindas del sistema patriarcal, incidem en la permanencia de las mujeres en las relaciones de violencia conyugal. Por otro lado, analizaremos como el cambio e inestabilidad de esas prácticas y representaciones patriarcales, al generar cambios en el campo de género, pueden incidir en la salida de las mujeres de las relaciones conyugales violentas y en la ruptura de estas relaciones. Este trabajo pretende analizar estos aspectos del fenomeno de la violencia conyugal através de las teorías de género y de patriarcado.

Palavras-chave: relaciones de violencia conyugal; practicas represivas; genero y patriarcado

Hugo Augusto Vasconcelos Medeiros

GT: Estado Novo

Título: *Mulheres e o reino das letras: imprensa e gênero no Recife dos anos 1930*

Resumo: Neste trabalho, analisaremos a participação das mulheres na imprensa recifense dos anos 1930 a partir da leitura dos dois jornais e do semanário de maior circulação na época: o Jornal do Commercio, o Diário de Pernambuco e a Pílhéria. Nosso objetivo é perceber como se dava a escrita das mulheres nas páginas da imprensa, através de parâmetros como temática das matérias, espaço no periódico, quantidade de escritoras, periodicidade, etc.; notando também as diferentes condições de escrita presentes em cada um dos três periódicos e entre as autoras. Assim, esperamos contribuir para a discussão da formação da memória das mulheres por meio do estudo dos documentos confeccionados por elas mesmas e não da escrita heterônima dos homens, percebendo como a imprensa podia ser utilizada por elas como uma forma de fazer circular idéias e reivindicações.

Palavras-chave: gênero; imprensa; Recife

Hugo Leonardo de Souza

Co-autor@(s): Latif Antônia Cassab

GT: Violência Doméstica

Título: *Violência psicológica à mulher: marcas ocultas da dor*

Resumo: Conhecer a violência doméstica, cometida à mulher, pelo seu companheiro, no âmbito doméstico e, em específico, a violência psicológica, constitui-se em um constante desafio para os profissionais que atuam na área de gênero, na busca uma vida mais justa e igualitária para as mulheres. Neste sentido, a pesquisa se reveste de importância por

desvelar sujeitos submetidos à violência doméstica em cenários oclusos. Assim, este trabalho apresenta o resultado de uma pesquisa compreensiva, cujo interesse foi conhecer como se apresenta a violência psicológica, e suas seqüelas, cometida à mulher, pelo seu companheiro, no âmbito doméstico, bem como os recursos municipais disponíveis para seu enfrentamento. A partir deste enfoque, outros objetivos se desdobraram, como, os de conhecer como se expressa a violência psicológica sofrida pelas mulheres; quais seus sentimentos frente a violência; a realidade em que vivem, como constroem seu cotidiano; e, quais são os motivos que as impedem de romper com tal condição. Seu desenvolvimento se pautou na concepção do materialismo histórico dialético e pelo estudo de caso, tendo como ambiência investigativa a Secretaria da Mulher e Assuntos da Família de Apucarana-PR, cujos sujeitos foram as mulheres atendidas pela Instituição, no ano de 2007-2008. A pesquisa, ainda, representa nossa participação no Projeto de Extensão “Identidade: Mulher”, do Programa Universidade sem Fronteiras – SETI/PR, no ano de 2007-2008. Estudar tal problemática torna-se importante no sentido de desvelar uma realidade que, normalmente, é reclusa ao espaço doméstico e, a partir da produção do conhecimento propiciar iniciativas específicas que venha atender a tal questão. A violência psicológica é uma das expressões de violência menos divulgada, com inexpressivos registros em órgãos de defesa e, com poucas iniciativas de enfrentamento pelo Estado, ou seja, as ações empreendidas para a superação desta problemática são bastante incipientes e mal se aproximam do ideal. Destarte, é importante que os estudos e divulgação sobre tal temática sejam constantes e possibilite iniciativas públicas que venham enfrentar e superar a condição de violência de gênero.

Palavras-chave: Violência à mulher; Espaço doméstico; Relação afetiva

Isadora Caixêta

Co-autor@ (s): Maria Lúcia Vannuchi

GT: Gênero e Práticas Repressivas

Título: *Direito à Memória e à Verdade: uma leitura de gênero*

Resumo: Este artigo resulta de uma leitura de gênero do documento intitulado *Direito à Memória e à Verdade*, elaborado pela Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos - instituída pela Lei nº. 9.140/95, de dezembro de 1995, que significa o reconhecimento, por parte do Estado brasileiro, de sua responsabilidade no assassinato de opositor@s polític@s. A análise do referido texto permitiu constatar o caráter sexuado da perseguição a militantes aprisionad@s e observar aspectos diferenciados nos procedimentos de tortura de mulheres e de homens. O sistema repressivo não poupava ninguém: jovens e idosos@s, branc@s e negr@s, intelectuais e trabalhador@s manuais, tod@s, conheciam a ante-sala do inferno; @s pres@s polític@s eram, sistematicamente, submetid@s a torturas - físicas, sexuais, emocionais, psíquicas - mas a situação se potencializava com as mulheres, submetidas a torturadores do sexo masculino, que como registra o relatório de pesquisa Brasil, nunca mais, faziam da nudez, da sexualidade feminina, objeto de suas taras: não eram raros os casos de estupros, abortos, choques nas vaginas, ferimentos e amputações de seios, simulação forçada de relações sexuais entre companheiros e companheiras, inclusive, contrariando suas próprias orientações sexuais. A reflexão realizada é de natureza qualitativa, e elaborada a partir de alguns casos emblemáticos de presas políticas que foram torturadas e mortas.

Fundamentam este artigo as teorias de gênero, sobretudo as reflexões de Scott e Kergoat que desnaturalizam as relações de poder entre pessoas de sexos diferentes, bem como as concepções de Foucault, acerca da teia de micropoderes, que por meio de tecnologias de controle do corpo, apossa-se da subjetividade dos seres e constrói relações de dominação, a exemplo das estabelecidas, nos espaços prisionais da repressão institucionalizada, entre torturadores e torturad@s - sobretudo, torturadas.

Palavras-chave: gênero; tortura; ditadura

Ivonete Pereira

GT: Gênero, Memória e Ditadura

Título: *Filhas e filhos de militantes: gênero e geração nas narrativas sobre a ditadura no Cone Sul (1964-1989)*

Resumo: O período das ditaduras militares, instaurado no Cone Sul entre os meados da década de 1950 e final da de 1980, foi marcado por uma sucessão de mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais. Caracterizou-se também pelo gradativo e intenso processo de repressão às pessoas que se opuseram a essas ditaduras. Nesse cenário, destaca-se a militância política de mulheres que resistiram aos regimes instaurados em seus países, e, como conseqüência, a repressão acompanhada de prisões e/ou de exílio. Essas mulheres transformaram o contexto social em que viveram e foram por ele transformadas, tanto no campo da política quanto no das relações de gênero, pois romperam com os códigos tradicionais de conduta e propuseram, em seus lugares, formas alternativas de viver. Propomos, nesta investigação, analisar através da história comparativa, as trajetórias de mulheres brasileiras, argentinas e paraguaias que se engajaram em movimentos de resistência às ditaduras de seus países entre os períodos de 1964 a 1989. Caro também para nós será a análise da dinâmica dos elementos em jogo na constituição da autoidentificação dessas mulheres com o feminismo e os conflitos entre projetos coletivos (a militância) e os projetos individuais (ter filhos). A reflexão será centralizada nas diferentes identificações vividas por elas durante o período de militância, entre elas a maternidade, bem como a representatividade das filhas e dos filhos, em suas vidas, durante e após seu envolvimento nos movimentos de militância, de prisão e/ou de exílio. Buscaremos observar, ainda, na narrativa dos filhos e das filhas dessas mulheres, a maneira como esses acontecimentos que envolveram suas mães são relatados, destacando as possíveis influências em suas trajetórias de vida

Palavras-chave: gênero; geração; movimento de mulheres; feminismo

Janine Gomes da Silva

GT: Educação

Título: *Narrativas femininas: diferentes interpretações sobre o patrimônio cultural de Joinville*

Resumo: Esta comunicação toma para objeto de reflexão questões relacionadas ao patrimônio cultural e as transformações ocorridas na cidade de Joinville/SC, a partir da segunda metade do século XX. A partir da perspectiva da categoria de gênero na análise histórica, estamos problematizando, com o aporte da metodologia da história oral, memórias femininas sobre histórias de diferentes lugares, instituições, períodos e práticas cotidianas vivenciadas na cidade. De maneira geral, podemos dizer que a diversidade de histórias sobre a cidade de Joinville/SC vem contribuindo para inserção de diferentes

personagens na história, bem como, numa mais ampla problematização sobre lugares e práticas que compõem a trama urbana. Todavia, notadamente na questão do patrimônio cultural imaterial, pode-se dizer que muitas ainda são as temáticas a serem perscrutadas, seja pela história ou por outras áreas do conhecimento. Procurar conhecer a cidade, potencializando um olhar a partir da história das mulheres pode se constituir, de certa maneira, conhecer algumas narrativas que tematizam percepções sobre o patrimônio cultural de Joinville, presentes em um universo de quase trinta entrevistas realizadas nos últimos anos, que possibilitam perspectivar outras formações discursivas presentes nas dimensões recentes de patrimônio, uma forma de compreender as “fronteiras” estabelecidas nos “espaços para homens e mulheres”, ou nas práticas tidas como “de homens ou de mulheres”.

Palavras-chave: Memória femininas; patrimônio; Joinville/SC

Jaqueline Ap. M. Zarbato Schmitt

GT: Educação

Título: *Memórias de outros tempos: Narrativas de professores(as) e sua atuação profissional nos anos 1970*

Resumo: Esta pesquisa visa apresentar as memórias de professores e professoras que atuaram na década de 1970 em Santa Catarina. Para tal, analisamos a utilização de materiais didáticos, das linguagens e abordagens possíveis no período, as dificuldades encontradas na profissão de professor(a), suas subjetividades. Enfim, a partir da legislação do período, das estruturas educacionais, do fazer do(a) professor(a) pretende-se refletir sobre as identidades, subjetividades dos(as) professores(as) em meio ao processo da Ditadura no Brasil.

Palavras-chave: Memória; formação de professores(as); gênero

Jeruza Jesus do Rosário

GT: Movimentos Sociais e Trabalho

Título: *Atividade pesqueira feminina: memórias e saberes na Baía do Iguape/Bahia*

Resumo: A pesquisa traz o cotidiano da mulher pescadora na reserva extrativista (RESEX) marinha Baía do Iguape/Bahia localizada no Recôncavo Sul Baiano. Temos a inserção da mulher na atividade pesqueira sem o devido reconhecimento de seu trabalho e da definição de seus direitos. Na busca pela sobrevivência, estas mulheres adaptaram-se às exigências e regras da lógica do capital, o que resulta na atual luta pela valorização de sua atividade pesqueira e pelas suas garantias trabalhistas. Ressalta-se aqui a necessidade de sensibilidade para ler o espaço, já que a mulher pescadora tem no seu cotidiano o desenvolvimento de espaços legíveis que expressam a cultura em seus diversos aspectos, possuindo uma faceta funcional e outra simbólica.

A metodologia empregada para a realização da pesquisa, primordialmente, na estruturação da pesquisa de campo, contou com a realização de entrevistas semi-dirigidas junto às pescadoras e pessoas ligadas ao seu cotidiano, assim como levantamento cartográfico, fotográfico e documental na localidade. O espaço onde as pescadoras vivem e desenvolvem seu trabalho é o mesmo espaço onde se aprende e se concretiza o sentido dos lugares, o peso das representações religiosas, verificação de como se modela a experiência que as pessoas têm e no que isso influencia sobre a sua ação e percepção.

O lugar da mulher pescadora representa tranqüilidade e segurança: o espaço - tempo - vivido que nos remete à topofilia e aos ritmos de tempo e espaço, somados aos laços afetivos dos seres humanos com o meio material. O olhar desta mulher faz-se complexo pois está mergulhado na totalidade do seu meio ambiente. Elas mostram-se fortes pela força e dignidade contraídas pelo seu labor no manguelzal, favorecendo a sua auto-estima e a construção de indivíduos já que são mantenedoras de suas famílias.

Palavras-chave: Pescadoras; Cotidiano; Trabalho

Jimena Silva Segovia

GT: Exílio

Título: *Memorias de exilio. 1983-1998*

Resumo: En esta ponencia, discutiré algunos aspectos de la relación entre memoria individual y colectiva, a través del relato biográfico de una chilena exiliada, en circunstancias sociopolíticas, vividas por las mujeres con particular crudeza. El propósito, es construir puentes interactivos, entre relatos mínimos y los grandes relatos de la dictadura. Contribuir con historias no oficiales, al conocimiento de hechos traumáticos, como el desarraigo y la fragmentación forzada de las familias en la sociedad Chilena. Recuperar vidas silenciadas, facilitar la emergencia de dolores que pugnan por salir, expresando ciertas traiciones. Relatos que, al ser conocidos, servirán de guía para la interpretación de dinámicas políticas y de género, vigentes en la sociedad chilena. Las principales fuentes, se vinculan a la producción teórica, en torno a memoria y género, tales como Acuña, 2001; Rebolledo, 2001, 2005; Martínez, 2005; Grinberg & Grinberg, 1996; Vásquez & Araujo, 1990; Richard, 2000, 2001; Vidaurrázaga, 2005, entre otras. En la discusión se exponen tensiones e implicancias del desarraigo, tanto en la protagonista como en sus hijos, vinculándose con recuerdos, virajes o rupturas, que cambiaron su destino, con partes de la memoria colectiva de Chile.

Palavras-chave: militancia; género; exilio

Joana Vieira Borges

GT: Feminismos em Tempo de Ditadura

Título: *Leitoras e leituras feministas no Brasil, Argentina e Uruguai (1960-1985)*

Resumo: Os anos de 1964 a 1985 foram expressivos na história dos movimentos feministas brasileiros, argentinos e uruguaios, uma vez que representam o período das ditaduras militares vivenciadas de maneiras e em tempos diferenciados em cada um desses: Brasil (1964-1985), Argentina (os golpes se deram em 1966 e 1976, e as redemocratizações em 1973 e 1983, respectivamente), e Uruguai (1973-1985). Neste período, os movimentos sociais latino-americanos sofreram as pressões exercidas pelos regimes de perseguições, prisões, torturas, e censura. Assim, por força de um contexto repressivo, as atuações dos movimentos feministas combinaram muitas vezes a atuação da militância política contra os regimes militares com as reivindicações aos direitos humanos.

Partindo deste contexto, esta comunicação pretende analisar as memórias das feministas brasileiras, argentinas e uruguaias sobre este período através das informações a respeito de suas leituras buscando compreender quais obras circulavam nesses países, como foram lidas nessas circunstâncias, e quais os impactos que produziram na constituição dos movimentos feministas e nas identificações pessoais com o feminismo. Através das

memórias de leitura, informadas em entrevistas, procuro então perceber as ressonâncias das leituras não apenas na construção dos movimentos como também nas identificações pessoais desta geração de leitora com os feminismos.

Palavras-chave: memória; leitura; feminismos

Joice Oliveira Pacheco

GT: Educação

Título: *Educação como espaço idealizado de emancipação das mulheres:*

Resumo: Minha proposta neste texto é analisar o pensamento de Maria Lacerda de Moura (séc. XX) e de Nísia Floresta (séc. XIX) acerca do papel que atribuem à educação no processo/possibilidade de emancipação das mulheres em algumas de suas obras. Minha impressão, a partir das leituras que fiz, é de que ambas viam na educação importante espaço para que as mulheres tomassem consciência da sua condição (de opressão, inferioridade, ignorância, submissão, como elas colocam) e conquistassem outros espaços, outros papéis. Ambas entendiam que tendo acesso à educação (mas uma educação que as preparasse intelectualmente!) as mulheres conseguiriam diminuir – ou mesmo superar – a desigualdade social existente entre homens e mulheres e, dessa forma, possibilitariam a construção de uma sociedade mais justa, mais humana, uma sociedade mais igualitária, e mesmo, mais feliz. Atualmente cada vez mais mulheres têm acesso à educação, e sendo assim, estão elas se emancipando? Que relação pode-se estabelecer entre a educação e a emancipação das mulheres nos dias de hoje? Essas e outras questões orientaram a presente reflexão.

Palavras-chave: mulheres; educação; emancipação

Josenilda Pinto Mesquita

Co-autor@(): Joel Teodório Domingos da Silva

GT: Educação

Título: *Feminização do magistério: as escolas normais pra senhoras na Bahia do século XIX*

Resumo: O presente trabalho tem por objeto de estudo A Educação Feminina na Bahia do século XIX, esta estava atrelada ao direcionamento do indivíduo, pois trazia a possibilidade de moldar estes de acordo aos interesses daqueles que mantivessem o seu domínio. Dentro desta perspectiva, a feminização do magistério, apresenta-se como um importante fator a ser estudado, visto que, a necessidade de educar para aquisição de mão-de-obra qualificada para o trabalho fomentou a criação de Escolas Normais para formação de professores que corroborassem com o sistema de massificação da educação e dos padrões de consumo.

As Escolas Normais para Senhoras foram instituídas objetivando atender tanto a necessidade de mão – de - obra para o ensino; quanto o problema de remuneração, reduzida após a inserção feminina; diante da justificativa de extensão do papel de Mães e das atividades ligadas ao educar. Assim, percebemos o crescimento de Escolas Normais, especializadas na preparação exclusiva de meninas, com uma educação voltada para as “boas maneiras”, pois a conduta moral e social foi fator importante para o ensino, em que objetivavam uma “moça bem educada”; que conseqüentemente não traria questionamentos à manutenção do sistema. Em meio ao saber do século XIX é necessário compreender a inserção feminina nestes, suas contradições e a forma como

reproduziram sua existência nas diversas localidades da Bahia, observando a instituição escolar enquanto um significativo espaço de memória, mas uma memória que tem como temática central, a aquisição de conhecimentos sistematizados, escolhidos por um grupo social.

Juliana Bez Kroeger

GT: Gênero, Memória e Ditadura

Título: *Rose Nogueira e Gladys Diaz: Mulheres jornalistas no Brasil e no Chile em tempos de Ditadura (anos 60 e 70)*

Resumo: Em muitos países, as mulheres são maioria nos quadros das empresas de comunicação. Esse é um fenômeno recente, estimulado principalmente pela criação dos cursos superiores de jornalismo. Os jornais, historicamente, são ambientes masculinos. O repórter José Hamilton Ribeiro, que comemora 54 anos de carreira em 2009, conta que as redações, nos anos 60 e 70, “não eram lugar de mulher”. A maior parte das mulheres que se aventurava nesse ambiente ficava à margem dos assuntos importantes do jornal. E esta proposta de trabalho pretende falar de exceções.

Proponho, sob a perspectiva da História Comparada, trabalhar as memórias de duas jornalistas, Rose Nogueira e Gladys Diaz, que atuaram, no Brasil e no Chile, no período pós-golpe militar. A brasileira Rose Nogueira foi presa pelo regime militar em 1969, quando tinha 23 anos. Passou 10 meses no DOPS, que ela chama de “esquadrão da morte” do regime. Hoje é membro do grupo Tortura Nunca Mais (SP) e, em mais de 40 anos de profissão, trabalhou – entre outros lugares - na Editora Abril, TV Globo na TV Cultura e na Folha de S. Paulo. Na TV Globo, foi uma das criadoras da TV Mulher, programa precursor, de enorme sucesso, que recebia, em média, 10 mil cartas por semana. Desde o início da carreira, escolheu o caminho mais difícil do jornalismo: não brigar com os fatos, fiscalizar o poder e denunciar tudo aquilo que considerava ser injusto. A jornalista chilena Gladys Diaz, que atuou em rádios e jornais, passou à clandestinidade após o golpe de 11 de setembro de 1973. Militância e jornalismo caminharam juntos e Gladys dirigiu o periódico “El Rebelde”, contrário ao General Pinochet.

Palavras-chave: Mulheres jornalistas; ditadura militar; memória; gênero

Karina Janz Woitowicz

Co-autor@: Joana Maria Pedro

GT: Feminismos em Tempo de Ditadura

Título: *O movimento feminista durante a ditadura militar no Brasil e no Chile: Conjugando as lutas pela democracia política com o direito ao corpo*

Resumo: Como se articula o movimento feminista em meio às lutas pela democracia que marcaram a ditadura militar no Brasil (1964-1985) e no Chile (1973-1990)? Como se deu o debate entre os direitos humanos e as reivindicações específicas das mulheres nos periódicos feministas brasileiros e chilenos? O presente texto se propõe, através de uma perspectiva comparativa, a levantar alguns elementos sobre os processos de organização e luta protagonizados pelo movimento feminista nos referidos países do Cone Sul, observando como as mulheres conjugaram a resistência política ao regime militar com reivindicações do campo da sexualidade, como contracepção e aborto.

Para indicar aproximações e diferenças entre os dois países sobre a questão proposta,

serão tomados como referência os discursos da mídia alternativa produzida pelo movimento, que tematizam o direito ao corpo. O objeto da presente pesquisa compreende alguns exemplares dos jornais brasileiros Brasil Mulher, Nós Mulheres e Mulherio e dos chilenos Marea Alta e Puntada con Hilo, bem como edições da revista FemPress – Red de Comunicación Alternativa de la Mujer, que serviu como um canal de informações, debates e articulações do feminismo em nível internacional. Através de textos publicados nos referidos periódicos e de pesquisa bibliográfica sobre o movimento feminista no período da ditadura militar no Brasil e no Chile, busca-se recuperar os conflitos, as nuances dos discursos e as formas de resistência que marcaram as lutas do movimento em temporalidades distintas, mas com estratégias e enfrentamentos semelhantes em relação aos setores conservadores e os partidos de esquerda.

Desse modo, ao percorrer o processo de fortalecimento do feminismo no Brasil e no Chile, através de uma leitura histórica do período, pretende-se observar as práticas de resistência, os embates e as conquistas vivenciadas pelas organizações de mulheres, em meio à repressão política, na luta pela democracia e pela igualdade de gênero.

Palavras-chave: movimento feminista; ditadura militar Brasil/Chile; imprensa feminista

Kátia Aline da Costa

GT: Corpo

Título: *Memória das Jovens Assentadas e suas Experiências no Espaço Rural*

Resumo: Este trabalho refere-se à proposta de estudo sobre o cotidiano e as representações sociais que envolvem os conflitos de gênero presentes no assentamento Santa Rosa localizado em Itaquiraí-MS. Pretende-se realizar um estudo que contemple as opiniões das jovens assentadas e sua vida familiar, a relação com os pais/as mães e a posição que ocupam na organização da família e do assentamento, assim como seus desafios e as suas experiências. Para tal, as reflexões envolverão a importância da formação da identidade das jovens, tendo em vista as problemáticas que envolvem o sexo, a gravidez precoce e o uso de drogas no assentamento, bem como as perspectivas de futuro e as dificuldades da permanência da juventude no assentamento. A metodologia é pautada no uso da História Oral, uma vez, que será utilizada a memória presente nos/as assentados/as para as reflexões dessa proposta investigativa.

Palavras-chave: Relações de gênero, Representações sociais, Memória

Larissa Viegas de Mello Freitas

GT: O Gênero da Esquerda em Tempos de Ditadura

Título: *Movimentos Sociais e Resistências no Meio Rural: Histórias Comparadas e Relações de Gênero entre Movimentos do Brasil e Paraguai no Período de Ditaduras*

Resumo: Neste artigo procuro analisar, de forma comparativa e dentro de uma perspectiva de Gênero, a trajetória de mulheres que atuaram em grupos de resistência contra as ditaduras militares que ocorreram no Cone Sul entre as décadas de 1960 e 1990, aproximadamente, enfocando principalmente resistências que se formaram no meio rural. Pretendo analisar também, como se deu a identificação, ou não, dessas mulheres com o feminismo e a relação disso com suas reivindicações políticas. Esta análise irá centrar-se em dois países, Brasil e Paraguai, por entender que esses países tiveram grupos de resistência que atuaram de forma significativa no meio rural e possuem uma

série de semelhanças e particularidades bastante relevantes no que diz respeito aos movimentos sociais que se formaram neste meio durante o período em questão. Para tal análise serão utilizadas entrevistas feitas nos dias de hoje com mulheres do Paraguai e do Brasil, bem como bibliografias relacionadas ao tema.

Palavras-chave: Cone Sul; Gênero; Resistências no Campo

Latif Antônia Cassab

Co-autor@(s): Jaqueline Aparecida Fraid e Camila Mizuno

GT: Violência Doméstica

Título: *Nas teias da violência doméstica. O rompimento de mulheres com a violência doméstica*

Resumo: As relações familiares, permeadas pela violência à mulher, atinge de forma brutal a saúde física, psicológica e social das mulheres, impedindo-as, muitas vezes, de se desenvolverem e participarem do exercício da cidadania. A violência à mulher está engendrada, historicamente, na realidade brasileira, e traz cruéis seqüelas sociais não só às mulheres que a vivencia, mas se estende a toda instituição familiar, principalmente aos filhos, sujeitos mais vulneráveis nos conflitos entre homens e mulheres. O rompimento com o agressor, normalmente, apresenta-se de forma complexa e difícil, principalmente em decorrência do vínculo afetivo existente entre ambos. Desvelar tais cenários é condição imprescindível para o engendramento de políticas públicas de atendimento à mulher, vítima de violência doméstica. Neste sentido, este trabalho apresenta o resultado de uma pesquisa compreensiva, pautada na concepção do materialismo histórico dialético e pelo suporte metodológico da História Oral. Ainda, como fruto de nossa participação no Projeto de Extensão “Identidade: Mulher”, do Programa Universidade sem Fronteiras – SETI/PR, no ano de 2007-2008. Seu objetivo foi o de conhecer quais são os motivos pelos quais as mulheres não rompem com a rede de violência tecida pelos parceiros agressores, no ambiente doméstico. A violência contra a mulher não distingue classe social, gênero ou etnia e ocorre no âmbito doméstico quase sempre de forma silenciada, distante dos olhares estranhos. Diversos são os motivos que as conduzem a manterem-se em uma relação violenta, como, o cuidado com os filhos; a falta de recursos econômicos; o medo, e posicionamentos contrários aos papéis atribuídos socialmente a cada gênero, provocando preconceito e estigma social. Investigar e discutir sobre tal temática possibilitou-nos vislumbrar um cenário de conflito, com seqüelas nefastas não somente para todos os envolvidos, mas também, para a sociedade em que tais sujeitos estão inscritos. Assim, se faz sempre urgente e necessário, construir iniciativas, pela via de políticas sociais, que venham superar a condição de violência à mulher e imprimir, à sociedade, um outro patamar de civilidade, em busca da superação das diferenças entre gêneros.

Lidia Maria Vianna Possas

GT: Gênero, Memória e Ditadura

Título: *Revendando as representações: gênero, viuvez e memória*

Resumo: Alterações nas representações sobre a viuvez e a presença de um fenômeno recentemente denominado de sua “feminização”, estão sendo observados diante das novas conjunturas e da pós modernidade no advento do séc. XXI. A viuvez feminina,

normatizada até recentemente pelos “bons costumes” não se reduz apenas a uma situação de perda do marido e de certas exigências questionáveis sobre o comportamentos de reclusão, de solidão e de recado ainda presentes no imaginário coletivo. Em que tempo, em que lugar e segmento social podemos observar sinais de mudança? O que representou para as mulheres a “viuvez compulsória” nos anos de chumbo das ditaduras militares latino-americanas? Os feminismo(s) deram conta dessa situação? É de suma importância captar através da experiência da memória, como “narrativas subterrâneas”, os percursos possíveis de mulheres viúvas nas lutas, na construção de redes e estratégias de sobrevivência empreendidas em distintos contextos, seja na luta armada como na institucional. Esses relatos mesmo apresentando distintas texturas temporais, a despeito das descontinuidades, permitem cruzar uma dimensão intersubjetiva e social revelando os modos de apropriação, a constituição de subjetividades não captadas pelo discurso normativo e abrindo fértil campo de possibilidades e de análises.

Palavras-chave: Gênero; Memória; Representações da viuvez

Lilian Back

GT: O Gênero da Esquerda em Tempos de Ditadura

Título: *Afeto, vida pessoal e militância política nas organizações de esquerda*

Resumo: As décadas das ditaduras militares no Brasil (1964-1985) e Argentina (1976-1983) foram marcadas, entre outras coisas, pelo surgimento e fortalecimento das organizações da Nova Esquerda, ou organizações guerrilheiras, pela Revolução Sexual e pela Segunda Onda do Movimento Feminista. As primeiras, as organizações de esquerda armada formadas nesse período, tiveram sua constituição desenhada por esse contexto, exemplo disso é a atuação massiva de mulheres em seus quadros. Meu objetivo neste trabalho é entender de que forma essas organizações interpretavam e lidavam com os namoros ou relacionamentos de seus integrantes, seja com militantes da mesma e de outras organizações, com pessoas “não-organizadas” ou ainda com pessoas que não fossem de esquerda. Em outras palavras, procuro analisar, de forma comparada e utilizando a perspectiva de gênero, as normas de segurança e comportamento que diziam respeito a essa parte da vida privada dos e das militantes.

Palavras-chave: Gênero; esquerda armada; Revolução Sexual

Luciana Coutinho Sodr  Necco

GT: Gênero, Memória e Ditadura

Título: *Silenciosos, mas não silenciados: a memória da atuação paterna junto ao movimento das Madres de Plaza de Mayo durante a última ditadura militar na Argentina*

Resumo: Na Argentina, durante a última ditadura militar, formou-se um importante movimento pelos Direitos Humanos: o movimento das “Madres de Plaza de Mayo”. Esse movimento foi composto pelos familiares das pessoas desaparecidas, sobretudo, por suas mães – que saíram às ruas em busca de notícias de seus filhos, cujo paradeiro os militares asseguravam desconhecer.

É importante ressaltar que a formação do movimento das Madres de Plaza de Mayo emerge à época está atrelada ao do crescimento da repressão e da utilização cada vez maior da estratégia do seqüestro seguido pelo desaparecimento de pessoas. Esse acontecimento afetou a vida de famílias inteiras e gerou uma longa marcha por respostas,

iniciado pelos familiares daqueles que desapareceram. Essas pessoas percorriam as várias instâncias do aparato estatal, desde delegacias, Ministérios e hospitais, até cemitérios e Institutos Médicos Legais, no intuito de localizarem seus desaparecidos. O movimento das “Madres de Plaza de Mayo” foi formado em resposta imediata ao desaparecimento forçado de milhares de pessoas nesse período e essas mães tornaram-se um novo sujeito político. Entretanto, também existiam cerca de quinze pais que sempre participavam junto com suas esposas das manifestações desse movimento na Praça de Maio.

O presente trabalho propõe-se a mapear e analisar a atuação do grupo de pais de desaparecidos durante o regime militar argentino, entre os anos de 1976-1983, visando responder a seguinte questão de fundo: Qual foi o papel dos pais dos desaparecidos na Argentina, no período em questão, junto ao movimento das “Madres de Plaza de Mayo”? A presente pesquisa foi iniciada por uma busca de dados na internet, através da qual foram recolhidos diversos depoimentos preciosos, porém insuficientes. No intuito de complementar e enriquecer o estudo optou-se por ir a campo e buscar novos recursos em encontros pessoais com os protagonistas daquela história.

A análise das entrevistas veio confirmar a hipótese deste trabalho, qual seja, a inegável existência e atuação deste grupo de pais, seu empenho e importância. Optou-se pela metodologia da História Oral Temática, seguindo a orientação teórico-metodológica de José Carlos Sebe Meihy. Essa proposta de trabalho pode ser caracterizada como um estudo inserido na História Cultural. Os “Padres de Plaza de Mayo” sempre estiveram presentes (embora esquecidos pela historiografia argentina), ajudando estrategicamente o movimento das “Madres de Plaza de Mayo”.

Palavras-chave: História; memória; gênero

Luciana Rosar Fornazari Klanovicz

GT: Feminismos em Tempo de Ditadura

Título: *Erotismo e pornografia nos periódicos feministas: um estudo comparativo nos países do Cone Sul*

Resumo: Este trabalho pretende mapear como o erotismo e a pornografia se tornaram (ou não) objeto de crítica por parte dos periódicos feministas que circularam durante a abertura política. Analiso, portanto, trechos de artigos, reportagens e entrevistas que trataram dessa temática específica. Nessa relação é importante perceber o lugar de onde as pessoas falam, procuro dessa forma saber quais foram os teóricos utilizados durante as argumentações, os objetivos, os alvos e posicionamento político de quem escreveu (partidos ou grupos de esquerda ou de direita). A intenção é perceber além da forma destes discursos presentes em determinados países, entender também como ocorreu o contrário: por meio dos silenciamentos e ausências dos periódicos feministas em relação ao erotismo e a pornografia já atuantes na cultura da mídia no mesmo período, nos países do Conesul.

Palavras-chave: periódicos feministas; abertura política; pornografia

Luiz Fernando Figueiredo Ramos

GT: Gênero e Práticas Repressivas

Título: *Terror de Estado e Violência Política: A Emancipação Feminina em Tempos de Repressão*

Resumo: Na origem das ditaduras militares de segurança nacional do Cone Sul, situam-se duas questões geradoras de inúmeras discussões que desdobram em uma série de questionamentos com várias possibilidades de articulações, constituindo-se desta forma como elementos elucidativos de aspectos da história recente da América do Sul. Primeiro, a ação repressiva dos órgãos de segurança de Estado contra todos aqueles identificados como “subversivos” isto é simpatizantes das esquerdas revolucionárias. Segundo, o sentido da luta dos grupos guerrilheiros de esquerda. São questões de relevância para compreender o período em questão, e que portanto desdobra em outra questão que é a repressão e a presença feminina na luta contra as ditaduras. Contudo, nosso objetivo neste trabalho será mostrar o alcance internacional da ação repressiva das ditaduras do Cone Sul, levando em consideração a presença feminina nas organizações de esquerda revolucionária.

Dado o caráter internacionalista da cultura política socialista, as ditaduras militares do Cone Sul, por iniciativa do Chile de Pinochet, criam uma rede multinacional de combate à “subversão” conhecida como Operação Condor. Entre os perseguidos por esta multinacional do terror, existem vários casos de mulheres militantes de organizações de esquerda vitimadas por esta operação, como as brasileiras Jane Vanini, desaparecida no Chile em 1974, Maria Regina Marcondes Pinto presa na Argentina e entregue aos militares chilenos em 1976 e a argentina Dora Marta Landi presa no Paraguai em 1977 e posteriormente entregue à ditadura de seu país.

Palavras-chave: Repressão; Ditadura; Esquerda Revolucionária

Maira Luisa Gonçalves de Abreu

GT: Exílio

Título: *O Feminismo do Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris*

Resumo: A primeira metade da década de 1970 na França foi marcada por grandes mobilizações feministas. Influenciadas por este movimento, formam-se, a partir do início dos anos 1970, diversos grupos e associações de mulheres estrangeiras, exiladas ou imigrantes na França. O Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris e o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris são dois importantes grupos compostos por mulheres brasileiras. Este trabalho objetiva reconstruir a trajetória do Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris (1972 - 1976) a partir dos boletins produzidos pelo grupo e da memória de suas militantes. Este foi o primeiro grupo formado por mulheres brasileiras na França a se reivindicar feminista. Teve suas primeiras reuniões a partir de 1972 e a partir de janeiro de 1974 publica o boletim bilingue *Nosotras*. O boletim era divulgado não só entre a comunidade de latino-americanos na França mas também era enviado para diversos países da América Latina. Para além de ter se constituído numa forma de socializar as discussões do grupo e de divulgar as idéias do movimento de liberação das mulheres, o boletim pretendia ser um elo de ligação entre os grupos feministas latino-americanos. Em acordec com esse objetivo, o grupo mantém contatos com diversos grupos feministas latino-americanos e divulga a existência dos mesmos. Nesta comunicação pretendemos analisar como se estruturou o Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris, seus principais objetivos e propostas, e os principais temas discutidos em seu seio.

Palavras-chave: feminismo; exílio; França

Maise Caroline Zucco

GT: Feminismos em Tempo de Ditadura

Título: *Viagens e permanências do feminismo*

Resumo: Em meio ao contexto de ditadura, que se instaurou em alguns países do Conesul – Brasil 1964-1985; Argentina 1966-1973, 1976-1983; Uruguai 1973-1985 –, em 1975 a Organização das Nações Unidas realizou na Cidade do México a Conferência Mundial do Ano Internacional da Mulher e declarou, entre os anos 1976 e 1985, a Década da Mulher. Esse evento fez com que os temas em torno das especificidades das mulheres ganhassem visibilidade em todo o mundo e estas passassem a se organizar em grupos. Frente a esse momento histórico, de instauração das ditaduras militares no Brasil, na Argentina e no Uruguai que resultou em um feminismo ligado às questões políticas de esquerda e ocasionou a circulação de pessoas por países do Cone Sul, esse trabalho tem como proposta perceber o trânsito de idéias (ou migração de teorias e estudos regionais) através de um contexto latino-americano da produção e migração do conhecimento. A temática perpassa as viagens do conhecimento pelas diferenças “coloniais” e seus lugares geo-históricos, evidenciando as fronteiras as quais alguns saberes recebem visto e outros permanecem em seus lugares de origem pensando nas migrações em um eixo Sul. Investigando o trânsito de idéias, e os elementos que deram suporte a esse trânsito, esse trabalho busca perceber as relações de poder que viabilizam e inviabilizam a circulação de idéias por alguns países do Cone Sul destacando as formas de estabelecimento das fronteiras que transitaram entre um contexto histórico de governo ditatorial e democrático no período que compreende

Palavras-chave: feminismo; trânsito de idéias; estudos de gênero

Mara Rúbia Sant’Anna

GT: Corpo

Título: *Mulheres de papel: padrões de beleza na publicidade de cosméticos*

Resumo: Os padrões de beleza que vigoraram na segunda metade do século XX, abriram-se para um mundo maior de mulheres, aquelas que ingressavam no mundo urbano, universitário e do trabalho que as novas tecnologias exigiam. Foi para esse novo público, onde ser bela era mais do que ser limpa e saudável, que uma imprensa, com publicações específicas, se destinou, ensinando-as a serem modernas e escolhidas por uma beleza que deveriam ostentar. Também nessa sociedade ocidental, constituída a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, a indústria, ampliando sua oferta de bens de consumo e tendo uma rede comercial muito mais ampla para a difusão de suas mercadorias, fez com a publicidade desenvolvesse maiores e melhores ferramentas para atrair os clientes. O conjunto destas fichas simbólicas, como denominou Giddens (1997), operou intensamente sob as subjetividades. Neste trabalho serão analisados com as devidas ferramentas metodológicas (Cassagne, 1996) e teóricas (Haskell, 1995) 3 anúncios de cosméticos publicados em revistas destinadas ao público feminino, sendo um de 1940, outro 1968 e um de 1980, períodos nos quais vigoravam ditaduras no Brasil. As comparações visaram apontar as alterações nos padrões de beleza propostos tanto no discurso visual como textual de produtos cosméticos e conseqüentemente identificar as possibilidades de agenciamento destes modelos para as mulheres das diferentes épocas, vivendo sob um regime ditatorial, no Brasil.

Palavras-chave: beleza; publicidade; cosmética

Marcela Neves de Medeiros

GT: Arte

Título: *“Não temos prós nem contras, nem sagrados nem profanos”: as representações do(s) feminino(s) nas narrativas do humor político do Pif Paf*

Resumo: Este trabalho tem por objetivo abordar as representações do(s) feminino(s), por meio do humor político, através das charges expostas no Periódico Pif Paf. Este periódico, editado por Millôr Fernandes, de curtíssima duração (1964), nos traz um interessante panorama histórico-cultural da década de 60. Além disso, expõe as representações do(s) feminino(s) neste período, considerando a intimidade da mulher desenhada nas charges de Ziraldo e Jaguar. A questão central a ser trabalhada é a análise de como se estabelece, através das charges, os jogos de poder que habitam o domínio público e privado do “sexo frágil”, na década de 60.

Partimos do pressuposto de que há vários tipos de “femininos” que se entrecruzam no imaginário masculino da década de 60, e que se polarizam. De um lado, as charges expõem a dona de casa e, de outro lado, apresenta-se a mulher liberada, revolucionária e/ou prostituta. Nas duas posições, se revelam nuances que nos auxiliam a pensar como se construiu, na sociedade, a memória do(s) “feminino”(s) na década de 60.

Palavras-chave: Pif Paf; Relações de Gênero; Charges

Marcos Montysuma

GT: O Gênero da Esquerda em Tempos de Ditadura

Título: *A questão ambiental na constituição das ações da esquerda armada*

Resumo: Neste trabalho elaboramos discussão relativa às perspectivas de atuação das esquerdas armadas, que se envolveram no combate às ditaduras no Cone Sul, que em suas práticas de resistência incorporaram a questão do meio ambiente como recurso de proteção e/ou que demandava cuidados especiais para proteger o grupo da ação repressiva, em virtude do ambiente lhes ser desfavorável. Na história das esquerdas ocorrem registros do quanto o meio ambiente constitui aspecto que requer meticulosa observação quanto ao seu estado para que as ações armadas fossem realizadas com segurança, por outro lado terrenos descampados constituíram ameaça, dado não oferecer possibilidade de esconderijo. Para tal fim recorreremos aos relatos realizados com base na metodologia da história oral e na literatura pertinente para abranger as questões concernentes a temática.

Palavras-chave: Meio Ambiente; Guerrilha; História Oral

Maria Amélia de Almeida Teles

GT: Gênero e Práticas Repressivas

Título: *Mulheres na Resistência*

Resumo: Eu era do Partido Comunista desde os 15 anos e tinha atuação política. Vivi toda ditadura e sobrevivi de forma consciente e integrada aos movimentos de resistência. Tive minha família atingida pela repressão. As mulheres, como parte mais discriminada, foram extremamente prejudicadas, manipuladas, exploradas durante toda ditadura militar inclusive no período preparatório que antecedeu ao golpe. Alguns dias antes

dos militares destituírem o Presidente da República, houve manifestações de mulheres na Marcha com Deus pela Família que protestavam contra a democracia, o governo Goulart e as reformas sociais. A maioria delas era negra e pobre. Na ditadura militar, as mulheres foram alvo da repressão. A estratégia militar era perseguir e eliminar o “inimigo” que podia ser qualquer pessoa do povo. Portanto, as mulheres não foram esquecidas. Houve momentos que as mulheres puderam se aproveitar da sua condição de “inferiores” para driblar os agentes da repressão.

A ditadura censurou dados referentes à sexualidade e à situação das mulheres. A mulher brasileira foi assunto proibido pela ditadura militar. Em janeiro de 1967, a revista Realidade teve sua edição apreendida sob a alegação de ser ofensiva à moral e aos bons costumes. Em 1976, o jornal Movimento foi proibido por realizar uma edição especial dedicada exclusivamente ao tema: O trabalho da Mulher no Brasil. As mães foram torturadas e muitas tiveram que separar-se dos seus filhos ou vê-los nas prisões (mesmo que fossem crianças); as grávidas também foram torturadas e assassinadas (como Soledad Barret e Dinalva Teixeira de Oliveira). Muitas tiveram aborto nas sessões de tortura. Outras tiveram seus filhos nas prisões. Mas as que não eram mães nem estavam grávidas também foram torturadas. Provavelmente, 10% dos mortos e desaparecidos políticos eram mulheres. Houve, no entanto, mulheres que resistiram bravamente.

Palavras-chave: mulheres; prisão; resistência

Maria Cláudia Badan Ribeiro

GT: O Gênero da Esquerda em Tempos de Ditadura

Título: *A Luta das mulheres no contexto da ditadura civil-militar*

Resumo: Nossa pesquisa enfoca a presença das mulheres no contexto das lutas de resistência ocorridas no período da ditadura civil-militar. É notório que as mulheres, apesar de sua ampla participação política nesse período, tenham estado ausentes de uma investigação histórica mais ampla. Pouquíssimas foram também aquelas que escreveram suas memórias ou que relataram as experiências daqueles anos. Buscando reconstituir a construção do feminino naquele contexto, em especial no interior da ALN (Ação Libertadora Nacional), procuramos em nossa investigação mostrar como se formaram entre as mulheres, redes de apoio e solidariedade que deram sustentação ao movimento armado permitindo que ele continuasse a existir, sobretudo quando a luta armada nas cidades passou a atrair o descontentamento da população, que passou progressivamente a apoiar o regime.

Muito além do setor armado, que invariavelmente teve maior repercussão no imaginário popular e conservador da época, acarretando preconceitos de toda sorte, sobretudo no tocante à participação feminina, buscamos compreender as motivações que levaram essas mulheres a se engajarem nessa lutaincorporando-se ao setor de apoio ou agindo anonimamente – e assumindo todos os riscos decorrentes desse tipo de participação, uma vez que sua colaboração também representou desprendimento, ousadia e coragem. Por agirem na retaguarda e terem seu papel de esposas e mães não raro muito demarcados não lhes foi outorgada a militância política à que têm direito fato que também vem causando alguns desconfortos, sobretudo em relação ao reconhecimento dessas mulheres junto à Comissão de Anistia, para a qual a participação política feminina desse período não tem sido considerada dentro dos marcos de sua atuação e da profundidade

de seu engajamento político.
Palavras-chave: ALN; militância; mulheres

Maria Cristina de Oliveira Athayde

GT: Feminismos em Tempo de Ditadura

Título: *O “ideário” feminista nas páginas de Nós Mulheres, Mulherio e Persona nos anos de 1974 a 1986*

Resumo: Em 1968, a sociedade ocidental contemporânea se viu confrontada com as novas exigências impostas por diversos movimentos sociais, dentre eles o movimento feminista. Entravam em cena, nos anos sessenta novos atores e ou sujeitos históricos e políticos, dentre eles o “sujeito mulher” que juntamente com os negros e outras “minorias” reivindicavam a ampliação de direitos políticos, sociais e econômicos reservados a uma maioria em termos políticos. O Brasil e a Argentina entre as décadas de 1960 e 1980 passam por momentos onde muitos direitos humanos, sociais e políticos são negados a uma considerável parcela de sua população. Naquele período, juntamente com a emergência de lutas pela democracia podemos observar nesses dois países o surgimento de grupos de mulheres e do movimento feminista que engajados naquelas lutas almejavam também conquistar novos direitos, como ao corpo e à expressão da sexualidade.

O ressurgimento do movimento feminino, comumente denominado como “Segunda Onda”, abalou as estruturas das relações familiares ao questionar valores até então pensados como “direitos adquiridos” e “inalienantes” dos homens e de uma sociedade “patriarcal”. As mulheres saíam às ruas das grandes cidades para lutar por seus direitos em relação ao corpo e ao prazer, bem como para lutar lado a lado pelo direito de outras “minorias” como os negros e os homossexuais. Países como a Argentina e o Brasil, dentre outros sul-americanos, acompanharam toda essa movimentação social e cultural. Como essas “idéias” chegaram até a nossa “terra brasilis” e a vizinha Argentina? De que maneira essa “agitação” foi apresentada às leitoras e leitores dos periódicos feministas nesses dois países latino-americanos? Nesta comunicação objetivo mostrar como os periódicos feministas *Nós Mulheres* (1976-1978) e *Mulherio* (1981-1987) publicados no Brasil e *Persona* (1974-1983), publicado na Argentina divulgavam e repercutiram em suas páginas um “ideário” feminista.

Palavras-chave: Feminismo; mídia; ditadura

Maria Cristina Müller da Silva

GT: Arte

Título: *A obra poética de Lila Ripoll*

Resumo: A emergência dos estudos referentes à questão de gênero, bem como a necessidade de estudar autores da cultura regional, apontaram a possibilidade de abordar a obra poética da gaúcha Lila Ripoll. Pouco conhecida e estudada na atualidade, a autora destaca-se por ter sido uma das primeiras mulheres a ser reconhecida publicamente como escritora pelos intelectuais de sua época no Rio Grande do Sul, recebendo dois importantes prêmios por duas de suas obras. Sua obra poética foi publicada de 1938 a 1961, composta de sete livros com apenas uma edição de cada um deles. A poesia de Lila Ripoll, em geral, apresenta um tom intimista no tratamento dado a temas como a infância,

a escrita, a feminilidade, o amor, lançando também um olhar para a questão social, uma vez que era uma militante do Partido Comunista. É importante destacar que, ao longo de sua trajetória poética, Lila Ripoll apresenta-se como um sujeito criador que rompe com os modelos patriarcais, ao elaborar representações que sugerem uma reflexão sobre sua posição de ser humano e mulher diante da realidade em que está inserida. A leitura de sua poesia revela o uso recorrente de imagens ligadas ao campo do sagrado, com referências a Deus, a Virgem, anjos, santos. Essas imagens apontam diferentes significados na produção da escritora, os quais, muitas vezes, se opõem. Observa-se que muitos desses significados podem ser associados à representação da mulher na sociedade sul-riograndense na qual a poeta escreveu. Diante dessa constatação, o estudo propõe analisar a relação entre o feminino e o sagrado na obra poética de Lila Ripoll, visando examinar como a autora representa a situação da mulher no contexto histórico-cultural em que se insere.

Palavras-chave: Lila Ripoll; gênero feminino; sociedade sul-riograndense

Maria do Socorro de Sousa Araújo

GT: Gênero, Memória e Ditadura

Título: *Comunicando o (in)comunicável no tempo dos militarismos*

Resumo: Esta Comunicação discute o uso de correspondências que registram experiências da vida de militância política de esquerda durante as ditaduras militares, no percurso Brasil-Chile. As cartas escritas e enviadas à família pela então militante Jane Vanini, assinalam um mundo simbólico, cujas significações colocam à mostra, valores e tradições vigentes na época. Eles, os símbolos, dão sentido às escolhas, paixões, utopias, vitórias e até aos fracassos, desencantos e derrotas de homens e mulheres que construíram vivências nas dimensões e teias dos tempos revolucionários.

O significado de escrever cartas dá visibilidade a situações que não são ditas, não são escritas, porém a relação que elas estabelecem entre a remetente e seus correspondentes revelam os mundos plurais e as vidas singulares que a militante construiu num tempo muito especial – a clandestinidade. O ato de escrever e trocar cartas são práticas antigas, produtoras de múltiplas sensações que, num sentido primeiro, gera ao mesmo tempo um prazer por parte do autor e uma curiosidade por parte do receptor. Na dimensão desse espaço existente entre o que se escreve e o que se lê, é fundamental compreender os significados que aparecem entre o conteúdo de um texto epistolográfico e os efeitos que ele tende a produzir. As cartas revelam, portanto, as mulheres que habitam em Jane, se misturando e se cruzando indistinta e simultaneamente sobre várias figuras como a narradora, militante, guerreira, filha, irmã, nora, mulher, companheira, tia, cunhada, revolucionária, a “camarada” e outras mais.

Palavras-chave: Gênero; Correspondência; Ditadura Militar

Maria Elisa Horn Iwaya

GT: Movimentos Sociais e Trabalho

Título: *“Mas que tudo colono era assim”*: histórias sobre trabalho e tradições na região rural de Joinville

Resumo: Esta pesquisa dá continuidade ao Projeto “Memórias da cidade... Diferentes olhares para o patrimônio cultural de Joinville” desenvolvido no correr do ano de 2008,

sob orientação da Professora Doutora Janine Gomes da Silva, e financiamento pelo FAP/ UNIVILLE. Tem como objetivo problematizar questões relacionadas à agricultura familiar da região rural de Joinville, bem como, os modos de fazer tradicionais desta região e o impacto que as mudanças ocorridas na cidade em virtude da crescente industrialização e a implementação do Turismo-Rural ocasionaram no cotidiano de mulheres e homens. Em relação à região rural de Joinville e ao seu patrimônio material e imaterial, está-se realizando um levantamento histórico, contribuindo com a historiografia local e, principalmente, com diferentes reflexões sobre o patrimônio cultural imaterial. Para efetivação da pesquisa, foi realizado uma revisão bibliográfica, pesquisa documental e levantamento de dados, principalmente no acervo do Arquivo Histórico de Joinville – AHJ. Devido a pouca produção teórica que enfoque esta temática, levando em consideração a importância do trabalho de mulheres e homens na agricultura familiar e nos programas de turismo rural na cidade, está-se trabalhando com a metodologia da História Oral, por meio de entrevistas, concedidas por mulheres preferencialmente pertencentes aos Grupos de Desenvolvimento da Mulher Rural (GDMR), da Fundação Municipal de Desenvolvimento Rural 25 de Julho. Estas narraram histórias sobre as transformações ocorridas em suas práticas no trabalho agrícola, bem como as mudanças sentidas com o crescente êxodo rural e a política de 1992 que tinha por objetivo incentivar a adesão das famílias do campo ao ciclo do turismo-rural. A partir da análise das entrevistas podem-se problematizar as práticas cotidianas e confrontá-las frente ao disposto pelas peças publicitárias. Destaca-se que este trabalho faz parte do Grupo de Pesquisa “Gênero e Memória” da UNIVILLE.

Palavras-chave: Memória; Gênero; região rural

María Laura Osta Vázquez

GT: Educação

Título: *La reforma educativa de José Pedro Varela y el papel otorgado a las mujeres, durante el periodo de la dictadura de Lorenzo Latorre (1876-1879)*

Resumo: Durante la dictadura de Lorenzo Latorre (1876-1979) José Pedro Varela fue convocado para realizar un proyecto educativo que aportara a los ciudadanos los elementos de la modernización europea y norteamericana, siendo su objetivo principal la unificación de una población constituida en su mayoría por inmigrantes.

Dentro de esta reforma Varela plantea un lugar público para la mujer, el de educadora por excelência, para esto instrumentaliza su formación profesional siguiendo la línea del positivismo y cientificismo del siglo XIX. El planteo vareliano com respecto a las mujeres exede el lugar de la educación y reivindica para ellas derechos políticos en un momento en que ni siquiera ellas mismas se cuestionaban ese lugar.

Palavras-chave: Reforma Educativa; Mulheres; Ditadura

Mariana Jafet Cestari

GT: Feminismos em Tempo de Ditadura

Título: *Elementos para a análise da constituição do discurso feminista brasileiro na década de 1970*

Resumo: As décadas de 1960 e 1970 marcaram o movimento feminista em diversos países. No Brasil, na década de 1970, no bojo do movimento contra a ditadura militar

e conjuntamente com as forças políticas de esquerda, formaram-se grupos e jornais nacionais que se autodenominavam feministas, eram dirigidos às mulheres e feitos por mulheres. Neste trabalho, são estudados os editoriais dos jornais “Brasil Mulher” (1975-1980) e “Nós Mulheres” (1976-1978), parte da imprensa feminista alternativa. Estes jornais são considerados fundadores e fundamentais na constituição do projeto e do discurso feminista brasileiro contemporâneo, pelo papel que cumpriam como divulgadores, formadores e organizadores do movimento no país.

Sob a perspectiva teórico-analítica da Análise do Discurso materialista, apresentamos algumas regularidades deste discurso feminista. São explorados processos discursivos como o funcionamento da denúncia e da figura enunciativa do porta-voz, que configuram um lugar de enunciação de forma a permitir processos de subjetivação do nós militantes feministas para mulheres identificadas com esta posição. Também analisamos o funcionamento da negação neste discurso como revelador do adversário político do feminismo e dos seus confrontos com outros discursos; as imagens de homens no discurso feminista e suas variações no funcionamento da denúncia e no funcionamento do discurso programático feminista; a construção do agente da opressão das mulheres em parte das seqüências discursivas analisadas e sua relação com as condições de produção do discurso feminista.

Os jornais feministas fizeram parte de um processo de construção de um lugar de enunciação público e político das mulheres. Como historicamente a mulher foi identificada com o espaço privado e este espaço foi subordinado ao espaço público, ocupado majoritariamente por homens, a construção de um lugar de enunciação público e, pelo exposto, legítimo, interveio na relação de forças entre sentidos em nossa sociedade.

Palavras-chave: Análise do Discurso; feminismo; porta-voz

Mariana Joffily

GT: Gênero e Práticas Repressivas

Título: *Os Nunca más do Brasil e da Argentina sob uma perspectiva de gênero*

Resumo: Após as ditaduras militares vividas pelo Brasil (1964-1985) e pela Argentina (1976-1983) foram elaborados informes sobre as violações aos direitos humanos ocorridos nesses países durante os regimes autoritários. No Brasil, a iniciativa partiu de um grupo de advogados e outros profissionais liberais e foi apoiada por setores da Igreja Católica. O trabalho foi realizado dentro de um rigoroso sigilo, ainda durante a ditadura militar. Na Argentina, o processo foi bastante diferente. O próprio poder executivo, que sucedeu o governo militar, criou a Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas com o intuito de esclarecer as circunstâncias relacionadas ao desaparecimento de pessoas, buscando identificar seu destino e, se possível, localizar seu paradeiro. Essa comunicação pretende analisar esses informes sob uma perspectiva de gênero, ou seja, investigando de que maneira o gênero é apresentado no relato das violências cometidas pelos governos militares. São dois os objetivos: primeiro o de comparar a forma com que a violência institucional abateu-se sobre mulheres e homens em termos quantitativos e qualitativos; segundo o de observar eventuais estratégias de gênero na apresentação desses dados.

Palavras-chave: ditadura militar; repressão política; tortura

Mariluci Cardoso de Vargas

GT: Gênero, Memória e Ditadura

Título: *Relatos de orgulho e solidariedade: a memória tecida pelas mulheres da luta pela anistia no RS*

Resumo: A partir de relatos das experiências políticas vivenciadas pelas mulheres que participaram do Movimento Feminino pela Anistia (1975-1979) no Rio Grande do Sul, esse trabalho busca compreender as estratégias desempenhadas por elas para que a anistia fosse alcançada, assim como as ações para que a memória de suas lutas fosse preservada. Ao valorizar a documentação produzida, organizá-la de forma cuidadosa e colocá-la a disposição para a pesquisa classifico as lideranças do MFPA como guardiãs da memória de um movimento importante que não poupou esforços para o restabelecimento da democracia no nosso país. Fosse por interesse pessoal, coletivo, partidário, ideológico, ao completar os trinta anos da promulgação da Lei de Anistia, a sua rediscussão deve contar com a compreensão dessa história política do tempo presente que, grosso modo, se mostra como página desbotada na memória das novas gerações.

Palavras-chave: Anistia; Memória; Mulheres

Marinês Ribeiro dos Santos

Co-autor@: Joana Maria Pedro

GT: Feminismos em Tempo de Ditadura

Título: *Novos significados para velhas práticas: a apropriação do discurso feminista pela publicidade brasileira nos anos 1970*

Resumo: No Brasil, a revolução comportamental característica dos países ocidentais nos anos 1960, teve como pano de fundo a ditadura militar. Diante do conservadorismo do governo que valorizava a tradição e os bons costumes como uma forma de disciplina social, as mudanças nos padrões de conduta moral e o questionamento do modelo tradicional de família mesclavam-se com a expressão de identidades políticas de oposição. No início da década de 1970, as primeiras organizações feministas que surgiram no país reivindicando transformações nas relações de gênero foram articuladas por mulheres militantes ou simpatizantes da luta contra a ditadura. Considerando, ainda, o contexto econômico do “milagre brasileiro”, temos como objetivo apresentar neste texto alguns exemplos de apropriação dos discursos feministas pela publicidade nacional, onde os interesses daqueles grupos foram convertidos em estratégias para incentivar o consumo de bens e serviços. Em uma série de anúncios veiculados na revista Casa & Jardim durante o período entre 1970 e 1974, a apropriação de termos usados nos discursos feministas e o reconhecimento de modificações no comportamento das mulheres revestem de “modernidade” práticas femininas que podem ser consideradas tradicionais, entre elas, a responsabilidade pelo espaço doméstico e os cuidados com a aparência física.

Palavras-chave: imagens publicitárias; relações de gênero; discursos feministas

Maritana Drescher da Cruz

GT: Gênero, Memória e Ditadura

Título: *Mulheres militantes de esquerda no Paraná 1964-1985*

Resumo: Historicamente, homens e mulheres foram divididos por esferas. A esfera produtiva ou esfera pública foi por muito tempo destinada aos homens. As mulheres, por

sua vez, estiveram restritas aos domínios da esfera privada, responsáveis pelas funções do lar e da maternidade. “A mulher é uma presença silenciada na história e sua voz não é ouvida na política, arena pública e e (aqui faltou alguma palavra) masculina por excelência”(COLLING,p7,1997)

Quando pensamos em militância de esquerda no período militar, logo nos deparamos com a história de bravos homens, limitando nosso pensamento a figuras masculinas, como se muitas mulheres não tivessem lutado lado a lado com esses mesmos homens. A história dessas mulheres foi ofuscada por muito tempo pela historiografia tradicional. O Paraná foi um estado atuante na resistência ao Regime Militar, e fomos buscar as histórias dessas mulheres militantes, que atuaram no Paraná nos anos de 1964-1985. Nesse sentido, o presente trabalho busca entender como se dava as relações entre homens e mulheres dentro das organizações clandestinas e, de forma geral, trazer à luz a história e a memória de algumas dessas mulheres.

Marlene de Fáveri

Co-autor@: Mirian Elisa da Silva Aguiar Wagner

GT: Gênero e Práticas Repressivas

Título: *Cotidiano da prisão: as mulheres na Novembrada*

Resumo: Algumas mulheres catarinenses, no transcorrer do processo da Novembrada – movimento deflagrado contra a Ditadura Militar, ocorrido em Florianópolis no dia 30 de novembro de 1979, e repercussões subseqüentes - tiveram participação ativa enfrentando a repressão, fato que as levou para a prisão, alterando o curso de suas vidas e deixando marcas profundas. Lembranças de mulheres que foram presas, e de outras que participaram de alguma forma do movimento, relatam sofrimentos, dificuldades, desespero, medo, angústia, solidariedade e coragem, subjetividades que comportam marcas e ressentimentos. A partir do momento que estiveram reféns no judiciário, os homens e mulheres foram mantidos em lugares separados e isolados em cubículos na Polícia Federal, em Florianópolis, respondendo interrogatórios. Através da fala de algumas mulheres, percebemos a dimensão da solidão na prisão, os dias em celas incomunicáveis e os sentimentos de revolta, de esperança e força; buscamos perceber detalhes do cotidiano no cárcere e de como burlavam os esquemas da vigilância, reinventando modos de fazer. Reavivar estas histórias e dar voz as mulheres detidas e torturadas física e psicologicamente, as estratégias e táticas para burlar a carceragem, o tratamento recebido pela polícia, a batalha da família pela soltura, evidencia novos olhares para este evento, e permite a análise na perspectiva do gênero como categoria de análise.

Palavras-chave: Novembrada, Florianópolis, Mulheres detidas/torturadas

Mateus Gamba Torres

GT: Gênero e Práticas Repressivas

Título: *As mulheres da Operação Barriga Verde: entre processos e convenções (1975)*

Resumo: Durante o ano de 1975, diversos militantes da esquerda catarinense, pertencentes ao Partido Comunista Brasileiro, foram presos por sua tentativa de reestruturar este partido, declarado ilegal desde 1947. Após a operação de verdadeira caça aos opositores do regime militar, foi elaborado um minucioso inquérito policial, e este encaminhado ao juiz auditor militar, e posteriormente ao Procurador de Justiça

Militar, para ingresso com a ação penal militar contra estes militantes. Toda a justiça militar e o aparato repressivo, era formado basicamente por homens. Dos militantes apenas duas mulheres aparecem como réis, porém de forma intrinsecamente ligada a oposição ao regime. Dessas militantes não apenas a sua participação na oposição ao regime eram julgadas pelos órgãos policiais e jurisdicionais, mas também sua postura social com relação as convenções sociais estabelecidas para as mulheres daquele tempo. Com relação as testemunhas ouvidas, mulheres de cinco dos militantes foram interrogadas, passando inclusive por humilhações diversas. Para tentar livrar seus maridos do cárcere, estas mulheres utilizavam todas as suas armas, inclusive o próprio conceito sexista de “Rainha do Lar”, atribuído a elas pelos órgãos de repressão, em suas palavras e atos. A utilização destes subterfúgios demonstra que em momentos extremos, a palavra da mulher e seus argumentos, utilizando as brechas do regime poderiam ser decisivos na possibilidade de absolvição de seus cônjuges.
Palavras-chave: ditadura; gênero; judicial

Nailze Pereira de Azevedo Pazin

GT: Educação

Título: *Esporte para Todos/Deporto para Todos. Ditadura e propaganda esportiva no Brasil e Argentina (1976-1985)*

Resumo: O trabalho aqui apresentado é uma parte da pesquisa de doutorado em andamento no Curso de Pós- graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Esta pesquisa pretende realizar um estudo comparativo da propaganda esportiva da campanha Esporte para Todos (EPT) no Brasil, e da campanha Deporto para Todos na Argentina, cujos alvos específicos foram às camadas populares, no período compreendido entre 1976-1985. O recorte principal trará à cena a ação governamental brasileira e a ação governamental Argentina e suas respectivas propagandas esportivas durante os regimes de Ditadura Militar, vividos por estes países neste período. A partir de estudos anteriores, penso que essas campanhas estiveram ligadas ao processo de controle da participação popular, processo esse afinado com o que a palavra civismo ganhava naquele momento (de participação passiva, voluntária, ordeira e otimista). Essa pesquisa tem por objetivo dar continuidade e ampliar as discussões de minha pesquisa de mestrado, cujo interesse, a seu tempo, foi avaliar e compreender como o argumento para a necessidade de uma política de esportivização em massa no Brasil na década de 1970 e a campanha Esporte para Todos, realizada nos anos de 1977 a 1979, foram política e historicamente construídos e quais os seus desdobramentos na educação corporal dos indivíduos. Nesta produção de corpos, o gênero parece ser uma das principais maneiras de construção de subjetividades. Portanto, é importante fazer uma análise das relações de gênero na campanha de massificação de esporte EPT no Brasil e Deporto para Todos na Argentina, considerando o esporte um campo privilegiado para afirmação do feminino e masculino.

Nair Sutil

GT: Feminismos em Tempo de Ditadura

Título: *Uma musa tropical: fronteiras do corpo e da palavra em Leila Diniz*

Resumo: Nas décadas de 1960 e 1970 mulheres rompiam tabus e ganhavam fama de

libertárias. Leila Diniz, ícone de uma geração, é protagonista de uma revolução no que tange os comportamentos ditos ‘feminino’. Rompendo paradigmas, é símbolo de uma transformação. Seu irreverente vocabulário e a sua forma livre e aberta de lidar com o corpo e com a sexualidade, fazem parte dessa nova construção do feminino e do ser mulher no Brasil desse período. Em plena vigência da ditadura militar, agrediu o moralismo numa entrevista ao jornal Pasquim, em 1969. Leila Diniz, musa do Pasquim, desfraldou o estandarte do amor livre, da liberação do corpo, do des pudor verbal e da alegria. Em seguida, chocou o país exibindo sua gravidez de biquini em plena praia, rompendo de vez com a “moral e os bons costumes” tão ferrenhamente preservados. Buscamos compreender a lógica do comportamento e da corporalidade de Leila Diniz, musa do Pasquim, na perspectiva das fronteiras do corpo e da palavra, tomando como fonte as publicações de “O Pasquim”. As reflexões de Foucault acerca da sexualidade e do poder subsidiaram as questões propostas. Michel Foucault aponta para as táticas sociais que fazem do corpo da mulher superfície para o exercício do poder; para a histerização, para a saturação em sexualidade de corpo como inserção e comunicação orgânica com o corpo social, através da normatização de condutas.

Palavras-chave: Corpo; sexualidade; fronteiras; musa

Nara Cavalcante Serpa

GT: Movimentos Sociais e Trabalho

Título: “*A inserção e a discriminação da mulher no mercado de trabalho: questão de gênero*”

Resumo: O presente artigo de revisão envolve uma pesquisa realizada junto a uma organização pública catarinense, a CELESC – Centrais Elétricas de Santa Catarina, que por meio de um estudo de caso, com abordagem qualitativa, objetivou investigar a reestruturação e redefinição do trabalho e do papel na questão de gênero, verificando a quantidade de homens e mulheres atuando na Administração Central e nas Agências Regionais da CELESC, bem como a quantidade de homens e mulheres que recebem função gratificada nesta empresa. A pesquisa constatou que, ainda, há discriminação da classe trabalhadora quanto ao tipo de trabalho e quanto ao papel das mulheres na sua função na Empresa, concluindo que a questão de gênero merece um foco maior por parte da Empresa para que se tenham direitos iguais, respeito e dignidade em todos os sentidos.

Palavras-chave: trabalho; gênero; discriminação

Paola Aquino

Co-autor@(s): Sheila Stolz, Rita de Cássia Grecco dos Santos, Gabriela Kyrillos e Larissa Almeida

GT: Gênero, Memória e Ditadura

Título: *Rememoração da história. Ditadura Militar. Direitos Humanos*

Resumo: Influenciado pelos movimentos feministas espalhados pelo mundo, a Organização das Nações Unidas –ONU, reunida no Congresso Internacional da Mulher realizado em 1975 no México aclama este ano como o Ano Internacional da Mulher, dando-se início, a partir de então, a Década da Mulher; circunstâncias que favorecem e colaboram para o ressurgimento no Brasil dos anos 1970 do chamado feminismo de “Segunda Onda”.

Embora as inegáveis influências externas a narrativa da “genealogia” deste novo

feminismo acaba, no que se refere à realidade brasileira, não só refletindo as diversas matizes e interpretações feministas, mas revelando um feminismo *sui generis* marcado também pelas disputas de poder entre diversos grupos feministas e entre estes e os diversos personagens envolvidos na luta contra a Ditadura Militar instaurada no país entre 1964 e 1985.

Apesar da significativa participação feminina na luta direta contra a Ditadura, nossa pesquisa se direciona para os olhares e as narrativas individuais de mulheres que, na condição de mães, filhas, esposas, ou companheiras de militantes, sofreram com as atrocidades e os inúmeros tipos de perdas provocadas pelo então Regime de exceção. Partimos da premissa básica de que as consequências do que ocorreu durante este período permearam, e ainda permeiam, nossa estrutura social. Através de entrevistas semi-estruturadas focalizadas nas histórias de vida de algumas mulheres pretendemos reconstruir lembranças. Reconstrução que não pretende ser uma mera forma de contraposição à Oficialidade, mas sim uma objeção contumaz ao esquecimento público e a amnésia social. Nesse sentido, acreditamos que a ação de rememoração da história – através do ponto de vista feminino (privado) – pode contribuir para o perdão, a reafirmação compartilhada da verdade, bem como para o desencadeamento de um processo de afirmação de identidades e de direitos de cidadania dos segmentos sociais tradicionalmente excluídos e/ou ocultados na/da história oficial brasileira; circunstâncias que favorecem uma cultura de afirmação dos Direitos Humanos e o conseqüente repúdio da violação dos mesmos, além da própria construção do presente e do futuro que se quer enquanto sociedade democrática.

Palavras-chave: Rememoração da história; Ditadura Militar; Direitos Humanos

Penha Mara Fernandes Nader

GT: Feminismos em Tempo de Ditadura

Título: *A sutileza da discriminação de gênero na denominação de logradouros públicos de Vitória-ES. 1970-2000*

Resumo: Esta pesquisa assenta-se na investigação da relação existente entre a discriminação de gênero e a nomenclatura de logradouros públicos, não obstante a aparente distância entre os dois assuntos. É um trabalho onde a interface gênero/logradouros, levada a um exame científico, revela, de forma inequívoca, uma discriminação sutil das mulheres na sociedade. Um simples olhar ao redor de nossas moradias e bairros é capaz de revelar o predomínio de nomes masculinos, batizando ruas, avenidas, praças e outros logradouros públicos na cidade de Vitória, capital do Estado do Espírito Santo. E sendo esse batismo uma tradição para homenagear pessoas que sejam merecedoras de tributo, é como se o poder público da cidade estimasse que os homens tivessem preferência na indicação da denominação dos logradouros. Neste caso, a discriminação aparece não tão explicitamente e apresenta-se de forma astuta, capciosa, quase que imperceptível. Deslindar a discriminação mais sutil, menos visível ao senso comum, é o propósito deste trabalho. Os logradouros são lugares de memória e os nomes são dados aos logradouros por causa da necessidade de se identificarem devidamente, os lugares, naturais ou construídos que pertencem a todos e dos quais todos são usuários. A escolha é definida e oficializada pelo poder público de Vitória (Prefeitura Municipal e Câmara Municipal), que tem prerrogativa legal delegada, nas eleições, pelos homens e mulheres que ele

representa. Se não fosse a tradição de nomeá-los, os logradouros públicos poderiam ser distintos apenas por números ou por outra representação simbólica despersonalizada que cumprisse a mesma finalidade. A questão é que a nomenclatura dos logradouros públicos está ligada também a uma pedagógica homenagem às pessoas que, aos olhos de quem detém o poder, são julgadas dignas do tributo; nesse caso, homens são a maioria. E é esse um costume existente em todas as sociedades conhecidas desde tempos imemoriais. A toponímia tem a sua história, e o emprego do nome de pessoas para indicar lugares é uma prática cada vez mais utilizada para reconhecimento dos méritos de alguém. A questão é a escolha do nome do logradouro por não escapar do quadro de discriminação sistemática de gênero o qual caracteriza a sociedade que adotou e mantém a tradição. De modo geral, é como se a população das cidades aceitasse que suas mulheres não ficassem como credoras do reconhecimento.

Este trabalho discorre sobre o ato de poder de dar nomes oficiais aos logradouros públicos da cidade de Vitória -ES, com a finalidade de demonstrar a existência de uma sutil discriminação de gênero. São examinadas as leis municipais no período de 1970/2000, verificando-se um aumento do número de nomes de...

Palavras-chave: Gênero, logradouros públicos, memória

Priscila Carboneri de Sena

Co-autor@: Isabel Cristina Hentz

GT: Exílio

Título: *Ditaduras e exílio: uma história da identificação com o feminismo*

Resumo: O exílio foi um fenômeno bastante recorrente durante os anos de Ditadura Militar no Cone Sul. Este fenômeno trouxe repercussões diversas para a vida dos exilados; uma dessas repercussões foi o contato que muitas mulheres do Cone Sul tiveram com idéias do feminismo de segunda onda e a identificação delas com o feminismo. Baseadas nesses contextos, nosso objetivo é analisar, de forma comparativa e a partir de uma perspectiva de gênero, as trajetórias de identificação com o feminismo de algumas mulheres do Cone Sul, enquanto estiveram exiladas na Europa. As fontes utilizadas serão, além de bibliografias sobre o tema, relatos orais atuais das mulheres em questão. Esse trabalho faz parte do projeto “Os feminismos e os movimentos sociais de resistência às ditaduras no Cone Sul: uma história comparativa (1960-1980)”, coordenados pelas professoras doutoras Cristina Scheibe Wolff e Joana Maria Pedro.

Palavras-chave: exílio; identificação com o feminismo; ditaduras no Cone Sul

Rafael Araújo Saldanha

GT: Prostituição

Título: “Casas de Massagem”, “Clube das mulheres” e “Instinto selvagem”:

Resumo: Em fevereiro de 1992, o Diário Catarinense trouxe uma matéria (capa do apêndice Revista DC) intitulada “Casas de Massagem. Fábricas de sonhos e prazer”, que tratava do cotidiano de homens e mulheres profissionais do sexo em Florianópolis que trabalhavam em tais locais. No mesmo ano, estreou nos cinemas brasileiros o filme “Instinto selvagem”, que mostrava a investigação do assassinato de um astro do rock por um policial que se envolvia sexualmente com a principal suspeita do caso. Em agosto, a TV Globo lançou sua nova novela das 20 horas, “De corpo e alma”, com um núcleo de

personagens que trabalhavam em uma casa de strip teases (“Clube das mulheres” como ficou conhecido esse tipo de estabelecimento), e as mulheres que se envolviam com tais sujeitos. Esses três dados acabaram sendo retratados no Jornal Diário Catarinense e não são úteis pois demonstram o quanto o corpo, sexo biológico, gênero, sexualidade sofriram trans/formações em tal período histórico. Homens que vendiam seus corpos (com ou sem sexo), mulheres que fugiam de padrões comportamentais e se preocupavam mais com seu prazer sexual do que com assuntos como família ou trabalho, novas relações de poder e seus tabus foram assuntos que ficaram em voga no início da década de 1990 e que a Mídia, ao dar-lhes espaço, acabou por marcar na memória.

Este artigo pretende discutir como a Mídia (TV, Cinema, com ênfase no Jornal) serviu como construtora tanto da Memória, entendida aqui pela perspectiva construtivista, ou seja, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade, de acordo com Michel Pollak (1989); quanto do Gênero, entendido como a organização social da diferença sexual, segundo Joan Scott (1988); procurando pensar essas duas categorias de análise (memória e gênero) a partir da Mídia e segundo Michel Foucault, isto é, considerando algo dado como sempre relativo; de forma que seus usos e significados nascem de uma disputa e são os meios pelos quais as relações de poder – de dominação e de subordinação – são construídas.

Palavras-chave: gênero; memória; mídia

Rafael Sanseviero

GT: Gênero e Práticas Repressivas

Título: *Los cuerpos prisioneros y la insubordinación del botín de guerra*

Resumo: Esta ponencia profundiza un tema específico que emerge de una investigación realizada junto a la historiadora feminista Marisa Ruiz acerca de un episodio invisibilizado en la historiografía del terrorismo de Estado en Uruguay. Durante la dictadura uruguaya 20 personas estuvieron en condición de rehenes de los militares; fueron 11 mujeres y 9 hombres en un universo superior a las 5000 personas recluidas por motivos políticos. Las mujeres pasaron a ser rehenes tres meses antes que los hombres y dejaron esa condición varios años antes que ellos. El inicio del rehenato femenino se produjo una semana antes del golpe de Estado, y aparece como una señal del pasaje del Estado represivo al Estado terrorista. La gramática bélica utilizada por el poder (“ustedes son rehenes y cualquier cosa que pase pagarán con sus vidas”) carece de sentido literal aplicada a un “enemigo” militarmente neutralizado y masivamente encarcelado. En realidad el rehenato parece destinado a exponer en la plaza pública la voluntad y capacidad de daño del Estado. El terrorismo de estado uruguayo no se basó en la ejecución sumaria ni la desaparición masiva, sino en la prisión prolongada y la tortura no selectiva. Colocar un grupo de personas en “situación de tortura” por tiempo indeterminado, sin otro fundamento ni límite que la voluntad del poder, es un mensaje ejemplarizante dirigido al conjunto de la sociedad. La elección de mujeres para instituir simbólicamente una pedagogía del miedo es congruente con muchas experiencias de construcción de estados totalitarios. Sin embargo, cuando transcurría su tercer año, un acontecimiento puso fin al rehenato femenino: fue el embarazo que una de ellas buscó, logró, mantuvo, defendió y concluyó. Ese embarazo fue una reapropiación radical de su cuerpo, que al ocurrir en una situación

de control totalitario absoluto sobre las personas, empoderó a la protagonista y provocó el colapso de una estrategia represiva.

Palavras-chave: Subversión; cuerpo; tortura

Rafaela Xavier Barbosa do Amaral

GT: Exílio

Título: *Narrativa em tempo de repressão: uma análise sociológica da subjetividade resistente*

Resumo: Tendo como base a linha de pesquisa de Arte e Cultura de Resistência, este projeto surgiu dentro do Memorial dos Direitos Humanos – MDH - UFSC. Com a orientação do professor Fernando Ponte de Souza. A proposta desta pesquisa é analisar não somente como literatura, mas também como um documento, no qual o narrador, neste caso a catarinense Derlei Catarina De Luca, confidencia ao leitor sua história e sua participação como militante da Ação Popular (AP), organização proveniente da esquerda cristã fundada em 1962, na Ditadura Civil-Militar brasileira de 1964-1985.

Em seu livro “No corpo e na Alma” De Luca relata as dificuldades a serem enfrentadas quando se tem um pensamento de esquerda e revolucionário em tempos de Ditadura. Abrindo mão de sua vida pessoal, por um “bem maior”, relatando sua luta; o fim da vida universitária e de militante no movimento estudantil, o ingresso na vida clandestina logo depois da leitura do Ato Institucional N°: 5 (AI-5) em dezembro de 1968, o trabalho na indústria fabril em Curitiba – PR, seu trabalho interno dentro da organização, sua prisão e a tortura no quartel da Polícia Militar, o DOPS, o drama de ser separada do filho recém nascido, o exílio em Cuba. História de uma mulher que acredita na força do povo brasileiro, um povo que luta contradizendo o mito de povo pacífico, e ajudando a constituir uma história de luta ante as desigualdades.

Utilizando os teóricos Walter benjamim e Mikhail Bakhtin, pretendo analisar a configuração da subjetividade, na teoria de Bakhtin vezes é vista como uma questão de identidade, outras vezes ela é observada como uma regularidade perceptível do sujeito. Pode-se dizer que as idéias a respeito da subjetividade são múltiplas, e parte delas, é resultado de uma transformação conceitual das releituras feitas ao longo dos anos, e no conceito de subjetividade ético-cognitivo do autor que relata a experiência histórica. Utilizando dos estudos teóricos no que diz respeito à temática de história, memória e narrativa utilizam-me da contribuição de Walter Benjamin. As pessoas que lutaram contra a Ditadura Militar têm o direito à memória, e às novas gerações pertence o direito a história. E a mim como pesquisadora da área das humanas me é dever pesquisar e contribuir para que venha a tona a verdade dos fatos ocorridos, para que estes não mais sejam esquecidos.

Palavras-chave: Memória; Ditadura Civil-Militar brasileira (1964-1985); Subjetividade

Raquel de Souza Moreira Portilho

GT: Feminismos em Tempo de Ditadura

Título: *Do “universo feminino” ao feminismo: uma análise de 1968 nas páginas de Claudia*

Resumo: A década de 1960 é um período de intensa mobilização social (trabalhadores, estudantes, mulheres) e de grandes transformações políticas, econômicas e culturais, sendo o ano de 1968 o mais reconhecidamente conturbado da época. Nesse contexto, em 1961, surgiu Claudia, apontada por MIRA (2001) como a primeira grande revista

feminina do país, e uma das mais antigas a circular ininterruptamente, buscava atingir mulheres de classe média que viviam nas cidades, público-alvo preferencial para o consumo da crescente produção de bens. O periódico aparece também no momento em que ocorre a irrupção da segunda fase dos feminismos, que gerou uma série de contestações por parte das mulheres – especialmente aquelas relacionadas ao corpo – e, conseqüentemente, de suas leitoras. Apesar de estar afinada com os valores pregados pela imprensa feminina (criada no século XVII, comprometida com a conformação de um “universo feminino”), Claudia abria espaço para certos assuntos considerados então “polêmicos” (cito como exemplos pílula anticoncepcional, aborto e homossexualismo), comportava opiniões diferentes das normas sociais estabelecidas e buscava manter um diálogo mais estreito com as leitoras. Este trabalho tem o objetivo de analisar como Claudia expôs em suas páginas algumas das tensões políticas e culturais que “sacudiram” 1968. A revista publicou desde reportagens sobre infidelidade feminina, pílula e feminismo, até uma edição inteira dedicada a Moscou, lançada em maio daquele ano. É possível perceber, ainda, que o periódico preteriu fatos nacionais aos internacionais, não fazendo menção à Ditadura instaurada no país.

Palavras-chave: Revista Claudia; 1968; feminismo

Raquel Trindade Andrade

GT: Corpo

Título: *Abnegadas mães: breve reflexão sobre mulheres que acompanham filhos internados em unidade hospitalar*

Resumo: No processo de recuperação de crianças internadas, o cuidado materno é incorporado pela instituição não como um direito adquirido pela criança de ter um acompanhante, mas como um dever inquestionável do papel social da mulher-mãe. Essa concepção de maternidade intensificada é carregada por preceitos morais relacionados à idéia da “boa mãe”. Tais preceitos por serem oriundos de uma cultura sexista, que constrói papéis sexuais rígidos, são instituídos na prática da grande parte dos profissionais de saúde.

A partir da experiência de estágio em uma enfermaria pediátrica de unidade hospitalar de atendimento de média e alta complexidade, pudemos verificar como as relações de gênero, historicamente construídas e reproduzidas na nossa cultura, têm influenciado sobremaneira a relação de mães e filhos e profissionais de saúde. É sob essa perspectiva de gênero que realizamos algumas reflexões no sentido de melhor compreender as relações de conflito e confronto que surgem no cotidiano de um espaço hospitalar de internação.

O gênero entendido como a “construção do poder em si” (SCOTT, 1995) nos permite perceber a distribuição do poder presente no exercício de acompanhamento durante a internação. Por de traz deste fato se revela uma realidade ainda mais perversa. Onde é delegado, exclusivamente à mãe grande (quando não exclusiva) responsabilidade com a criança doente crônica, na maioria dos casos dependente de aparelhos para manutenção de funções vitais e que demanda cuidados específicos e em tempo integral, além da longa e muitas vezes recorrente permanência no hospital. Diante deste processo, a prática instituída nesses espaços, portanto, tende a submeter e conformar o saber materno ao saber médico e à rotina institucional. E a valorizar enquanto um dever natural à

abnegação dessas mulheres, em detrimento da percepção de um lugar historicamente construído.

Palavras-chave: relações de gênero; mães; processo de acompanhamento

Raul José Matos de Arruda Filho

GT:Arte

Título: *Ignorando a paisagem: considerações sobre Maria Teresa Cornejo, personagem do romance “Ciências Morais”, de Martin Kohan*

Resumo: Bedel no Colégio Nacional de Buenos Aires e preocupada apenas em “fazer o seu trabalho”, “da melhor maneira possível”, Maria Teresa, Marita para os familiares, é seduzida pelo inominável. Construído como uma parábola moral, o romance de Martin Kohan retrata uma mulher sem consciência política, incapaz de perceber que não existe agressão isolada: a Argentina também está sendo estuprada pela ditadura militar.

Palavras-chave: Política; Repressão; Representação

Regiane Regis Momm

GT: O Gênero da Esquerda em Tempos de Ditadura

Título: *Imprensa Alternativa: na Contramão da Ditadura*

Resumo: A década de 70 foi efervescente em termos de jornais alternativos ou nanicos como: *Universitário* (1974-1975) e *O Acadêmico* (1975-1982). Ambos criados por homens e mulheres, todos estudantes universitários de Santa Catarina que queriam o espaço que lhes era negado na grande imprensa. Em contraste com a complacência da grande imprensa para com a ditadura militar; os jornais alternativos, objetos de permanente perseguição política, cobravam o respeito aos direitos humanos, a liberdade de expressão e, conseguiam amarrar bem, produção e divulgação cultural. Em suas páginas circulavam poesias, contos, crônicas, editoriais, cinema, teatro, música, artes-plásticas produzidos pelos(as) estudantes, num período de estreitamento de laços entre a crítica universitária e os suplementos, entre a literatura de invenção e a própria imprensa, provocando um afloramento inegável de todas as emoções, em decorrência da insatisfação, dos sentimentos contidos, do medo e da raiva em relação ao período em que viviam, regidos pela égide da ditadura, fora e dentro dos seus textos.

Palavras-chave: Imprensa alternativa; (os) as estudantes; Ditadura

Regina Bittencourt Souto

GT: O Gênero da Esquerda em Tempos de Ditadura

Título: *Outros gestos para as mesmas lutas: mulheres e a resistência à Ditadura Militar em Florianópolis*

Resumo: Durante o período em que o Brasil esteve mergulhado no regime da Ditadura Militar, algumas mulheres de Florianópolis criaram e reinventavam formas de atuação nos diferentes movimentos de contestação à ordem vigente. Esse trabalho dá visibilidade a trajetória de cinco mulheres que, ligadas ao movimento político, ao movimento estudantil e ao movimento feminino pela anistia, buscaram formas de burlar os mecanismos de poder instituídos, utilizando táticas e estratégias para enfrentar a repressão. Seus depoimentos dão conta de que as mulheres também foram protagonistas na resistência, e embora fossem vistas como “menos perigosas”, ousaram e enfrentaram com outros

gestos, inseridas na militância política.

Palavras-chave: Ditadura Militar; Mulheres na resistência; militância política

Renata Aparecida Paupitz Dranka

GT: Estado Novo

Título: *Memórias que se cruzam*

Resumo: Esta contribuição faz parte de um trabalho de análise de crônicas de Antonieta de Barros, publicados nos principais jornais de Florianópolis, em diferentes momentos históricos, compreendidos entre 1900 e 1950. Antonieta de Barros nasceu no dia 11 de julho de 1901, em Florianópolis. Era pobre e filha de escrava alforriada. Iniciou sua carreira como professora. Apesar de viver numa sociedade machista foi jornalista com uma coluna própria em um jornal de grande circulação.

Em 1934, Antonieta de Barros foi convidada por Nereu Ramos, importante político da época, para integrar a chapa do Partido Liberal, lançando-a como candidata representando a mulher catarinense. Antonieta de Barros venceu as eleições, sendo uma das primeiras mulheres a exercer um cargo na Assembléia Legislativa e a primeira deputada negra do Brasil. Em 1947, ela concorreu novamente e venceu as eleições retornando à Assembléia.

Para análise desses escritos, foi necessário conhecer outros textos que se complementavam e concorriam na produção de sentidos. Neles estão presentes a historicidade constitutiva do discurso jornalístico e do político em Florianópolis; a forma de construção da legitimidade do voto e a repercussão, nos jornais de Florianópolis, do decreto de 1932, que habilitava, de forma facultativa, as mulheres ao voto; a forma de circulação da imagem da mulher nos periódicos de Florianópolis e como Antonieta de Barros se representava e era representada neste imaginário; a sua ascensão política e sua mobilização para a valorização da mulher.

Palavras-chave: Discurso; feminismo; legitimidade

Renata Xavier Barbosa do Amaral

GT: Exílio

Título: *O exílio no cotidiano socialista*

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo discutir a perspectiva em que a militante comunista Altamira Rodrigues Sobral narra a sua experiência como mulher, esposa e mãe ao lado do então secretário-geral do Partido Comunista, Luís Carlos Prestes em seu livro *Meu companheiro*. 40 anos ao lado de Luiz Carlos Prestes, em que assina como Maria Prestes. Maria em seu livro narra a tentativa de se estabelecer uma rotina familiar com Prestes e seus filhos, que encontravam impedimentos ao serem constantemente vigiados pela polícia durante a clandestinidade do Partido Comunista no Brasil. Com o golpe militar em março de 1964, Luis Carlos Prestes passa a ser novamente perseguido e se exila com a sua família formada com Maria para Moscou, capital da antiga União Soviética, em junho de 1970. Temos na narrativa de Maria um registro da intimidade da família no exílio, cuja almejada rotina fora pontuada pela normalidade – sem vigilância, perseguições e desmembramentos da família – conquistada em um país estrangeiro, apesar da vontade de ver tal rotina realizar-se no Brasil. Podemos refletir, por meio da narrativa de Maria Prestes, sobre as expectativas dos militantes de esquerda em meio à

situação de violenta repressão por parte dos militares e do exílio forçado que teve fim com a lei de anistia de 1979.

Palavras-chave: Exílio; Biografia; Partido Comunista Brasileiro

Renato Celestino Guedes

Co-autor@(s): Edilene Lagedo Teixeira

GT: O Gênero da Esquerda em Tempos de Ditadura

Título: *A moda feminina na década de 70: o exemplo de Zuzu Angel*

Resumo: Neste período de recessão, revoltas populares e censura surge à pioneira da moda feminina brasileira na década de 70 a estilista, Zuleika Angel Jones conhecida como Zuzu Angel. A moda não pertence a todas as épocas nem a todas as civilizações essa concepção esta na base das análise que se seguem no, presente estudo para pensar a moda requer não apenas que renuncie assimilá-la a um princípio inscrito universalmente no curso do desenvolvimento de todas as civilizações mais também que se renuncie a fazer dela uma constante história fundada em raízes antropológicas universais. (LIPOVESTKY, 1989). Com esta análise Zuzu divulga a moda brasileira, motivada pela cultura do país mesclando assim, com seu estilo próprio de criar roupas e acessórios para o vestuário. Este trabalho trata-se de um levantamento bibliográfico na linha qualitativa com consulta de textos de origem literária e eletrônica os resultados foram apresentados de forma descritiva. Tendo como ênfase a história da moda na década de 70 no Brasil enfatizando o pioneirismo de Zuzu Angel e assim, a divulgação da moda brasileira feminina para o exterior. Foi pioneira, entrando, no mercado norte americano na época em que o conceito que tínhamos da moda americana no Brasil era muito negativo e não tinha quase nenhuma aderência, já que a cultura européia era a grande referência e predominou durante toda a metade deste século, sobretudo a americana e francesa. Neste sentido, Zuzu Angel apontou o mercado americano para os produtores de moda no Brasil, foi vitrine de grandes lojas de departamentos americanas e ganhou nos EUA editoriais importantes. Zuzu valorizou a mulher como ser criativo o que era muito pouco aceito na época. Nos modelos foram usadas figuras que faziam referência ao período de repressão como: pássaros engaiolados, sol atrás das grades, anjos, tanques de guerra, crucifixos, jipes e quêpis. Soube articular muito bem seu talento numa época conturbada pela política e ideologia militarista em que quase todas as formas de arte e expressão foram censuradas.

Palavras-chave: História; moda; mulher

Ronaldo Zatta

GT: Gênero, Memória e Ditadura

Título: *Tenente Camargo: um herói do Estado Militarizado*

Resumo: No ano de 1965, exatamente um ano após ter sido instaurada a Ditadura Militar no Brasil, uma grupo revolucionário articulado no Uruguai e intitulado Forças Armadas de Libertação Nacional adentrou nosso país com o intuito de fomentar um contragolpe. No entanto pelo isolamento e pelo pequeno efetivo as FALN não cumpriram seu objetivo sendo logo capturado pelo Exército brasileiro, que no seu encaicho teve um de seus homens morto em combate, o sargento Carlos Argemiro de Camargo. Camargo fora transformado em herói pela instituição militar, sendo realizadas

diversas solenidades militares e civis em sua homenagem sendo construído, em cima deste episódio, o que neste estudo chamamos de institucionalização do herói regional. Orientado pelos estudos de “memória” no que segue, será dada ênfase a investigação de como se deu a construção deste ‘herói’, a sua institucionalização que serviu para legitimar e condicionar uma memória política na região em prol dos interesses do governo militar no conturbado momento político em que vivia a nação. Sendo construída a figura do ‘herói’ regional e mártir, que serviu como exemplo de nacionalidade e atitude contra a ameaça política comunista em momentos de instabilidade política e ajudou a moldar sentimentos e opiniões em toda a sociedade regional.

Palavras-chave: Exército; memória; herói

Rosa (Marisa) Ruiz Churruca

GT: Gênero e Práticas Repressivas

Título: *Invisibilidad de género y represión política en Uruguay: el caso de las once rehenas*

Resumo: Uruguay es el país del Cono Sur, cuyas políticas de memoria, no solo las oficiales, sino las que las propias víctimas propulsaron, fueron tardías y escasas. A la salida de la dictadura, se publicaron algunos textos “fundacionales” de ex presos varones con una perspectiva épica y partidista. Eso no ocurrió con testimonios femeninos. En relación a los testimonios de mujeres, cualquiera fuera su condición de víctima, presa, recién en el siglo XXI comenzaron a aparecer relatos en diferente formato. La mujer es invisible para la historia uruguaya y su imaginario colectivo. El Movimiento de Liberación Nacional (Tupamaros) fundado en los tempranos 60, en Uruguay, tuvo un momento de inflexión y derrota militar en el año 1972. Entre este año y 1973 la organización se desmanteló. En junio de 1973 un grupo de presas fueron trasladadas del Penal de Punta Rieles a cuarteles y entraron en un sistema especial de encarcelamiento, llamado por ellas, “la rotación”. Esto consistía en su traslado en pareja, cada cierto tiempo a diferentes lugares del país. Les fue advertido por las autoridades militares que cualquier acción del MLN, les costaría sus vidas. Esto mismo sucedió con un grupo de militantes hombres, cuyas peripecias fueron conocidas y que a la salida de la dictadura tuvieron un amplio reconocimiento mediático.

Esta ponencia profundiza temas específicos que emergen de una investigación realizada junto al cientista social Rafael Sanseviero. Las rehenas en sus testimonios sobre las prácticas represivas sufridas, realizan una comparación persistente con las de los 9 hombres. Ellos son y fueron los rehenes, ellas se autodefinen como, las de la “rotación”. Nuestra exposición se centrará en analizar su auto percepción sobre las torturas practicadas y sobre el régimen carcelario, a través de sus testimonios, con el propósito de desarticular los mecanismos patriarcales en su discurso y rescatarlas del anonimato histórico y político.

Palavras-chave: invisibilidad; tortura; cárcel

Rosa María Blanca Cedillo

GT: Arte

Título: *As arpilleras: arte plástica de resistência*

Resumo: As ditaduras da América Latina levaram a extinção dos direitos humanos. A expressividade de artistas convocada pelo discurso de distintos movimentos culturais

e políticos foi desenvolvida de maneira criativa. O presente trabalho analisa a produção das artistas chilenas denominadas “arpilleras”. Trata-se de uma abordagem através das Teorias Feministas, visando resgatar a memória desse grupo de mulheres, e cujo trabalho tem sido denominado como arte de “resistência feminista”. Dialoga-se também com outras produções artísticas literárias e musicais da América Latina que foram produzidas durante o mesmo período. A interpretação das formas e técnicas com as quais trabalharam as arpilleras é vinculada com a vida cotidiana da época. Porém, a análise recorre à própria história social e política do Chile, das lutas e conquistas das mulheres durante a primeira metade do século XX, com o objetivo de dar um sentido à dita prática cultural artística.

Palavras-chave: Arte; Feminismo ; América Latina

Roselí Alves dos Santos

Co-autor@ (s): Cecília Maria Ghedini, Elvis Rabuske Hendges, Nadia Scariot, Luiza Maria da Silva Rodrigues, Daniella Celuppi e Janete Regina Fabro

GT: Movimentos Sociais e Trabalho

Título: *A organização política das mulheres agricultoras no Sudoeste do Paraná*

Resumo: O presente texto objetiva apresentar o trabalho de um grupo multidisciplinar de pesquisa e extensão sobre o registro da história da organização de mulheres agricultoras do Sudoeste Paranaense e as dinâmicas de organização e atuação destas na construção dos processos organizativos e estruturais da agricultura familiar. Justifica-se pela relevância da participação das mulheres na organização territorial da região, cuja base política, econômica e cultural é estruturada a partir de uma agricultura baseada em unidades de produção de base familiar. Trata-se de um lugar onde os processos de luta e organização política são fundamentais para construção e preservação de identidades, culminando em uma intensa organização social, política e econômica de resistência na qual a atuação das mulheres é subsumida no processo e nos registros. Neste processo a organização do trabalho e atuação da mulher agricultora que até então era tida como agente coadjuvante no desenvolvimento regional, passa a exercer um papel fundamental nas atividades de produção agropecuária, reprodução familiar, sustentação das lutas e organização política na busca por direitos igualitários aos seus. A predominância do caráter patriarcal das famílias agricultoras faz com que a atuação das mulheres tem sido desvalorizada e, ao mesmo tempo, negligenciada em estudos de gênero, desenvolvimento rural e agricultura familiar, na relação com a importância deste segmento social para as iniciativas político-organizativas que emergiram neste contexto. Estas relações e seus aspectos histórico-culturais necessitam de registros devido à sua relevância, pois para as gerações futuras, deverão compreender o alcance da atuação das mulheres agricultoras nas organizações da agricultura familiar, com vistas à equidade social. Cabe destacar também que no contexto atual, o registro e um maior reconhecimento das lutas das mulheres produtoras rurais ao longo dos anos na região, têm maior relevância para o desenvolvimento da agricultura familiar e de suas organizações neste território, pois esta organização e luta têm apresentado um retraimento com ausência de novas “bandeiras” que apontem avanços sociais em que os interesses individuais se sobreponham ao coletivo.

Palavras-chave: gênero; organização política; agricultura familiar

Rosemeri Moreira

GT: Gênero e Práticas Repressivas

Título: *A face maternal da repressão*

Resumo: O Texto em questão discute a utilização do reforço de gênero na construção da imagem da policial militar mulher, no momento de inclusão de mulheres na Polícia Militar do Estado do Paraná na década de 1970 e na prática das policiais mulheres paulistas na década de 1960. A construção simbólica da mulher policial militar faz parte das práticas repressivas duplamente: ao se contrapor/sobrepôr e impor às mulheres de carne e osso a contenção de si, e principalmente pela utilização dessa imagem pela instituição na construção de uma auto-imagem humanitária no contexto ditatorial.

Palavras-chave: repressão; gênero; polícia

Ruy de Deus e Mello Neto

GT: Educação

Título: *Gênero, políticas públicas e inserção social: uma análise da participação feminina no PROUNI*

Resumo: Neste trabalho, buscaremos discutir a relação entre gênero e desempenho acadêmico entre alunos beneficiado com as bolsas do ProUni, bem como a relação da distribuição das bolsas na cidade do Recife, dando atenção a indicadores como número de filhos, idade, estado civil etc.. Usaremos como base de dados a distribuição das bolsas dos referentes ao ano de 2005 avaliando a partir daí o desempenho acadêmico ano a ano dos alunos, correlacionando o desempenho com o gênero. Assim, discutiremos as dificuldades encontradas pelos(as) alunos(as), além de avaliar o rendimento destes(as) após a conclusão da graduação. Esta análise é de muita importância, pois permitirá uma melhor compreensão do programa do Governo Federal, pois, embora algumas pesquisas já vem debatendo os fundamentos do ProUni, bem como as diversas questões que circundam este, pela primeira vez, será possível “quantificar” a capacidade de inserção de alunos no mercado de trabalho, bem como seus desempenhos acadêmicos. E aproveitando disto, discutir gênero e políticas públicas de inclusão, percebendo a capacidade do Governo Federal de inserir os(as) alunos(as), e as relações entre gênero, desempenho e bolsas de estudo.

Palavras-chave: Gênero; ProUni; Políticas públicas

Sabrina Uzêda da Cruz

GT: Corpo

Título: *Corpos em evidência: imagens de mulheres nas propagandas de cerveja*

Resumo: Este artigo tem por objetivo o estudo sobre a violência simbólica de gênero. A investigação está voltada para a análise das imagens e representações sobre as mulheres veiculadas pela mídia televisiva, particularmente no que se refere aos usos do corpo feminino nas propagandas de cerveja. Por violência simbólica de gênero, entende-se aqui “(...) toda e qualquer forma de ameaça e ou constrangimento físico ou moral, que tenha por base a organização social dos sexos, e que impetrado contra determinados indivíduos, explícita ou implicitamente, devido a sua condição de sexo ou orientação sexual” (SARDENBERG, 1998, p.01). A violência simbólica de gênero diz respeito aos constrangimentos morais impostos por representações sociais de gênero, ou seja,

no que tange à construção do masculino e feminino. A mulher (e por extensão o seu corpo - assim fragmentados) está presente nas propagandas para ser “consumida” assim como a cerveja. A partir de um olhar antropológico feminista percebo que as práticas discursivas dominantes veiculadas pela mídia reiteram valores dominantes e tradicionais sobre as mulheres, constituindo uma forma de violência simbólica de gênero dentro da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: corpo; gênero; mídia

Saete Nair Carletto Cousseau

GT: Arte

Título: *O embate entre a essência e a aparência nas crônicas de Lara de Lemos*

Resumo: A autora Lara de Lemos integra o grupo de escritores de uma determinada região cultural, fato que intensifica sua marginalização enquanto mulher que escreve numa sociedade ainda regida por valores patriarcais. Ou seja, além da escritora ter sido marginalizada por ser mulher, o fato de pertencer a uma região, que se opõe ao centro do país, contribuiu para sua pouca divulgação e reconhecimento por parte da crítica. Em decorrência de uma tradição em que os papéis sociais restringiam a atuação da mulher ao espaço privado, predominantemente, muitas mulheres escritoras foram excluídas da história da literatura. Por isso, é importante que se resgate e que se valorize suas obras para que, evitando o seu desaparecimento, se preencha as lacunas existentes no processo histórico literário da região. Nesse trabalho, pretendo apresentar a análise das crônicas *Depois da Chuva* e *O Sorriso* da obra *Histórias sem amanhã*, escritas nos anos 50 do século XX, para o jornal *Correio do Povo* e publicadas em livro em 1963.

O universo feminino é um dos seus temas recorrentes, o que confere à sua escrita um lugar importante na literatura de autoria feminina no Rio Grande do Sul, na medida em que seus textos representam um momento de conflito em relação ao papel da mulher na sociedade. Por um lado, observa-se a busca de libertação das amarras sociais e, por outro, a insegurança gerada pelos preconceitos ainda vigentes na primeira metade do século XX em relação ao papel social da mulher.

As crônicas analisadas permitiram verificar que Lara de Lemos reflete sobre a condição feminina da época em que escreveu ao representar mulheres que, embora condicionadas pelo modelo patriarcal da sociedade, manifestam um desejo de mudança. As personagens das duas crônicas vivenciam o conflito entre o que são e o que a sociedade espera que elas sejam. Nesse sentido, o conflito feminino representado nos textos de Lara de Lemos pode ser interpretado como o embate entre a essência e a aparência, inerente à experiência humana.

Palavras-chave: mulher; preconceito; conflito

Sandra Maria Nascimento Sousa

GT: Gênero, Memória e Ditadura

Título: *Pelos caminhos movediços da memória: Experiências de transformação nas relações de gênero*

Resumo: A partir de um extenso trabalho de pesquisa, realizado no percurso do meu doutoramento, trago, para discussão neste colóquio, narrativas de mulheres que nos anos de 1970 e 1980, atuaram nos movimentos pelas transformações nas desigualdades

de poder nas relações de gênero. São realizadas por mulheres que residiam nas cidades de São Luís e de São Paulo, e integraram instâncias políticas as mais diversas: grupos universitários, partidos políticos, sindicatos, associações de bairros. Suas lembranças desfiam e constituem traçados sobre sua participação, revelando a complexidade de seus empreendimentos no sentido de transformarem modelos e padrões ideais no que se refere à própria identidade, aos papéis forjados naquele contexto histórico, produzindo efeitos desestabilizadores e, ao mesmo tempo, construtores de outras subjetividades, à medida que outros significados iam sendo atribuídos a sua experiência. Ressalto que essa experiência narrada, deixa entrever marcações distintivas entre mulheres brancas e mulheres negras. Meu trabalho de intérprete dessas narrativas foi apoiado na substância de Teorias da Memória e de Teorias do Gênero. Nesse sentido foram muito significativos os aportes de Halbwachs, Pollak, Michelle Perrot, Ecléa Bosi, Joan Scott, Benjamin ,Verena Stolke, além da consulta a muitos outros estudos de gênero que vêm sendo construídos, utilizando a Memória como recurso teórico-metodológico.

Palavras-chave: Mulheres, gênero, memória

Sandra Vidal Nogueira

Co-autor@ (s): Dirléia Fanfa Sarmento

GT: Educação

Título: *Olhares em perspectiva sobre a Educação Básica na Rede La Salle: reconstruindo a história do currículo na visão de mulheres educadoras*

Resumo: O presente trabalho focaliza os múltiplos olhares de mulheres educadoras (professoras, funcionárias e mães) sobre a Educação Básica na Rede La Salle. A partir da consulta de caráter investigativo ao banco de dados que constitui o acervo pelo Programa de Avaliação Institucional-Educação Básica (PROAVI-EB), procedemos a identificação e posterior análise e interpretação das principais imagens que são evidenciadas nos discursos registrados sobre o delineamento do traçado que dá conteúdo e forma à história do currículo lassalista, no que tange à gênese e desenvolvimento do seu ideário pedagógico. Imagens não mais romantizadas, mas reais, multifacetadas de culturas, expectativas, valores, lutas e resistências. Busca-se, em essência, mapear indiciadores de políticas que constituem o imaginário da Educação Lassalista no Brasil, com base no levantamento realizado em 20 (vinte) Escolas, localizadas em quatro Estados (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Amazonas e Distrito Federal). São eles: a) conhecer melhor seus processos; b) identificar suas potencialidades; c) apontar suas fragilidades; d) enfrentar os desafios inerentes à gestão das Escolas Lassalistas; e) planejar a melhoria e os avanços dos processos e práticas institucionais. Em síntese, pode-se sinalizar, que o momento atual de gestão da Rede La Salle obedece a uma mirada singular, atenta aos matizes das ricas trajetórias humanas e temporais dessas Comunidades Escolares. As reflexões ensejadas apostam na importância da História do Currículo contada na voz mulheres educadoras. Tem-se a convicção de se trata de um percurso fecundo para que seja possível reencontrar nossas visões de mundo e de espaço escolar e também superar a geografia de nossos limites e desafios.

Palavras-chave: História do Currículo; Educação Básica; Rede La Salle

Sergio Luis Schlatter Junior

GT: O Gênero da Esquerda em Tempos de Ditadura

Título: *Militantes em ditadura: gênero, subjetividade e participação política*

Resumo: Nas décadas de 60 e 70, o movimento estudantil no Brasil – e em outros países do Cone Sul, como Argentina e Paraguai – estava bem articulado e mesclado com outros movimentos sociais. Organizações como a Ação Popular (AP) e a Juventude Universitária Católica (JUC), possuíam práticas que são pertinentes aos estudos de gênero, uma vez que a militância política, em muitas ocasiões, era posta acima da subjetividade do/da militante, fazendo com que uma identidade coletiva se contrapusesse a uma identidade individual. Entre mobilizações, manifestações e reivindicações o particular dos/das militantes é tratado como um assunto secundário. As discussões de gênero são deixadas à margem da luta pela revolução. Assuntos, como, por exemplo, a homossexualidade foram tratados com muita reserva. Através de leituras em comum e influências vividas, os movimentos delineavam identidades, ideais e metodologias de trabalho. A Igreja, por sua vez, é percebida, por muitos, com um papel importante na mobilização de movimentos de resistência, bem como, possuidora de um discurso ambíguo, que poderia se caracterizar em participação ou oposição ao Golpe. A partir de experiências individuais esta apresentação se propõe a perceber as relações de gênero nestes movimentos estudantis, através de fontes escritas, orais e livros publicados.

Palavras-chave: ditadura; gênero; subjetividade

Silvia Sasaki

GT: Violência Doméstica

Título: *Faveladas: repressão e feminilidade nos morros brasileiros*

Resumo: No imaginário urbano das cidades, as favelas são denotações de problemas e exclusão social. O fato é que, no decorrer das décadas e até por necessidade de sobrevivência, seus habitantes se organizaram ao passo em que estas também se expandiam. Onde o tráfico, a violência e a marginalidade são reais no cotidiano de seus sujeitos, as relações entre os indivíduos, principalmente as de gêneros, são uma constante que interliga os diferentes moradores, provindos muitas vezes de diferentes regiões do país, e que trazem consigo concepções e crenças de seus locais de origem, mas que se modificam com o tempo devido à rotina dos morros.

Embora na mídia a maioria dos registros e artigos sejam sobre homens, as mulheres são fator atuante nas favelas. Não somente em relação ao âmbito familiar, estas também participam dos momentos ruins de tais espaços, interagindo nas relações tanto de amor como de crimes. Assim, esta é somente uma breve investigação sobre as questões de feminilidade e sobre o papel da mulher nas favelas brasileiras nas últimas décadas diante, principalmente, da repressão masculina e da sociedade pela estigmatização de serem faveladas.

Palavras-chave: Repressão; Mulher; Favelas

Solange da Silva Pinto

GT: Prostituição

Título: *Vigilância e proteção: a formação das redes pedagógicas a partir de processos-crime de sedução na cidade de Ponta Grossa (1968-1971)*

Resumo: Este trabalho teve o objetivo de investigar, através da análise de processos-crime de sedução que tramitaram na Primeira Vara Criminal de Ponta Grossa nos anos de 1968 a 1971, em quais valores réus, testemunhas, advogados, juízes e promotores pautavam-se para definir a honestidade feminina e de que maneira o judiciário abordava em seus discursos as reflexões e preocupações sobre o comportamento do sexo feminino e sua relação com a modernidade. Através dos discursos presentes nos autos de sedução, também podemos observar a influência do poder simbólico, exercido pelo masculino sobre o feminino, através de valores transmitidos primeiramente pela família e depois pelas demais instituições sociais (Estado, Igreja, escola), entendido como um fator disciplinador da sexualidade feminina, que, por muitas vezes impediu, as mulheres de tomar atitudes que fossem de sua vontade. Apesar dessas cobranças sociais a respeito de sua conduta, nossas protagonistas pareciam viver suas relações amorosas de maneira bastante peculiar, seguindo seus instintos e desejos. Assim, namoravam até altas horas da noite, saíam a sós com seus pares, dançavam, divertiam-se e mantinham relações sexuais com seus namorados ou seus “conhecidos”. Mas, ao levarem suas histórias ao conhecimento do judiciário, eram cobradas pelo fato de apresentarem comportamentos distintos aos considerados inerentes à mulher honesta. Os processos-crime de sedução revelam de forma clara a intenção dos agentes policiais e jurídicos em investigar os aspectos mais íntimos da vida cotidiana dos envolvidos, principalmente das vítimas. Por trás disso, percebe-se a intenção de controlar a conduta dos indivíduos, impondo padrões comportamentais a todas as esferas da vida, e para isso contavam com a ajuda de parentes e vizinhos das supostas vítimas, sempre dispostos a vigiar seus comportamentos. Dessa forma, as testemunhas ajudavam na circulação das normas de conduta, contribuindo, assim, com a pedagogia da moralização social.

Palavras-chave: discurso jurídico; normatização de comportamentos; redes de sociabilidade

Soraia Carolina de Mello

GT: Feminismos em Tempo de Ditadura

Título: *Argentina, Bolívia, Brasil, Chile e Uruguai: feminismos e emprego doméstico na primeira metade dos anos 1980*

Resumo: A questão do emprego doméstico perdura na pauta dos movimentos feministas até a atualidade. Ainda que motivo de muita discussão (a partir do que convencionou-se chamar de Segunda Onda Feminista), é um problema que se encontra muito distante de uma solução concreta. Esse tipo de emprego, que salvo exceções especializadas como no caso de motoristas ou jardineiros é quase que exclusivamente feminino, carrega em si a desvalorização do trabalho doméstico de modo geral, em conjunto com relações paternalistas de sub-emprego e com a existência de um mercado de trabalho informal no qual muitas mulheres se inserem para sobreviver. Utilizando como fonte o boletim feminista internacional Especial – Mujer llet, em seu número sobre emprego doméstico (nº 13, de setembro de 1984), venho neste trabalho levantar algumas das discussões realizadas pelos feminismos do Cone Sul a respeito do emprego doméstico. Vale ressaltar que a fonte utilizada traz recortes de notícias e artigos publicados em diversos países, principalmente da América Latina. Dentre estes, analiso os provenientes de países do Cone Sul (apenas o Paraguai não se faz presente na publicação), os quais

levantam questões referentes à legislação existente a respeito desse tipo de emprego, o tratamento designado às domésticas, os problemas que estas profissionais enfrentam com a falta de privacidade em sua vida pessoal, assim como problemas com o trabalho em si. Além disso, a fonte também discute a relação entre empregadas e suas patroas e a organização das domésticas como uma categoria. Ainda que estas sejam questões complexas, que merecem individualmente uma análise detalhada, observá-las em conjunto nos ajuda a perceber a complexidade do problema do emprego doméstico feminino como um todo, e talvez possa colaborar na busca por melhores condições de emprego para essa categoria.

Palavras-chave: emprego doméstico; história do feminismo; Cone Sul

Susel Oliveira da Rosa

GT: O Gênero da Esquerda em Tempos de Ditadura

Título: *'Subterrâneos da liberdade': mulheres, militância e clandestinidade*

Resumo: 'Subterrâneos da liberdade', de Jorge Amado, é um romance engajado no qual o autor narra a luta dos militantes do Partido Comunista contra a ditadura do Estado Novo. Clandestinidade, organização partidária, luta política, tortura, miséria social, violência da repressão compõem o enredo do livro, publicado em diversos países e lido por muitos militantes nas décadas de 60 e 70, como Nilce Azevedo Cardoso, que enfrentou a ditadura militar entre os anos de 1964 e 1985, vivenciando a militância, a clandestinidade, a prisão e a tortura. O romance fez parte da formação de Nilce Cardoso para a militância. Em suas páginas, os papéis que autorizam a geração do humano em formatos binários, legitimando sua ação no mundo são muito bem definidos. Papéis que foram reafirmados pela esquerda durante a ditadura militar; pois, na suposta relação de igualdade estabelecida pelos grupos de luta política, a transformação coube às mulheres, que deveriam se adequar ao modelo universal masculino do militante político.

Palavras-chave: subterrâneos da liberdade; mulheres; militância

Taciana Brasil dos Santos

GT: Estado Novo

Título: *O ambiente religioso e a construção da identidade feminina: a implantação da Igreja Batista em Minas Gerais, 1916-1930*

Resumo: Sabemos que o ambiente religioso é repleto de representações que auxiliam na construção de imagens e papéis sociais dos indivíduos. Este trabalho busca identificar a representação do papel social da mulher transmitido pela Igreja Batista na ocasião de sua implantação no Brasil. Tomaremos por base o período de implantação no estado de Minas Gerais, ou seja, os anos de 1916 a 1930. Para tal, analisaremos as instituições escolares e de imprensa batistas no estado durante o período de 1917 a 1930, através da consulta a materiais impressos, como o jornal O Batista Mineiro, prospectos de propaganda e livros comemorativos da Escola Baptista de Bello Horizonte, bem como suas referências ao mesmo recorte temporal.

Palavras-chave: Identidades; Gênero; Religião

Tais Barcellos de Pellegrini

GT: Violência Doméstica

Título: *Estudo etnográfico da situação de atendimento ao autor que comete violência contra a mulher*

Resumo: Este trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado em Saúde Coletiva e está inserido no campo dos estudos de gênero. Tem como objetivo estudar o atendimento prestado aos homens autores de violência contra a mulher em um serviço de assistência psicossocial pertencente a uma cidade de médio porte do Estado do Rio Grande do Sul. Esta é uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, que está sendo realizada através de observação participante das interações entre os operadores e os autores e dos atendimentos prestados a esses últimos. A análise dos enunciados está sendo feita através dos referenciais das práticas discursivas e teorias de Michel Foucault.

Durante o trabalho de campo, foram observadas algumas dificuldades no processo de atendimento aos autores de violência, como, por exemplo: falta de assiduidade dos autores, inexistência de trabalho em equipe e encaminhamentos desnecessários. Os operadores realizam suas funções de forma isolada e tendem a encaminhar os autores de violência para os serviços de saúde mental, devido ao fato de entenderem a violência como “doença” e “patologia”.

Pode-se observar que, em sua atuação cotidiana, os profissionais abordam a violência relacionando-a a diferentes aspectos, como por exemplo: a masculinidade está associada a condutas agressivas e patológicas que podem ser passadas de geração a geração. Já a mulher é vista como vítima e tem comportamentos baseados nos modelos estereotipados femininos. O argumento central acionado pelos profissionais é o de que a violência dos homens contra suas parceiras está vinculada a aspectos psicopatológicos do autor, que são especialmente remetidos às experiências infantis de violência sofridas pelos mesmos. Assim, avaliam que a violência praticada pelos homens tem sua origem em suas experiências passadas de ter vivenciado alguma forma de violência. Constrói-se, desse modo, uma narrativa em torno da “circulação da violência”, a qual acaba identificando autores como prováveis vítimas na infância e, conseqüentemente, vítimas como possíveis autores/as de violência.

Palavras-chave: homens; violência contra a mulher; gênero

Tânia Regina Oliveira Ramos

GT:Arte

Título: *A literatura: este feminino narrativo e libertador*

Resumo: No início da década de 80, alguns críticos assumiram a tarefa de avaliar a literatura que havia sido produzida durante a ditadura militar. Desse empreendimento resultaram livros como Vale quanto pesa de Silvano Santiago e Literatura e Vida Literária de Flora Sussekind. Como a literatura respondeu à repressão? Como as autor+ias ficcionalizaram o vivido e o interdito? Feito o balanço de textos de autorias predominantemente masculinas, destacaram-se duas vias na produção da época. Na primeira incluíam-se os textos que se filiam ao realismo dito mágico e que através de um discurso metafórico e de lógica onírica pretendiam dramaticamente mascarar situações passíveis de censura e na segunda os romances-reportagem e as narrativas autobiográficas, cuja intenção era “desficcionalizar” o texto literário e contar histórias de homens e mulheres que desafiaram aqueles que não tiraram o capuz.

Palavras-chave: Literatura e repressão; anos 70; literatura e ditadura

Valnêda Cássia Santos Carneiro

GT: Violência Doméstica

Título: *O II Plano Nacional de Combate à Violência contra a mulher e sua efetividade no contexto jurídico-social do Município de Salvador/BA*

Resumo: A redemocratização do Brasil e a crise fiscal ocasionaram um conjunto de reformas a partir do fim da década de 1970, o que se traduz em um conjunto de mudanças nas políticas públicas. Neste contexto, observa-se a ampliação da participação das mulheres enquanto sujeitos políticos, que propugnaram pela conquista de direitos como de saúde, sexualidade, contracepção e a proteção contra a violência sofrida. Mais recentemente e sob a perspectiva das políticas públicas para promoção da igualdade entre os gêneros, promoveu-se, em 2004, I Conferência Nacional de Políticas Públicas para as Mulheres, realizada pela Secretaria Especial de Políticas Públicas para as Mulheres e pelo Conselho Nacional de Direitos da Mulher, contando com participação não apenas de membros do governo, mas da própria sociedade civil. Na referida conferência, assumiu-se o compromisso de serem mantidos os movimentos feministas e de mulheres, bem como provocar, no âmbito da gestão pública, o significado de um conjunto de políticas públicas articuladas num plano cujo objetivo primário é a efetivação do direito das mulheres. Continuando os trabalhos, em 2007 fora realizada a II Conferência Nacional de Direitos da Mulher, na qual fora aprovado o II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. É sobre este aspecto que o presente artigo pretende aprofundar-se. Dentre as propostas formuladas no II Plano, encontram-se o aperfeiçoamento da rede de atendimento às mulheres, tanto da esfera privada, como na pública, como forma de repressão à violência. Tratando-se de um plano nacional, a realidade de cada ente federativo deverá ser afetada, e o mesmo, assim sendo, deverá ocorrer inclusive em Salvador/Ba. O objetivo deste artigo é apresentar as contribuições ocorridas dentro de do Município de Salvador no combate à violência como mulher e assim, demonstrar se o referido plano teve reflexo no incremento dos instrumentos já implantados, ou se ainda encontra-se em estágios iniciais de implementação. Para tanto, foi feito uso da metodologia teórico-descritiva, mediante uso da doutrina relacionada à proposta de pesquisa, assim como levantamento de dados publicamente disponíveis em meio físico ou eletrônico, confrontando tal material com os preceitos da Lei Maria da Penha e dos I e II Planos Nacionais de Políticas para as Mulheres.

Palavras-chave: Mulher; Políticas Públicas; Direitos Humanos

Vanda Maria Campos Salmeron Dantas

GT: Movimentos Sociais e Trabalho

Título: *As mulheres marisqueiras: vida e trabalho nas comunidades ribeirinhas*

Resumo: A dura realidade das mulheres no Município de Indiaroba- Se revela muito mais do que os afazeres domésticos. Elas precisam ter todos os dias a coragem e determinação para adentrarem no manguezal a procura dos mariscos, que garantem sua sobrevivência. O cotidiano das catadoras de mariscos, que vivem da pesca no mangue e têm no seu trabalho o sustento da família, é o objeto de estudo desta pesquisa, através da qual será enfatizada a questão de gênero implícita no papel dessas mulheres que realizam uma atividade de subsistência no seu cotidiano social. Daí verificar-se-á a sua atuação no meio em que estão inseridas, investigando a visão que têm do trabalho,

natureza, família e sexualidade, nas suas relações sociais. O projeto de pesquisa está sendo realizado no Estado de Sergipe, no município de Indiaroba em comunidades ribeirinhas, onde as mesmas desempenham atividades diversificadas no seu papel de ser mulher, nos sensibilizando em conhecer sua história de vida. Através de observações, entrevistas, oficinas, depoimentos numa metodologia do tipo etnográfico saber um pouco mais sobre o seu cotidiano. Dar visibilidade à condição humana que pode nos ajudar a compreender e valorizar o conhecimento da complexidade: sua cultura e o seu saber.

Palavras-chave: Educação; Gênero; Trabalho

Vanderlei Machado

GT: Educação

Título: *Uma história por contar: a resistência feminina ao regime militar brasileiro nos livros didáticos de História*

Resumo: Ao longo de 2008, uma série de eventos e publicações buscou rememorar os acontecimentos que marcaram o ano de 1968, no Brasil e no mundo, destacando, entre outros aspectos, a movimentação política e cultural que culminou com a decretação do AI5. Entre os desdobramentos deste endurecimento do regime, esteve o reforço da opção pela luta armada, da qual participaram homens e mulheres. Muitas delas caíram nas garras da repressão, sofreram torturas, físicas e psicológicas, foram mortas ou tiveram que se sujeitar a um exílio forçado. Diante da importância do tema e da existência de pesquisas acadêmicas e de reportagens sobre a presença ativa de mulheres nas organizações de esquerda armada, busco perceber como os livros didáticos de História do ensino médio têm abordado a participação feminina na luta contra a ditadura.

Palavras-chave: História das mulheres; livros didáticos de História; regime militar no Brasil

Vanessa Lieberknecht

GT: O Gênero da Esquerda em Tempos de Ditadura

Título: *“Eles nos pariram”*: análise da construção da figura mãe/avó Lilia Celiberti pela Revista VEJA no caso que ficou conhecido como “Sequestro dos Uruguaios”

Resumo: O objetivo principal dessa pesquisa é analisar o papel de Lilian Celiberti, mãe de Lilián Celiberti personagem do caso que ficou conhecido como “sequestro dos uruguaios” na cidade de Porto Alegre em novembro de 1978. Será analisado: o tipo de construção da imagem que a imprensa, sendo aqui analisada a Revista VEJA, fez dessa mãe/avó, ocasionando que ela saísse do privado e atingisse o público, ou seja, o espaço político. A metodologia empregada para esta análise estará fundamentada no exame do discurso jornalístico o qual a revista empregava para dar repercussão ao caso, pois como mostra Pierro Nora “para que haja acontecimento é necessário que seja conhecido”. Logo a imprensa constrói a imagem de dona Lilia Celiberti de modo que ela atingisse as sensibilidades individuais da população, mobilizando segmentos sociais em favor do caso.

Palavras-chave: Sequestro dos Uruguaios; Terrorismo de Estado; família

Vera Regina Martins Collaço

GT: Estado Novo

Título: *Se qualificar como agente modernizadora da cena brasileira - Dulcina de Moraes e o Estado Novo*

Resumo: Nesta comunicação tenho por objetivo debater um dos projetos de modernização do teatro brasileiro e a sua intersecção com a implementação de políticas públicas para o nosso teatro com a criação do Serviço Nacional de Teatro – SNT -, em dezembro de 1937. Dulcina de Moraes (1908-1996) funda juntamente com seu marido, o ator Odilon Azevedo, em 1934, a Companhia Dulcina-Odilon. A década de 1930 significou o auge da carreira desta importante atriz brasileira, bem como a execução de seu projeto para a modernização do nosso teatro. Modernização pautada no modelo norte-americano, para o qual a atriz consegue, em 1938, o apoio do presidente Vargas em detrimento do projeto a ser executado pelo Serviço Nacional de Teatro. O governo Vargas implantou pela primeira vez no país mecanismos administrativos que visavam regulamentar a atuação do governo junto ao teatro. Mas esta relação continuou ser marcada pelo personalismo, a ponto de contar com a intervenção direta do presidente nas decisões sobre o setor, como foi o caso de ceder quase toda a verba de um ano do SNT para a Companhia Dulcina-Odilon, implantar seu projeto modernizador. A diluição das fronteiras entre o público e o privado, tão inerente às nossas políticas públicas para as artes, não significava neste caso que a atriz Dulcina de Moraes desejasse simplesmente se apossar, através de astúcias e manipulações, de uma grande fatia do recurso público destinado ao teatro. Mas, que a mesma acreditava que seu teatro era o que podia vir a contribuir para modificar de forma significativa a cena brasileira. Ela se percebia como a modernidade cênica, como um contraponto ao que se praticava no teatro brasileiro profissional na década de 1930, um teatro dominado pela Revista e pelas comédias de costumes, um teatro, segundo a perspectiva dos modernizadores entre estes a atriz Dulcina, preocupado apenas com o lucro fácil e, conseqüentemente, ultrapassado em sua estética e na sua capacidade de contribuir para a renovação da cena nacional.

Palavras-chave: Políticas Públicas; Fronteiras; Atriz

Veronica Giordano

GT: Feminismos em Tempo de Ditadura

Título: *El Año Internacional de la Mujer (1975) y la dictadura (1976-1983)*

Resumo: La afirmación de la dictadura institucional de las Fuerzas Armadas en Argentina en 1976 coincidió con el despliegue de un debate internacional acerca de los derechos de las mujeres, sobre todo a partir de 1975, cuando la ONU convocó a celebrar el “Año Internacional de la Mujer”, uya actividad central fue la Conferencia celebrada en México en los meses de junio y julio de ese mismo año. En el marco del régimen dictatorial, surgió en Argentina una serie de movimientos de mujeres (entre ellos El feminista) que funcionaron como grupos de presión ante el Estado. Las formas de la acción colectiva estuvieron modeladas precisamente bajo el “paraguas” que significó la convocatoria de la ONU. El “Año Internacional de la Mujer” replicó los esfuerzos de las mujeres argentinas por conquistar sus derechos. Sin embargo, las primeras organizaciones feministas fueron desplazadas en ocasión del encuentro que el gobierno de María Estela Martínez de Perón convocó en el Centro Cultural San Martín en agosto de 1975 como parte de las

atividades oficiais organizadas para la celebración del mencionado “Año”. Asimismo, en 1976 se programó La realización de un seminario internacional, en línea con las recomendaciones de la Conferencia de México, pero este tuvo que suspenderse pues las fechas previstas, 22 al 26 de marzo de 1976, coincidieron con el golpe de estado que dio comienzo al autodenominado Proceso de Reorganización Nacional. Em 1980, um grupo de feministas de distintas extracciones organizó una campaña por la reforma del régimen de patria potestad. Esta ponencia busca reconstruir estos hechos poco visibilizados en la historia de la dictadura argentina.

Palavras-chave: Dictadura; derechos civiles; Feminismo

Verônica Lima da Fonseca Almeida

GT: Movimentos Sociais e Trabalho

Título: *As mulheres viúvas e um destino traçado sobre pressão e pobreza*

Resumo: Este trabalho é resultado de um estudo etnográfico realizado com a comunidade tradicional rural, atualmente residente no núcleo urbano de São João d’Aliança, no estado de Goiás. Este município se originou no início do século XIX a partir da Fazenda Olhos d’Água, a qual foi dividida entre vários herdeiros e aos poucos tornou-se vila, povoado e distrito. Entre 1939 a 1953, São João d’Aliança era distrito de Formosa, até que em 1954, emancipou-se tornando-se município. Esta comunidade tradicional que está na região antes de 1960, ainda se identifica como lavradora, pois esta desenvolveu um modo de produzir e se organizar a partir do trabalho na terra, sendo a família a principal unidade econômica. Deste modo, os membros da família são visto como uma unidade produtiva que garante o sustento de todos. A perda de um membro na família pode ser catastrófica, principalmente se for o homem (ou seja, o chefe da casa) que vier a falecer, pois toda a família, em especial a mulher, fica sofrerá muitas pressões internas e externas da sociedade. A memória coletiva foi à metodologia adotada para levantar os dados, neste sentido, este estudo abordará algumas situações levantadas pela memória dos velhos e adultos com idade entre 30 a 92 anos. Objetiva-se discutir sobre a situação das mulheres rurais sofrem por não ter orientação e recursos para garantir seus direitos e sua sobrevivência. Os resultados demonstraram de 1939 a 1980 as situações de conflitos eram muitos em torno do poder político e da posse de terra, neste sentido a mulher que ficava viúva, era pressionada por violência, ingenuidade e expulsão da sua propriedade, ou seja, estava destinada a ficar mais pobre e desamparada.

Palavras-chave: mulheres; viúvas; família; perdas da propriedade

Vívian de Camargo Coronato

GT: Arte

Título: *Neide Maria Rosa: uma mulher, três nomes próprios e várias facetas*

Resumo: Neide Maria Rosa, destacou-se como radioatriz, locutora de spots comerciais, produtora e apresentadora de programas radiofônicos e também cantora em Florianópolis. Na década de 1960 é tida como a cantora society da cidade e possuía muitos admiradores tanto da classe mais abastada, que ia ouvi-la nos Bailes do Clubes, quanto da classe menos favorecida, que a ouvia através do Rádio ou do auditório da Rádio Diário da Manhã. Convidada pela cantora Elisete Cardoso passa a morar, a partir de 1967, no Rio de Janeiro, e entre as mudanças que ocorreram em sua carreira, uma

é a mudança de nome, sugerida por Sérgio Porto, mais conhecido como Stanislaw Ponte Preta, que disse que seu nome deveria ser Neide Mariarrosa, assim mesmo, tudo junto com dois erres. Neide, agora Mariarrosa, é apresentada a jornalistas, cantores, apresentadores e pessoas influentes do Rio de Janeiro. Participa de programas televisivos e festivais importantes (como o II Festival Internacional da Canção) e faz temporadas como a do espetáculo Sua Excelência, o Samba, no Copacabana Palace. É tida como uma promessa pelos jornais. No entanto, retorna na década de 1970 a Florianópolis. O motivo? Disse ela: saudades. A cantora se identificava imensamente com a cidade, mas a cidade da década de 1970 já não era a mesma Florianópolis pacata que ela havia deixado. Qual a relação entre Neide e a cidade? Como ela se transformou? Quem era a Neide Maria? E quem era a Mariarrosa? Qual sua posição em relação à ditadura? A proposta deste escrito é apresentar algumas pistas a estes questionamentos.

Palavras-chave: Neide Maria Rosa; memória; história

Zaira Anislen Ferreira Moutinho

GT: Movimentos Sociais e Trabalho

Título: *Rituais e memórias da Guerra do Contestado e a atual militância política feminina no planalto norte catarinense. Uma relação de referço positivo?*

Resumo: A Guerra do Contestado ocorrida no Planalto Catarinense foi recontada a partir de diferentes perspectivas e olhares. Militares e acadêmicos, sejam da esquerda ou da direita, dominam o espaço dedicado à memória do contestado e em geral dedicam uma posição periférica à participação das mulheres durante a rebelião. Estas são lembradas nos textos como “as virgens do monge” e o papel de liderança acaba esquecido. De acordo com Susana A. de Oliveira, os conceitos de gênero e raça permitem compreender a forma com que os textos têm sido estruturados sobre o assunto. Partindo de uma narrativa diferenciada sobre o papel das mulheres na Guerra do Contestado, esse trabalho objetiva discutir a relação entre a permanência de alguns rituais religiosos, “puxados” atualmente pelas mulheres no Planalto Norte Catarinense e a participação política feminina no território. Os resultados apontam para o fato de que as reuniões religiosas, que agregam famílias caboclas e famílias compostas por diferentes etnias em torno dos “rituais da tradição”, reconstróem a memória da guerra, de forma a justificar e fortalecer a militância feminina, sendo assim um fator importante na motivação das mulheres em relação à liderança em organizações, como exemplo a AGRUPAR (Associação de Grupos de Pequenos Agricultores de Canoinhas). Esse trabalho é parte das reflexões iniciais de uma pesquisa de mestrado sobre os obstáculos e potencialidades para a participação política das mulheres jovens rurais do Planalto Norte de Santa Catarina em um contexto de articulação do Território da Cidadania na região e compõem os principais resultados da primeira fase do trabalho de campo em três municípios (Bela vista do Toldo, Três Barras e Canoinhas). Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com lideranças (mulheres e homens) de organizações civis, representantes do poder público e famílias rurais. As entrevistas foram gravas e posteriormente analisadas.

Palavras-chave: Participação política da mulher; Gênero; Memória da Guerra do contestado

Programação dos GTs: Mariana Joffily e Lilian Back

Organização dos resumos: Lilian Back

Planejamento gráfico e diagramação: Juliana B. Kroeger

Revisão: Cristina Scheibe Wolff, Joana Maria Pedro,
Isabel Cristina Hentz, Adriano Luna de Oliveira Caetano,
Larissa Viegas de Mello Freitas

Impresso em Abril de 2009

Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

www.coloquioconesul.ufsc.br



C A P E S



FAPESC



UFSC

Secretaria Especial de
Políticas para as Mulheres



www.coloquioconesul.ufsc.br

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul
Laboratório de Estudos de Gênero e História, Universidade Federal de Santa Catarina
Campus Universitário – Trindade - CFH - CEP 88.040-970
Florianópolis - Santa Catarina - Brasil